AS

OBRAS

DO DOCTOR

FRANCISCO DE SAA

De Miranda.

Agora de nouo impressas com a Relação de sua calidade, & vida.





Com todas as licenças necessarias.

Por Vicente Aluarez. Anno de 1614.

Com Priuilegio Real por dez annos.

Domingos Fernandez liureiro.

Tayxadas a 160. reis em papel.

AS

OBRAS

DO DOCTOR

FRANCISCO DE SAA

De Miranda.

Agora de novo impressas com as Rela-

ção de suas qualidades, & vida.

Com todas as licenças necessarias.

Por Vicente Alvarez. Anno de 1614.

Com Privilegio Real por dez annos.

Vendem-se em casa de Manoel Lopes Ferreira.

Tayradas a 160. reis cada parte.

VI Este Liuro de Francisco de Sâ de Miranda, & nam tem cousa por onde senam possa imprimir, em Sam Domingos de Lisboa, 6. de Agosto de 613.

Frey Vicente Pereira.

VIsta a informaçam podemse imprimir estas Obras do Doctor Francisco de Sà de Miranda, & depois de impressas tornem a este Conselho pera se conferirem com o original, & se dar licença pera correrem, & sem ella nam correrâ. Em Lisboa aos 21. de Agosto de 613.

O Bispo de Nicomedia. Bertholameu da Fonseca. Antonio Dias Cardoso.

POdemse imprimir estas Obras do Doctor Francisco de Sâ de Miranda, aos 5. de Iulho de 614.

Viegas.

POdese imprimir este Liuro do Doctor Francisco de Sà de Miranda, visto a licença que tem do Sancto Officio, & do Prouisor do Arcebispado, & depois de impresso tornará para se taixar, al nam correrà. Em Lisboa a 7. de Iulho de 1614.

Francisco Vaz Pinto. L. Machado.

TAyxão este Liuro das Obras de Francisco de Sà de Miranda em oito vintéis cada volume em papel. Em Lisboa a 7. de Nouembro de 1614.

Francisco Vaz Pinto. *L. Machado.*

ERRATAS.

FOlio 6.Soneto 23.verso 1.cabe vna en boz,diga,cabe vna fuentẽ en boz.

Mondego.

F.12.estança 11.vers.10.ora,diga,aora.f.15.estan.21.ver.6.cantar, diga tañer.f.21.estan.42.ver.5.quando,diga,que yuan,f.21.estan.42,vers.vlt.a la ceniza,diga,a las cenizas,f 22.est.46.vers.6.que buscandole a el,diga, porq̃ estando con el.

Celia.

F.26.estan.24.vers.5.mal,diga,mas.f.27.est.27.vers.2.ronco.diga,roco.f.31.est.49.v.1.ardiẽdo,diga.ardiẽte.

Anrdes.

F.36.est.24.v.4 triſtes,q̃ ſon años,diga.antes luengos años,f.37 est.31.v.7.o por otros algunos inſtrumẽtos,diga,o por diuerſos acontecimiẽtos,f.37.est.32.v,8. Juſta,diga,injuſta.f.38 est.36.verſ.7.y las mis,diga,ay las mis.

Gonçalo.

F.46.na cantiga do cego,volt.2.verſ.3 pienſo,diga,pienſas.

Epitalamio.

F.67.no terceto q̃ começa,q̃ poquedad es eſſa,ha de eſtar o nome de Nuño,por q̃ he o q̃ fala f.74 Ramo 4.v.2.tan arinadas,diga.de ira armadas.

Aleixo.

F.84.eſt.2.v.6 yá çãpoña,diga.la çãpoña f.87.na volta 2.v.5. quiſiere,diga,ſiguiere f.90 troua 82.ſuã,diga,Anton,porq̃ elle he o q̃ fala.f.90. volta 5.v.1.enteados,diga,entre dos.

Baſto.

F.95.troua 14.v.vlt meter verſos,diga,meter verbos.f.97.troua.37.v vlt.tem, diga,tens.f.99 troua 54.v.1.em eſta,diga,& neſta.f.99 troua 60.v.4.forças.dig, forcas.f.100.troua 64.v.vlt.cantar.diga,bradar.

Carta 1.

F.103.troua 20.v.4.chamão poder,diga,chamão valer.f.103.trou 23.v.vlt engano,diga,dano.f.104.troua 32.v.3.do amo longe,diga, o dano lõge, na meſma troua,v.4.o entẽde,diga,& entende.

Carta 2.

F.3.tro.76.v.2.às agoas,dig,às cegas.f.3 tro.76.v.vlt.& arte tẽ,diga,a arte tẽ.

Carta 3.

F.112.troua 5.v.vlt.ſciẽcia,diga,ſciẽcias,f.112.trou.13.v.1. alumia,diga,alumea.f.115.trou.54.v 4 q̃ nos eſpãte,diga,q̃ não ſe eſpante.

Carta 4.

F.116.trou.5.v.vlt.cãpo,diga,tẽpo,f.117.trou.20.v.vlt.vão» & vão,diga,vão,& vem.

Carta 5.

F.119.trou.25.v.4.q̃ nos vendeo,diga,q̃ vos vẽdeo.f.144.Eſparſa 1.a noſſa bulla diga.a voſſa bulla.

DOMINGOS FER-
NANDEZ LIVREIRO.



PROLOGO.

ENTRE As Obras do Doctor Franciſco de Sá de Miranda, que ſe imprimirão o anno de 1595. & eſtas q̃ agora imprimimos, ſendo as meſmas, ha tamanha differença, que parece forçado dar algũa rezão deſta deſſemelhança, & variedade, conſtando particularméte que ſe tresladarão aquellas do proprio cartapacio eſcrito da mão, & letra de Franciſco de Sà, mas poſto que nem faltão muitas, nem eu as julgo por deſneceſſarias de todo, acomodandome aos goſtos deſte tempo, que ſô polo nome condenão os Prologos, não darey mais q̃ duas naturais, & faceis com que acabaremos eſte.

Bem ſe moſtra polos primeiros tres Sonetos deſtes papeis q̃ o Principe Dõ Ioão filho del Rey Dõ Ioão o III. os mandou pedir a ſeu Autor por outras tantas vezes, & q̃ elle lhos mandou aſſi diuidos (quais de cada hũa não pude alcançar) & ſendo aſſi, natural couſa parecerà a todos q̃ primeiro limou, polio, & purificou o q̃ mandaua a hum Principe mancebo, & curioſo, & a hũs corteſaõs

teſaõs de cujas enuejas, calũnias, ê murmuraçõeſ neſſas meſmas obras tã engenhoſamẽte ſe q̃ixa.

Pequena marauilha he logo, q̃ diffirão eſtes papeis, q̃ ſaõ as copias daquelles, dos q̃ ſe treſladarão do primeiro original, q̃ nem ſe moſtraua a alguem, nem ainda ſe pode bem lèr, ſegũdo eſtà de riſcado, entrelinhado, & marginado. Em muitas folhas, & cõ eſta palaura Latina, polas mais das entrelinhas, è margẽs vel, vel, q̃ moſtra bẽ, q̃ atê a ſeu proprio dono era duuidoſa a eſcolha.

A outra rezão ſeja em contrario deſta, & digamos, q̃ alcançando Franciſco de Sâ em vida ao Principe por tempo de quatro annos (morreo hum em Ianeiro de 1554. & o outro no de 58.) aquellas entrelinhas, riſcas, & margẽs que no ſeu cartapacio ſe vem (o qual eſtà em Saluaterra de Galiza, em poder de Dom Fernando Cores Sotomayor) forão emmendas q̃ lhe elle fez depois, que com melhor diſcurſo vio, ponderou, riſcou, & ſe arrependeo do que tinha mandado, & que eſta, & não a outra he a cauſa da deſconformidade, que ſuas obras entre ſi tem.

E poſtas aſſi eſtas duas rezões, por cada hũ dos textos o juizo deixo aos curioſos q̃ os quiſerem conferir, aos quais offereço o trabalho q̃ tiue em recolher de muitos, q̃ por varias mãos andauão eſpalhados, eſte q̃ aqui lhes preſento.

Domingos Fernandez Iaureiro.

DOM MANOEL DE PORTVGAL, AS Obras de Francisco de Sà.

SONETO.

ALma felice, a nos alto decoro
De virtude, por quem os Reys deixaste,
Ao som de teu espirito a que cantaste
Nunca assi respondeo ecco sonoro.
Indo desta região, donde inda moro
Saudoso de ti, que amando, voaste
A essa de luz: magino desque entraste,
Que versos cantaràs no eterno coro.
Tua voz acordando, & teu conceito,
Com hum, & outro espirito, qu'em seu canto
Do que sempre assi vé, sempre se admira.
Recebe o que de ti sente este peito,
Por deuido louuor, & estima quanto
Ora te faz soar hũa culta Lyra.

VIDA

VIDA DO DOVTOR FRANCISCO DE SA DE MIRANda, collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão, & tratarão, & dos liuros das gerações deste Reyno.

NASCEO *Francisco de Sà de Miranda na Cidade de Coymbra no Anno do Senhor de 1495. o mesmo dia em que el Rey Dom Manoel tomou posse do gouerno destes Reynos, foy filho de Gonçalo Mendes de Sá, & neto de Ioão Gonçalues de Miranda, que viueo junto a Buarcos, & de Dona Phelippa de Sâ sua molher, que era filha de Rodriguenes de Sà, & neta de Ioão Rodrigues de Sá o primeiro que chamarão das Galès assas conhecido em tempo del Rey Dom Ioão de boa memoria. Despois das primeiras letras de humanidade (em que foy insigne) estudou leys mais em obsequio ao gosto del Rey Dom Ioão o Terceiro, q̃ de nouo plantara então a Vniuersidade na sua terra, q̃ por inclinação que tiuesse àquella maneira de vida, & com tudo obedecendo a seu pay que lha escolhera, continuou nella com felices porgressos, & sabio grande letrado, tomou o grao de Doutor, & leo varias cadeiras daquella faculdade em sua propria patria, porẽ conhecẽdo os perigos que o vso desta sciencia tras consigo em materia de julgar, tanto que lhe faltou seu pay não sô deixou de todo as escollas, mas engeitou os lugares do Desembargo, q̃ por muitas vezes lhe forão offerecidos ficando sò consumandose no estudo da Philosophia Moral, & Estoyca a que sua natureza o inclinaua.*

¶ ¶ *Elcuan-*

E leuantandolhe ella o penſamento ao deſprezo de todas as couſas de cà quis peregrinar pollo mundo, porque no repouſo a que determinaua recolherſe, o não inquietaſſem as nouas do que não vira, & aſsi ſe foy a Italia viſitando primeiro os mais celebres lugares de Eſpanha, & tendo viſto com vagar, & curioſidade Roma, Veneza, Napoles, Milão, Florença, & o milhor de Cicilia, tornouſe ao Reyno, & deteueſe algum tempo na corte del Rey Dom Ioão o Terceiro, que ja auia muito que reynaua, & alli co as calidades de ſua peſſoa, & boas partes q̃ nelle concorrião, ſem outra algũa ajuda das que coſtumão leuantar ainda os indignos, ſe fez tamanho lugar, que foy ſem controuerſia, ſenão o mayor hum dos mais eſtimados corteſaõs de ſeu tempo, concorrendo cos milhores que eſte Reyno teue por ventura, & iſto naõ ſò dos companheiros, mas del Rey, & dos Principes, & o que he mais dos vallidos com quem ordinariamente nam adiantaõ os amigos de antes quebrar, que torcer (como elle diz) tomando em deſprezo proprio a eſtimaçam alhea, & ſentindo como injurias particulares a deteſtaçam que os judicioſos, & diſcurſiuos fazem dos vicios em gèral.

Mas nam foy iſto ſempre, o bom acolhimento digo que achou no mayor poder, porque ainda que o noſſo Poeta podera ſer em ſeu modo mayor que a enueja. Como Quinto Curſio diz que o foy Alexandre no ſeu, nam quis ella perdoarlhe, concitando em ſeu danno hũa peſſoa muito poderoſa daquella era em deſprazer de quem ſe interpretaua mal pollo meſmo enueja hum lugar da ſua Egloga de Aleyxo, o que ſentindo elle, nem querendo declararſe milhor, nem eſperar â viſta os effeitos da ira declarada, tendolhe el Rey dado hũa Comenda do Meſtrado de Chriſto, que chamaõ as duas Igrejas no Arcebiſpado de Braga junto à Ponte de Lima, recolheoſe a hũa quinta que tambem tinha ahi perto chamada a Tapada, deixando o mimo da Corte, a conuen-

ſaçam

façam dos amigos, a esperança de mayores merces asseguradas no fauor do Principe Dõ Ioaõ, q̃ em muito tẽra idade, começaua a fazerlhe grande, è do Cardeal Dõ Henrique, q̃ cõ mostras de particular affeição assistia a suas cousas, è estando alli logrando quietamẽte o fruto de seus estudos, & peregrinações, casou com Dona Briolanja Dazeuedo filha de Francisco Machado senhor da Lousaã de Crasto Darega, & das terras de entre Homẽ, & Cãuado, & de Dona Ioana Dazeuedo sua molher, com a qual viueo annos em grande conformidade sendo ella taõ pouco fermosa exteriormente, & de tanta idade q̃ quando a pedio a seus irmãos Manoel Machado, é Bernaldim Machado, por ser seu pay jà morto, não quiserão elles diffirirlhe ao casamento, sem q̃ primeiro visse bẽ a noyua. & sendolhe mostrada pollos irmãos, disse para ella, castigayme senhora cõ esse bordão, porq̃ vim tam tarde, mas parece q̃ como Francisco de Sà viueo em todas as cousas do mundo quasi abstraydo do mesmo mundo, q̃ assi foy tambẽ nisto, naõ lhe faltando algũ Philosopho aquẽ imitasse, estimando sobre tudo os dotes dalma daquella matrona, q̃ foram excellentes, cõforme a seu estado por testemunho de homẽs daquella comarca, que inda oje o dam do cuidado q̃ tinha da honra de Deos, do descanso de seu marido, da criaçam de seus filhos, da doutrina de seus criados, & do prouimento de sua casa, com que o marido a amaua de maneira q̃ faltandolhe ella faltou elle breuemente entre estremos de sentimento senam dignos do animo de hũ tam grande Philosopho, deuidos pollo menos à estimaçam que com seu profundo juizo fez daquella perda.

Teue dous filhos desta molher de q̃ o primeiro se chamou Gonçalo Mendez de Sà como seu auò, o qual ainda muy mancebo, mas de tam boa indole, & partes (como o elle pinta na Elegia, que acerca de sua morte respondeo o Doutor Antonio Ferreira) mandou a Africa seruir hũa comenda

(a onde quaſi todos os moços daquelles tẽpos hiam cengir a primeira eſpada) & chegado de poucos dias a Ceyta ſuceedeo a perda de Dom Pedro de Menezes filho do primeiro Conde de Linhares Dom Antonio, que era Capitam do lugar onde Gõçalo Mendez tambẽ acabou cõ muitos outros, entre os quais foy Dom Antonio de Noronha ſobrinho do Capitam filho do Conde Dom Franciſco q̃ deu cõ ſua morte occaſiam áquella lamentauel Egloga de Luis de Camões de Vmbrano, & Frondelio. Chamouſe o outro filho Hieronymo de Sà Dazeuedo, o qual caſou deſpois da morte de ſeu pay cõ Dona Maria de Menezes filha de Franciſco da Silua de Menezes o Galego irmaõ inteiro de Diogo de Souſa, q̃ foy pay do Conde Ruy Mendes de Vaſconcellos, que oje viue, é de Dona Lianor de Mello ſua molher filha de Dõ Aluaro de Mello Abbade, q̃ foy de Reſoyos de Lima, dos quais he filho Franciſco de Sà de Menezes, que viue de preſente neto do noſſo Franciſco de Sá, è o foy tambẽ hũa irmã ſua q̃ caſou cõ Dõ Fernando Cores Sotomayor, q̃ viuia em Saluaterra de Galiza o anno de 1593. já viuuo della, & he rezaõ que digamos aqui q̃ quando aquelle fidalgo caſou com eſta neta de Franciſco de Sà, quis que no dote q̃ lhe deram entraſſe em hũ grande preço o Liuro Original de ſuas Poeſias, o qual tẽ, & eſtima como ellas merecẽ, a mayor parte das quais elle cõpos naquella ſua quinta da Tapada em eſtilo Lirico, & Paſtoril, & todas, ou as mais dellas ſobre caſos particulares que ſuccederam na corte em ſeu tempo, introduzindo peſſoas conhecidas daquelles q̃ entam viuiaõ, de que ainda temos algũas tradições, è veſtigios deriuados a nòs dos contẽporaneos que o venceram em dias, & ſe ouuera algũ que fizera hũa anotaçam diſto, por ventura que fora bem agradauel hiſtoria, porque nam ficaramos só pendẽtes cada hum de ſeu juizo na eſpeculaçam deſtas cauſas, ainda que o engenho, & arteficio Poetico cõ que as elle diſpos he

pos he bastante materia pera ocupar, & deleitar a toda a curiosidade, porque de maneira se aproueitou da doutrina, & preceitos de todos os Philosophos, & Poetas que se concorrera cõ elles em hum mesmo tẽpo, mal se poderão determinar os homẽs q̃ lerão as obras de hũs, & outros quẽ imitara a quẽ; que assi leuantou Francisco de Sà, & sobio em muitos lugares as cousas daquelles que milhor se pode affirmar, que saõ nelle proprias, que imitadas.

Tratou antes de conceitos, & substancias, que de termos vãos, & põposos, spanto de principiantes, rediculos, & inuteis aos que milhor entendem, guardando todauia com tamanho rigor as regras da arte, que os que attentamente o passarẽ não lhes ficarà necessidade de lér em as Poeticas de Aristoteles, & Horacio, que elle parece, não largaua da mão.

Foy o primeiro que compos versos grandes neste Reyno, bastante desculpa das miudezas q̃ se tachão em algũs seus desta medida pera aquelles homẽs, ao menos que attendẽdo ao que se diz, não curão muito do modo, & tambem o he não pequena pera os muy obseruantes da lingoa Castelhana, se no que compos nella acharem que calumniar (em rezim de palauras) auer escrito em tempo que os Portugueses senam entendiam tambem co ella, como com elles, & as lingoas vulgares que nam pendem de preceitos coartadamẽte nunca se sabem bem senam co vso contino, & tratto ciuil, & sempre os estrangeiros que as nam tiuerem praticado muito fallaram, & escreueram com grande perigo nellas de maos ascentos, & piores significações, de que poderamos appontar exemplos, senam ficaram mais em escandalo de algũs, q̃ em vtilidade de nosso intento q̃ ha mister menos, porq̃ na substancia, è madureza de Francisco de Sâ saõ isto accidẽtes de nenhũa importancia, o qual naõ sòmẽte foy inculpauel na grauidade das sentẽças, na agudeza dos concei

tos, na propriedade dos termos, na moralidade das figuras, na imitação dos Poetas, na observação das regras, senão inimitauel tãbẽ na pureza cõ q̃ fallou em materias amorosas, q̃ he de maneira que até as duas Comedias q̃ fez em prosa, q̃ por rezão do estilo Comico saõ mais licenciosas, o Cardeal Dom Anrique que despois foy Rey destes Reynos, tam pio tam zelador da Fè, & dos bõs costumes, reformador das Religiões, Legado à Lattere, Inquisidor Mór, não so lhas mãdou pedir pera as fazer (como fez) representar diante de si por pessoas que despois foram grauissimos ministros, a que se achou presente entre outros Dom Iorge de Atayde Bispo de Viseu, meritissimo Abbade d' Alcobaça do Conselho do Estado, & Capellão Mór del Rey, senão pouco despois de Francisco de Sà morto, porque se ellas nam perdessem as fez imprimir ambas em Coymbra na forma em que andam, & as tinha, & lia muitas vezes.

Foy tam particular mestre do tratto da nossa Corte do nosso modo de conuersar dos termos com que entre nòs se declaraõ os que milhor sabem declararse, que passando ha tantos annos ainda oje os bem lidos nelle se vallem de sua doutrina, como de Apothemas argutissimos em toda a varieda de de materias tocantes a estilos de Corte, & costumes politicos, & ainda os Prègadores nos pulpitos.

Morreolhe sua molher o Anno de 1555. com o q̃ elle começou a morrer logo tambem pera todas as cousas de seu gosto, & antigos exercicios, tanto que viuendo ainda tres annos despois della, nam se acha que composesse mais que hum Soneto, que fez á sua morte, que começa. Aquelle spirito jâ tambem pagado, & affirmão pessoas que o conheceram, que nunca mais sahio de hũa casa, senam pera ouuir os Officios Diuinos, nem apparou a barba, nem cortou as vnhas, nem respondeo a carta que lhe alguem escreuesse atè que acabou de todo.

Foy

Foy homem grosso de corpo, de meã estatura, muito aluo de maõs, & rostro, com pouca còr nelle, o cabello preto, & corredio, a barba muito pouoada, & de seu natural crecida, os olhos verdes bem assombrados, mas com algũa demasia grandes, o naris comprido, & com cauallo, graue na pessoa, melancolico na apparencia, mas facil, & humano na conuersaçam, engraçado nella com bom tom de falla, & menos parco em fallar, que em rir, & porque pode seruir pera melhor intelligencia de algũas figuras, termos, & sentẽças destes seus papeis o conhecimento de seus particulares exercicios, direy aqui o que pude alcançar delles.

Era inclinado á caça dos Lobos, & exercitaua muitas vezes, indo a ella soteado todo, & â gineta jugaua o taboleiro, & nenhum outro jogo, donde parece que tirou a metaphora de que vsa nas Eglogas de Basto, & na de Nemoroso, & alguns outros lugares, como [Si licet sacra miscere profanis] fez o Propheta Amos, que do exercicio do campo em que se criou tomou os termos com que escreueo a sua prophecia, tangia violas darco, & era dado à musica, de maneira que com nam ser muy rico tinha em sua casa mestres della custosos, que ensinauam a seu filho Hieronymo de Sá, de quem se diz que foy estremado naquella arte, & contaua Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte disto) que quando o hia a ver viuendo em Ponte de Lima patria sua, lhe mandaua tanger o filho em diuersos instrumentos, & o reprendia algũa vez de algum descuido, foy sobrio, & austero consigo, & largo com algum excesso cos hospedes que indifferentemente agasalhaua com gosto particular, costumando a dizer, que o liurauam de si o tempo em que os conuersaua, & cõrezam, porque se conta delle que estando sem gente de cumprimẽto (& ainda cõ ella) se suspendia algũas vezes, & muy de ordinario derramaua lagrimas sem o sentir; porque quando lhe acontecia à vista

d'alguem, nem as enxugaua, nem torcia o roſtro, nem deixaua de continuar no que hia fallando, parece que como outro Heraclito com a magoa do que lhe reuelaua o ſpirito dos infortunios da ſua terra, de que neſtes papeis ſeus ſe vee quam grandemente ſe temia.

Soube tanto da lingoa Grega, que lia a Homero nella, & acotaua de ſua mão em Grego tambẽ, & no anno de 1584. tinha eſte liuro que fora ſeu, Gonçalo da Fonſeca de Caſtro morador em Lamego fidalgo curioſo, & bem inſtruydo na lingoa Latina, ao qual, & a Gomez Machado Dazeuedo, que ainda oje viue na comarca d'entre Douro, & Minho, & viuia entam em Villa Real, ſobrinho da molher de Francisco de Sà, filho de Bernaldim Machado ſeu irmaõ, & aos Doctores Hieronymo Pereyra de Sá, & Anrique de Souſa Deſembargadores que foram do Paço pouco ha paſſados eſtreitos parentes ſeus, é ao ſenhor Dom Manoel de Portugal digno por ſeu admirauel ſpirito deſte, & doutros mayores titulos, com os mais que nomeamos ſeguimos neſta Relaçam.

E ſobre tudo o que mais ſoube Franciſco de Sâ foy ſer pio, & Catholico Chriſtaõ, deuotiſsimo em particular da Virgẽ noſſa Senhora, em cujo louuor compos as duas Canções que neſtes papeis ſe vem em ſeu nome. Morreo com todos os Sacramentos de idade de 63. Annos no de noſſo Saluador de 1558. eſtà enterrado na Igreja de Sam Martinho de Carrazedo Arcebiſpado de Braga com ſua molher, & cunhados na Capella de Sancta Margarida.

E Martim Gonçaluez da Camara varam grauiſsimo filho do Capitam da Ilha da Madeira do Conſelho do eſtado del Rey grande vallido de Dom Sebaſtiam o primeiro, & muy eſtimado de ſua Mageſtade, que Deos guarde auendo reſiſtido as dignidades Eccleſiaſticas que lhe foram offerecidas, & retiradoſe no fim da idade a viuer priuadamẽte cos

Padres

Padres da Companhia em Sam Roque de Lisboa, não lhe pareceo que encontraua os intentos com que se alli fora, nem as calidades, & circunstancias que nelle concorriam em tratar da honra que se deuia à memoria de tam grande homẽ, & assi se occupou os vltimos meses de sua vida em lhe mandar lá melhorar a sepultura, & pôr este Epitaphio em lingoa Latina, polla qual obra será sempre tam louuado dos bõs spiritos, como he rezam que o seja de todos os homẽs pollo zelo da justiça, & bem publico que mostrou em todos os estados, & fortunas, &c.

EPITAPHIVM

FRANCISCI DE SAA

De Miranda.

Rustica quæ fuerat solis vix cognita siluis
Aulica Miranda Musa canente fuit
Maturosq́; iocos, & ludrica seria ludens
Diuina humanum miscuit arte Melos
Cum posset gladio transcendere nomen auorum
Maluit arguti militiam calami
Post habuit fasces, & inertis laudis honores
Ac docuit pletro pro meruisse decus
Omnia Mirandus Mirandus puluére, in ipso est
Puluére in hoc patriæ gloria escripta manet.

TABOADA
DESTE LIVRO.

Eglogas.

D	DE los nobles Floyaïs.	Fol. 53
	Derecho ſucceſſor, firme coluna.	65
E	El congoxoſo llanto, el temerario.	32
	Eſtas nueſtras çampoñas las primeras.	77
F	Filho daquelle nobre, & valeroſo.	41
I	Incluto Rey que de vno al otro Polo.	9
P	Polas ribeiras de hũs rios.	93
S	Sereniſſimo Iffante a quien ſe deue.	22

Cartas.

C	Como eu vi correr pardaos.	107
	Cuidando em vos ſenhora no alto engenho.	125
D	Dos noſſos Sâs Coloneſes.	115
E	Em quanto de hũa eſperança.	111
	Eſta branda Elegia, eſta tam voſſa.	132
G	Guadalquiuir arriba a rica praya.	121
M	Monte Mayor, que a lo alto del Parnaſo.	128
N	No lugar onde me viſtes.	118
R	Rey de muitos Reys ſe hum dia.	102

Elegia.

O	O Principe Dom Ioam de Portugal.	134

Can-

TABOADA.

Cançoes.

D *Dia gracioso, & claro.* 141
V *Virgem fermosa que achastes a graça.* 138

Sonetos.

A *A Principe tamanho.* 1
A do se bolverà. 6
Ah que diré que es esto. 5
Alma que fica por fazer. 3
Amor que nam farà. 3
Amor tirando vá. 6
Aquella apresurada. 5
Aquella fé tam pura. 2
Aquellas esperanças. 2
Aquelle Spirito jâ. 7
Assi que me mandaueis. 8
A vossa verdadeira penitente. 7
C *Cabe vna fuente.* 6
D *Del Tibre embuelto.* 4
Desarrezoado amor. 2
E *Em pena tam cruel.* 2
Entre Sesto, y Abido. 5
Este retrato vosso. 7
I *Inda que em vossa Alteza.* 1
Yo no entiendo bien que. 4
L *Lleuada al sacrificio.* 5
N *Nam ousaram têgora.* 8

TABOADA.

	Nam sey que em vos.	3
	Neste começo de anno.	7
O	O Sol he grande.	3
Q	Que es esto Philu.	6
	Quando eu senhora em vos.	4
	Quien darà a los mis ojos.	4
S	Soem as vezes ser.	8
T	Tantas merces.	8
	Tardey, & cuido.	1

Esparsas.

A	A vossa bulla do amor.	144
C	Como nam quereis que seje.	144
	Serra a serpente os ouuidos.	145
D	Do passado arrependido.	144
M	Mandar em tal tempo luuas.	145
N	Nam vejo o rostro a ninguem.	144
P	Porque pudera abafar.	144
Q	Quando nos meus erros cuido.	145
	Que la mi vida se assuele.	145
T	Todas as cousas tem cabo.	144
	Tornouse me tudo em vento.	144

Cantigas.

A	Ay que el alma se me sale.	150
	Alma tam sem assossego.	148
	Até quando me tereis.	151
C	Cego deste meu desejo.	146

Comigo

	Comigo me desauim.	145
	Como no se desespere.	149
D	*De quem me deuo queixar.*	151
E	*El agrauio que recibo.*	148
	En toda la Tramontana.	150
	Entre temor, & desejo.	151
F	*Foyme grande agrauo feito.*	146
H	*Hũa morte ey de morrer.*	149
	Huye el tiempo, està el mal quedo.	150
L	*La que yo tengo no es prision.*	149
	La bella mal maridada.	150
	Ledo em meus males sem cura.	149
M	*Mal de que eu me contentey.*	149
N	*Nacido, & criado em meo.*	145
	Nada do que vêz he assi.	146
	Naquella alta serra.	151
O	*O coraçaõ que vos vee.*	146
	Olhay a camanha estreita.	147
P	*Pois meu mal com quanto he.*	147
	Por estes campos sem fim.	147
	Puede se esta llamar vida.	148
Q	*Que he isto onde me lançou.*	145
	Quanto mal me hão ordenado.	148
R	*Rezão, & tempo seria.*	146
S	*Senhora oyd la mi suerte.*	148
	Se me este cuidado atura.	147

	Sortes, & venturas saõ.	145
T	*Toda a esperança he perdida.*	147
	Tudo passa como vento.	147

Vilancetes.

A	*Acostumeyme a meus males.*	157
C	*Coraçaõ onde jouueſtes.*	153
D	*Deixayme as minhas triſtezas.*	153
	Deſenganey hum cuydado.	155
	Dime tu señora di.	156
E	*Em pago daquella dòr.*	152
	En mi coraçon os tengo.	155
	En las tierras de do vine.	154
	Eſperanças mal tomadas.	152
	Eſte mal.	155
	Eſtes meus olhos que aſsi.	154
N	*No pregunteis a mis males.*	152
O	*O meu mal pudeo ſofrer.*	154
	Os meus caſtellos de vento.	154
P	*Pois os meus olhos ſam voſſos.*	153
	Pollo bem mal me quiſeſtes.	156
	Por males emboluedores.	158
	Puſiera los mis amores.	158
Q	*Que poſſo de vos dizer.*	156
	Que mal auindos cuidados.	152
	Que vos farey meu cuidado.	155
	Quem cuidar, & quem diſſer.	155

Quien te hizo Iuan paſtor. 156
Quien vieſſe aquel dia. 157
S *Saudade minha.* 154
Secaronme los pezares. 157
Se meu tormento me deſſe. 153
Sola me dexaſtes. 155
T *Taño os yo mi pandero.* 157
Todos vienen de la Villa. 152
Tu preſencia deſſeada. 156

Epitaphios.

A *Alma que em tam breues dias.* 156
D *De quam pouca terra ſatisfeita jaz.* 158

Sextina.

N *Nam poſſo tirar os olhos.* 143

Redondilhas.

A *Ay razon que tal conſiente.* 143
I *Inda que me eu ria, & cale.* 158
P *Partio o Franciſco florido.* 159

Groſa.

N *Noſe porque me fatigo.* 160

O que vay acreſcentado neſta ſegunda impreſſaõ.

¶ *Hũa Elegia ao Principe Dom Ioam de Portugal.*
O Principe Dom Ioam de Portugal.

Canção.

TABOADA.

Canção.

Dia gracioso, & claro.

Sonetos.

Neste começo de anno em tam bom dia.
Aquelle spirito ja tambem pagado.
Este retrato vosso he só final.

Esparsas.

A vossa bulla do amor.
Mandar em tal tempo luuas.
Serra a serpente os ouuidos.

Cantigas.

Como no se desespera.
Entre temor, y desseo.
Atè quando me tereis.

Vilancetes.

Quien viesse aquel dia.
En pago daquella dór.
No pergunteis a mis males.

Redondilhas soltas.

Partio o Francisco florido.
Inda que me eu ria, & cale.

O principio da Egloga de Aleyxo.

Em varias Cartas algũas Trouas.

FIM.

AS OBRAS DO DOCTOR FRANCISCO DE Sà de Miranda.



SONETO PRIMEIRO.

A Principe tamanho cujo rogo,
E mais aos seus, inda he mais que mandar,
Que posso eu alfazer senam passar
Polla agoa, pollo ferro, & pollo fogo.
Se me firo, ou me queimo, ou se m'afogo,
Se dou de mi ao mundo em que fallar,
Facilmente se pode desprezar
Tal dano, & inda mal que não foy longo.
Era jà tudo, como encomendado
A traça, ao pó d'Aldea, & sua rudeza,
Entre teas d'Aranha sepultado.
Iâgora gram Senhor, tudo desprezo
Quem sae â praça por vosso mandado,
Bastalhe o nome sô de vossa Alteza.

A Soneto.

SONETO 2.

Inda que em vossa Alteza a menor parte
(Em quem Deos ajuntou tantas, & taes)
Seja esta, todauia entre as reais
Lá se ella contou sempre em toda a parte.
Dar fauor aos engenhos, & a toda arte
Das boas, faz os Reys aqui immortais
Por fama, & passando inda auante mais
Hũs fez deoses de todo, outros em parte.
A guerra leua o mòr Scipião comsigo
As Musas brandas de seu natural,
Que assi sem armas saõ daltas ajudas.
Ellas nos contam do bom tempo antiguo,
Cayram as estaturas de metal,
Que al se podia esperar de cousas mudas.

SONETO 3.

Tardey, & cuido que me julgam mal
Que emmẽdo muito, que emmẽdando dauo,
Ah Senhor, que ey grã medo ao mao engano
Deste amor que a nòs temos desigual.
Todos a tudo o seu logo acham sal
Eu risco, & risco, voume d'anno em anno
Cum dos seus olhos sô, vay mais vsano,
Phelipe, assi Sertorio, assi Anibal.
Ando cos meus papeis em differenças
Sam preceitos de Horacio me diram
Em al nam posso sigoo em apparenças.
Quem muito peleijou, como irá sam,
Tantos ledores, tantas as sentenças
Cam vento vellas vem, & velias vam.

Soneto.

SONETO 4.

AQuella fè tam pura, & verdadeira,
A vontade tam limpa, & tam sem magoa,
Tantas vezes prouada em viua fragoa
De fogo, & hi apurada, & sempre inteira.
Aquella perfeição que achou maneira
Dencher de fogo o peito, os olhos d'agoa,
Por quem ledo eu passey por tanta magoa,
Culpa minha primeira, & derradeira.
De que me aproueitou, nam d'al por certo,
Que dum nome sòmente leue, & vam,
Custoso ao rostro, & mais custoso â vida.
Dey que fallar em mi ao longe, & ao perto,
Consolarase já alma captiua
[Pois piedade nam acha] achar perdam.

SONETO 5.

EM pena tam cruel, tal sofrimento
Em dòr tamanha dôr, que nunca aliua,
Chamar a morte sempre, & que inda viua
Como se fora vida este tormento;
E ver no mal (que todo entendimento
Naturalmente foge estranha, & esquiua)
Iazer tão de vagar alma captiua,
A quem nam fará crer que he tudo hũ vento?
Bem sey hũs olhos que tem toda a culpa,
E sam os meus, que a toda a parte vem,
E aquillo que vem sempre isso os desculpa.
O minhas visões altas, meu sò bem,
Quem vos a vos nam vee, esse vos culpa,
E eu sou sò quem vos vee, outrem ninguem.

SONETO 6.

DEſarrezoado amor dentro em meu peito
Tem que guerra co a rezão, Amor que jaz
Hi ja de muito tempo, manda, & faz
Tudo o que quer a torto, ou a dereito.
Nam admitte rezões, tudo he deſpeito,
Tudo ſoberba, & força, faz, desfaz,
Sem reſpeito nenhum, & quando em paz
Cuidais que ſois, entam tudo he desfeito.
Doutra parte a rezam, tempos ſpia,
E eſpia occaſiões, de tarde em tarde,
Que a junta o tempo, em fim vem o ſeu dia.
Entam nam tem lugar certo em que aguarde
Amor, & treyções trata que nam fia,
Nem dos ſeus, que farey quando tudo arde?

SONETO 7.

AQuellas eſperanças, que eu metido
A tormento, lancey fora por vãs,
Que fazem ainda aqui co as minhas sãs
Contas, feito em pò ja tudo, & bebido,
Como? & ſerà tam cego, & ſem ſentido
Amor, que hũas rezões claras tam chãs
Nam ouça, & que nam veja tantas cãs,
Tanto tempo baldado, & nam veuido?
Eſta alma tantas vezes enganada,
Nam tornará por ſi, nam farà conta
Co a deſpeſa, co Sol, & co a jornada.
Quem do mar eſcapou, quanto mal conta,
Que perigos ſem fim, mas logo brada
Outra vez aos da nao, na terra afronta!

SONETO 8.

AMor que não farà? fezme engeitar
Tão leuemente a mi, por quem me engeita,
Castellos de sperança, & de sospeita
Faz, & não sey que faz, tudo he no àr.
Fezme pedras colher, fez mas lançar,
Apertase alma triste en si encolheita,
A força que farà, & a ley estreita,
Queira, ou não queira, em fim ha de passar.
Ora tão cego era eu, que da vontade
Tudo fiey, que tudo a trauez guia,
Tamanha imiga minha, & da verdade.
Que al se podia esperar de hũa tal guia,
Cahi onde era jasso, ó crueldade,
Não sey quando he de noite, & quando he dia.

SONETO 9.

NAm sey que em vos mais vejo, não sey que,
Mas ouço, & sinto ao rir vosso, & fallar,
Não sey que entendo mais té no callar,
Nem quando vos nam vejo alma que vee.
Que lhe aparece em qual parte que estè
Olhe o ceo, olhe a terra, ou olhe o mar,
E triste aquelle vosso sospirar
Em que tanto mais vay, que direy que hè?
Em verdade não sey que he isto que anda
Entre nôs, ou se he ár como pareee,
Ou fogo doutra sorte, & doutra ley.
Em que ando, de que viuo; & nunca abrando,
Por ventura que à vista resplandece,
Ora o que eu sey tão mal como direy.

SONETO 10.

ALma que fica por fazer, desd'oje
Na vida mais, s'a vaã minha esperança
Que sempre sigo mais, sempre me foge
Por onde a vista alcança, & não alcança.
Fortuna que fará? roube, & despoje
Prometa doutra parte em abastança,
Que jâ não hâ que me alegre, ou que me enoje
Quantos pezos tiuer lance â balança.
Chorey dias, & noites, chorey annos,
E fuy de longe ouuido pollo escuro,
Gritando acrescentey sempre em meus daanos.
Agora que farey? por Amor juro
De tornar a cantar sora d'enganos,
E por muito, do mal posto em seguro.

SONETO 11.

O Sol he grande, caem com as aues
Do tempo, em tal sazão que soe ser fria
Esta agoa que d'alto cae acordarmebia
Do sono não, mas de cuidados graues.
O cousas todas vãs, todas mudaueis,
Qual he o coração que em vos confia,
Passando hum dia vay, passa outro dia,
Incertos todos mais que ao vento as naues.
Eu vi jà por aqui sombras, & flores,
Vi agoas, & vi fontes, vi verdura,
As aues vi cantar todas d'amores.
Mudo, & seco he jà tudo, & de mistura,
Tambem fazendome eu fuy doutras cores,
E tudo o mais renoua isto he sem cura.

SONETO 12.

Quando eu senhora em vos os olhos ponho,
E vejo o que não vi nunca, nem cri,
Que ouuesse cá, recolhese alma em si,
E vay tresualiando como em sonho.
Isto passado, quando me desponho,
E me quero affirmar se foy assi,
Pasmado, & duuidoso do que vi
Me espanto ás vezes, outras me enuergonho.
Que tornando ante vos, senhora tal
Quando auia mister tanta outra ajuda:
De que me valerey, se alma nam val.
Esperando por ella que me acuda,
E nam me acode, está cuidando em al,
Afronta o coraçam, a lingoa he muda.

SONETO 13.

Quien dará a los mis ojos vna fuente
De lagrimas, que mane noche, y dia,
Respirará, si quiera, el alma mia
Llorando, ora el passado, ora el presente.
Quien me dará apartado de la gente
Sospiros, que en la mi luenga porfia
Hagan, que sienta fuego aquella fria
Causa, de que nascio tanto accidente.
Quien me dará palabras con que yguale,
Quexandome, al mal que Amor me há hecho?
Pues que tan poco el sufrimiento vale.
Quien abrirà por medio este mi pecho
A do yaze el secreto que no sale,
Con tanta cuyta mia, y mi despecho?

SONETO 14.

De el Tibre embuelto, al nuestro Tajo, vsano
De sus arenas d'oro, y rica playa,
Enchi todo de quexas, venga, o vaya
Llamando por la muerte sorda en vano.
Fragua, no coraçon, no pecho humano
Quanta de torre, quanta de atalaya,
Alças cada ora, a fin que todo caya
Por tierra, y metan todo a sacomano.
Que Sesipho quereis mas embebido
En su trabajo vano, en su porfia,
Eislo arribado al monte, eislo boluido.
Noche tras noche và, dia tras dia,
No pido Amor piedad, remedio pido
Boluerme he a loquear como solia.

SONETO 15.

Yo no entiendo bien que, mas esta fuente
Habla comigo, y oras se me antoja
De tantas quexas mias que se enoja,
Oras que me consuela, y que las siente.
Amor que aqui me truxo, no consiente
Que yo me vaya a otra parte, y que me acoja,
De los sueños en que ando, juzgue, y escoja
Si es verguença el tardar tan luengamente.
Grande fuerça s'a hecho v los mis ojos,
Grande al entendimiento andando assi
De veras ocupado en mis antojos.
No sè lo que me vi, ni que no vi,
Quien puso tal sabor a mis enojos
A pezar, que es peor, soncas de mi.

SONETO 16.

AQuella apresurada rueda biua
De sobresaltos que mudã tan presto,
Tantas vezes cada ora este mi gesto,
Nunca la voluntad tanta á captiua.
Esta llama cruel la pena esquiua
Que no reposa Sol nascido, y puesto,
Señal de como os veo manifiesto
Turbada siempre, desdeñosa, y altiua.
Sino me dexan (como digo) el dia
Y no la noche, antes me es tormento
Contino, y crueldad, que culpa mia.
El tiempo passa en vano, ha hecho assiento
En mi alma abrasada, y luego frio
Vn ser, que es menos ser cada momento.

SONETO 17.

ENtre Sesto, y Abido, el mar estrecho
Lidiando con las ondas sin sossiego,
Noche alta el buen Leandro prueua el ruego,
Prueua lagrimas tristes sin prouecho
Viendo que es todo en vano, pone el pecho
De nueuo al mar yrado, ojos al juego,
Que en la alta torre luze, ay Amor ciego
Quanta de crueldad has visto, y hecho.
Nadaua mientras pudo, hazia la playa
De Sesto desseado, y dulce puerto,
Porque siquiera allâ, muriendo caya.
En fin ondas venceis (dixo) cubierto
Yá dellas, mas no hareis que allâ no vaya,
Biuo no querreis vos, mas irè muerto.

SONETO 18.

Leuada en ſacrificio Policena
Al ſepulchro de Achiles: yà que vido
De Pyrrho el cruel braço en alto erguido
Por la herir, boluio toda ſerena.
Y dixo, a quanto mal, y a quanta pena
Pondras fin luego, ô golpe bien venido,
Dexando el cuerpo muerto aqui tendido
En deſierta, pero vezina arena.
Y luego la real cara animoſa
Boluiendo a todos, mas clara que el dia,
Aun de ſu cuerpo muerto receloſa.
Trocame a ruegos de la madre mia
[Les dixo] con ſus hijos deſdichoſa,
Que a oro os los comprô, quando podia.

SONETO 19.

Al que dirê, que es eſto, que anſi engaña
Tan dulcemente, en lo que tanto duele,
Tan en contrario a todo lo que ſuele
D'acontecer en quanto offende, y daña.
Vemos [y es coſa clara] que ſe enſaña
Quanto ſe mueue en tierra, o en ayre buele,
Vna vez engañado, y que ſe vele
Aun pueſto en ſeguro d'arte, y manha.
Ora eſte coraçon mio offendido
Tantas vezes llegado a la ſu muerte,
Como lo pone anſi todo en oluido?
Quanto al hado ſe dio, quanto a la ſuerte
Quan poco a la razon, poco al ſentido
Por verte ſoy yo tal, y bueluo a verte?

Soneto

SONETO 20.

AMor tirando và por cielo, y tierra
Mil flechas de oro, mil de plomo elado,
Há muerto, hà mal herido, hâ mal llagado
A muchos, y dize el, de buena guerra.
Ojos yá no tenia, oydos cierra,
Las manos malas solo le han quedado,
Cruel flechero, al mal tan aueçado,
Que a caso tira, y nunca el golpe yerra.
(Dizele la su madre) de las quexas
Quantas oygo de ti (burlando vn dia)
Mal burlador, no quieres que algo crea?
Besola el en los ojos, y madexas
De oro, y respondiole, ò madre mia,
Como quereis ſi soy ciego que vea.

SONETO 21.

ADo se boluerâ, que no se espante
De nueuo esta alma mia lastimada,
A la presente cuyta, o a la passada
Que esperança me haze ir tan adelante?
Que aprouecha que llore, y qué, que cante,
Que grite noche, y dia, en fin que es nada,
Porfiar, y seguir la via errada,
Antes es vanidad, que ser constante.
No fuera mucho descuidarme vn poco,
Mas ir perdiendo el dia pieça a pieça
Quando yá sobreuiene noche escura?
Que cosa puede ser, sino es ser loco?
Ah de quien confiaré la mi cabeça,
Que me aya de curar tanta locura.

Soneto

SONETO 22.

Que es esto Philis, que estás tan turbada
Tan sola, demudada, y sin color,
Cabe esta fuente, tanto Ruyseñor,
Y tanta otra auezilla enamorada.
Si lo que ves, y que oyes no te agrada
Que te puede agradar, ni dar sabor,
Vez tanta differencia, y tanta flor
De que la tierra está como esmaltada.
O Nise, Nise leda, y desseosa
De caçar vine aqui a esta ribera
Todo me hizo oluidar la fuente hermosa.
No soy la Philis yà, que d'antes era,
Salteome aqui vn cuydado, ah falsa cosa,
Quan presto esta mi vida se perdiera.

SONETO 23.

Cabe vna en boz alta, y sin tino,
Se quexa el buen Salicio atormentado,
De vn mas que vano amor, zagal cuytado,
Ved de su mal a que remedio vino?
Amor que nunca va por su camino
A caso ende passaua a buelo alçado,
Oyò el llanto que despedaçado
El monte repetia alli vezino.
S Quien dio principio a mis cordojos. A. Ojos.
S Cierto crueles, y a mi destierro. A. Ierro.
S Desseos a que fin lleuanos. A. Vanos.
S A lagrimas, y enojos. A. Mas enojos.
S Pues que remedio a tanto de hierro. A. Hierro.
S Que muera assi a mis manos. A. Ya mis manos.

Soneto

SONETO 24.

A Diogo Bernardes.

NEste começo d' Anno, em tam bom dia,
Tam claro, porque nam faleça nada,
Me foy da nossa parte apresentada
Vossa composição boa a porfia.
De que espanto me encheo quanto alli via?
E mais em parte cá tam desuiada
Sempre atègora da direita estrada
De Clio, de Caliope, & Thalia.
O que enueja vos ey a esse correr
Polla praya do Lima abayxo, & arriba
Que tem tanta virtude de esquecer.
O que estes tristes corações aliua
Do pezar igualmente, & do prazer
Passado, que nam quer que inda homem viua.

SONETO 25.

A Francisco de Sà de Meneses.

AVossa verdadeira penitente,
Quão bem que lhe guardais pontos deuidos,
Do Sepulchro os Apostolos partidos
Ella nam parte vede o que alli sente.
E assi mereço ver primeiramente
A Deos, que fosse em habitos fingidos,
Tudo amor vence, altissimos sentidos
A quem tal ortelão se fez presente.
Gregorio a põe por hũa, outros Doutores
Fazemna tres, apos Gregorio vam
Despois os mais, com todos os pintores.
Aquelles direy eu senhor que sam,
Aquelles outra vez que sam amores
Tantos sospiros, & hum só nunca em vam.

SONETO 26.

A morte de sua molher.

Aquelle espirito já tam bem pagado
Como elle merecia, claro & puro,
Deixou de boa vontade o vaile escuro
De tudo o que cá vio como anojado.
Aquelle spirito que do mar irado
Desta vida mortal posto em seguro,
Da gloria que lá tem de herdade, & juro,
Cá nos deixou o caminho abalisado.
Alma aqui vinda neste nossa idade
De ferro, que torniste a antiga douro
Em quanto cá regeste a humanidade.
Em chegando ajuntaste tal thesouro,
Que para sempre dura, ah vaydade
Ricas areas deste Tejo, & Douro.

SONETO 27.

Este retrato vosso be só final
Ao longe, do que sois, por desemparo
Destes olhos de cá, porque hum tam claro
Lume, não pode ver vista mortal.
Quem tirou nunca o Sol por natural,
Nem vio (se nuuens não fazem reparo,
Em noite escura, ao longe aceso hũ faro,
Agora se não vee, ora v. e mal.
Para hũs tais olhos, que ninguem spera
De face a face, gram remedio fora
Acertar o pintor veruos dormindo.
Mas inda assi não sey que elle fizera,
Que a graça em vos não dorme em nenhũa ora
Fallando que fará? que fará rindo?

SONETO 28.

De Pedro Dandrade de Caminhá.

NAm ousaram atégora apparecer
Estes versos de si desconfiados,
Porque de mal compostos, & ordenados
Assas tem, porque deuam de temer.
Vamvos pedir senhor, que os queiraes ver,
E riscar, & emmendar, porque emmendados,
Por vos possam andar mais confiados
Do que por meus puderam merecer.
Vay hi Androgeo triste, vay Serrano,
Queixase este presente, aquelle ausente
No Mondego por vos já celebrado.
Queixamse Nymphas delle, abi do dano
Que por Syluia se vê nelle, & se sente
Triste, della, & de vos desemparado.

SONETO 29.

Reposta do Author.

ASsi que me mandaueis atreuer
A versos já das Musas assellados?
E áquella grande Syluia consagrados
Hycaro me põe medo, & Lucifer.
Os meus se nunca acabo de os lamber,
Como vssa aos filhos mal proporcionados
(Ah passatempos, ah vãos cuidados)
A quem posso porem nisso offender?
Tudo cabe no tempo, entregue ao dano
Depois á perda, digame esta gente
Qual anda furioso assi emmendado.
Deixo as cousas sagradas, que hum profano
Leygo, como em tocallas tão sómente,
Nambe de siso saõ, mas aballado.

SONETO 30.

De Dom Manoel de Portugal.

SOem às vezes ser mais estimadas
As palidas espigas puramente
Offerecidas, que o ouro refulgente
Descuberto por veas soterradas.
Por isso ante vos vam tam confiadas
Rarissimo Francisco, & excellente
A rudeza do estillo differente,
E as incultas estanças desornadas.
O que brotou de si a natureza
D'arte, nem d'arteficio ajudada,
Colhido sem sazam senhor offreço.
A vontade de vos seja estimada
Porque em tam baixo tempo em que pureza,
E em que obras nam ha deue ter preço.

SONETO 31.

Reposta do Author.

TAntas merces tam desacustumadas
Como as posso eu seruir deuidamente
Farey como ja fez hum innocente,
Hum rustico pastor dentre as manadas.
Que d'agoa offereceo por mãos lauadas
A Xerxes, bebeo elle, & sanctamente
Iurou que nam bebera tè o presente
Com tal sabor por copas d'ouro obradas.
Senhor Dom Manoel se a sò clareza
De hum peito aberto, & limpo, & fè lauada,
Muito merece, muito vos mereço.
A pedraria vãmente estimada
Os vazos crystalinos de Veneza
Ia se achão, eu aos meus palmos me meço.

AS OBRAS DO DOCTOR FRANCISCO DE Sà de Miranda.

FABULA DO MONDEGO.

A EL REY DOM IOAM O III.

I

INCLITO Rey, que de vno al otro Polo
De tropheos enchis, abriendo al Nilo
Desd'el Tajo, luz nueua, y nueuo dia.
Trocando en esto la natura estilo,
Dandoos Neptuno el mar, dandoos Eolo
Sus vientos, y armas Marte a la porfia.
Por la Zona, que ardia
Bolando osadamente
Vuestra animosa gente,
Los Portugueses, a quien nada espanta.
Envòs, Senhor, los ojos, y en la santa
Empresa, y lealtad propria, y d'abuelos
Que a los miedos encanta
Gran denuedo venciò, grandes recelos.

2

Mientras nel mar bermejo el Ottomano,
Poder vsado a tantos vencimientos,
Por culpa agena, mas que virtud suya,
Ata las llagas, trueca pensamientos
Tiembla pensando a vuestra armada mano
Como s'ampare, o como della huya,
Antes que lo concluya
Del todo, y buelua en nada
La victoriosa espada,
En el comun plazer ninguno quede:
Que no os venga a seruir con lo que puede,
Yo tambien tropeçando hasta que caya
Verè, si me concede
Nuestro estrellado Pan, con que a vòs vaya.

3

Y viendo que baxais vuestros oydos,
Por essa tan humana mansedumbre,
Al canto pastoril, yà hecho osado:
Quiçà mouerè mas âzia la cumbre
D'aquel alto Parnaso mis sentidos:
Que del estaua yâ medio oluidado.
El bueno, l alabado
Tytero Mantuano
Alçando el cantar llano
Del campo, nos dexò sobrada escusa

De correr tras su leda, vfana Musa
Quanto las fuerças pueden sostener
Como vemos, que se vsa
Reconociendo el tiempo y su poder.

4

Entre el gran Tajo, y el Duero el buen Mondego
Vn tiempo Munda (tal es su agua clara)
Yendose por sus campos passeando.
Saliendo donde el monte le apretàra
El trabajo vencido, entra en sossiego,
Y como vencedor và triumphando.
A do agora cantando
Juntas las nueue hermanas
Del fauor vuestro vfanas
Acordadas se mueuen, y en concierto
Saliendo del ñublado al ayre abierto
Cantando el vuestro nombre, y subirlean
Del cielo al alto puerto
Do tales Reyes por tales obras van.

5

Liberas deste caudaloso rio
Riquissimo de pastos, y ganado
Vuo vn noble donzel de nascimiento.
En edad tierna huerfano dexado:
Sin padre, o madre, sin hermano, o tio
Libre señor de vn largo heredamiento.

El viſto entre otros ciento,
Hermoſo, apueſto, y tal,
Que a ſer el principal,
No cuerpo, geſto, o gracia le faltaua.
Antiquiſſima fama le arrayaua
De ſangre de Gerion, que a tantas lides
Ante ſu grey ſe armaua
Fuerte en tres cuerpos contra el fuerte Alcides.

6

Cuya venida a do aquella agua baña
Los campos de Coimbra, ay tal memoria
De vna alta torre de ſu nombre rica.
Por ſuya juntamente, y nueſtra gloria
Como aquellas columnas, que a la Heſpaña
D' Africa parten con diſtancia chica.
Tras eſta multiplica
Vna, y otra ſeñal,
Tanto arco triumphal,
Tantas las grutas, y edificios Romanos,
Tantos los aqueductos yà mal ſanos,
Que la han de antiguedad ennoblecida.
Segun las nueſtras manos
A ſus obras dan mal años de vida.

7

Mas ſobre todo lo que enriqueciò
L'antigua tierra mia, es el theſoro

Del sancto cuerpo de su Rey primero
Que en vn dia venciò tanto Rey Moro,
Quando aquel Rey Mayor le aparecio
Erguido qual estuuo en el madero,
Por el padre primero
Que con el bien no pudo:
Por lo qual vuestro escudo
Real lleua pinturas tan diuinas,
De tales Reyes, y tal mysterio dignas,
El buen Hijo cabe el quiso yazer,
Que desplegò las Quinas,
Y a Guadalquibir sangre hizo correr.

8

Boluamos al Mondego, que en tal parte,
Tanto a su sabor và que no se siente,
Bien como otro Meandro en sus rodeos.
Ende al passar de vn bosque, de vna fuente,
Rica de la natura, y pobre d'arte,
Vioſe vna Nympha tambien sin arreos.
Diuina en sus meneos,
Graciosamente estando,
Graciosamente andando,
Blando ayre respiraua el prado ameno,
Ella cantaua, y juntamente el seno
Enchiendo se yua de diuersas flores,
De que el prado era lleno

Sobre verde variado en mil colores.

9

Que todo era ende, do se detuuiera
La Nympha hermosissima, cubierto
De arboledos floridos, que se alçauan,
Todos quasi en medida, y cuento cierto
Del rio de vna parte, y del monte era
De otra cercado, que lo rodeauan,
Las aues combidauan
Con sus blandos cantares
Tomar alli a pezares,
Puerto: quien a sazon mejor arriba.
La fuente mana de vna piedra biua,
Escondida a pastores y a ganado,
Que dulcemente se yua
No se que murmurando por el prado.

10

Nieue la Nympha, y el vestido nieue,
Entretexidas d'oro flores raras,
En las sueltas madexas d'oro fino,
Vencen sus ojos las estrellas claras,
Los delicados pies por flores mueue,
Quanto se vè, y no vé todo es diuino.
Vn cuerpo mortal digno
Nunca fue de tal ver,
Y quando vuo de ser

Nunca

Nunca se acontecio sin graue daño,
Exemplo es de Acteon el caso estraño,
Que transformado en ciervo, corre el campo
Un cacador tamaño
Huyendo al su Pamphago, y al su Melampo.

11

Ella cantaua aquel cantar famoso
De la blanca Diana, y roxo Apolo
Hermosissimo parto de Latona
Que no le dan con tales hijos, solo
(Si quier por breue espacio) algun repose,
Afflita sin ayuda de persona
Tuuieran la corona
De crudos, y villanos
Los Licios Aldeanos
Ranas ora viles, que han tal hecho,
Negando el agua de comun derecho,
De vida a todos, que ella de merced
Con sus hijos al pecho,
Les pide muerta de cansacio, y sed.

12

Diego (que tal nombre el moço auia)
A caso alli llegò busca sossiego,
Viniendo de sus cacas fatigado.
Ay triste a donde vas? todo ende es fuego.
El bosque, el rio, y essa fuente fria.

Son llamas biuas: buelue atras cuytado,
De su suerte lleuado,
La Nympha en ocleando,
Como aqui vine, o quando,
(Dixo) yo donde estoy? ojos que veis?
Sentidos que tan alto os estendeis?
Ay Dioses inmortales, no me sea
Contra todas las leys
Por culpa auida aqui cosa que vea.

13

La Nympha que sintio de ojos mortales
Su beldad inmortal ser offendida,
Cimio (dexando el canto) contra el Cielo,
Del gesto hermoso la color perdida,
Y juntamente buelcos los señales
Del plazer huydizo en pena, y duelo:
Y como hizo el moçuelo
Troyano, no pudiendo
Sufrir su cuyta, ardiendo,
Echose al agua allà por lo escondido
A los ojos huyò, que no se vido
Despues acá entre nòs en parte alguna:
Diego esuanecido,
Como vna piedra mira a la laguna.

14

Auia Amor dispuesto a la sazon
El pecho (d'antes duro, y cahareño) Aue-

Auesado a la caça de las fieras,
Y a dsspreciar Amor dende pequeño,
Por lo qual assechando la occasion,
Uengatiuo qual es, diole de veras,
Diziendo. Ora tu, que eras
Tan atreuido, y loco,
Ternas en este poco
Para toda tu vida, o corta, o luenga.
Uengose el niño ciego, ora te venga,
Si tanto puedes. Frio Diego està,
Oyò la cruda arenga,
Sintio el gran golpe, Amor burlando và.

15

Despues (como de sueño alto) despierto,
Los ojos buelue acà, y allà pasmado
Al cielo, al agua, al monte, al campo llano,
Y qual ir vemos vn desasisado,
Ansi se mueue como por acierto,
Ora corre, ora pàra, y grita en vano:
Gozóse Amor villano,
De como en poco trecho
De Diego vn otro há hecho,
Viendole por el agua entrar sin tino,
Quanto entrar puede, que no sabe el mezquino
Lo que hazer deua àquella cuyta suya,
Aquel furor diuino,

Donde, o como le attienda, o por do huya.

16

Dezia a gritos, Como, y pudo auer
Lugar a do cupiesse vn bien tamaño,
En todo este cercado acâ del suelo?
Aquel bien solo, que ygualaua el daño,
La tanta claridad, como esconder
Se puede por mi cuyta, y desconsuelo?
Quien me alçaria a buelo
Buscando el arte todo.
Quien me darà algun modo
De todas reboluer las aguas dentro?
Quien me abrirá la tierra hasta su centro,
Que siempre vaya, y nunca buelua atras,
Por fiero, y duro encuentro,
Hasta que llegue a dar donde tu estás.

17

Que podeis yá aqui ver ojos cuytados,
Saluo ora baxo, ora mas alto el rio?
Ora al amigo mal, ora al pariente?
Ora grande calor, ora gran frio?
Las roñas, los mas males de ganados,
Las renzillas, que van continuamente,
El luengo año, que miente,
A tantos de sudores
De pobres labradores,

No basta trabajados, mas hambrientes,
Truenos, yelos, granizos, malos vientos,
Humida, y graue niebla, ayre corrupto,
Tantos desabrimientos,
Del tiempo, o muy lluuioso, o muy enxuto.

18

Todo quanto este mundo en precio tiene,
Riqueza, y flores, fuentes que ansi aplazen,
Toda aquella beldad, nos es estraña.
Por costumbre es la fuerça, que nos hazen.
Que poco dello, o nada nos conuiene
El fuego hermoso todo quema, y daña:
Quien espera la saña
Del agua quando crece?
Alla riba apparece
Tanta d'estrella, que la noche muestra,
Mas estan altas: es rica la muestra,
Estraña a nòs: pero no lo era aquella,
Que vi: y assi tan presta
Huyò, ay Diosa cierto, y no donzella.

19

A mi mismo soy hecho vna enojosa,
Y muy pesada carga, en ygualdad
Me falta ansi lo mio, como ageno,
Pobre en mis bienes, que es d'auer piedad,
Que basta al coraçon que no reposa.

Quien

Quien la mano metio dentro en mi seno?
Que se hizo el tiempo bueno:
Que me yua a las riberas,
Que me yua tras las fieras
A caçar, y pescar, con que porfia,
Partia ledo, ledo me boluia:
Como las cosas van mudando el ser?
Ora con que alegria
A casa boluerè? con que plazer.

20

Yuase Diego ansi deuaneando
Por sus locuras, que fin no tenian
Muchos cansacios sin ningun prouecho,
Idos los vnos, otros que venian,
Consigo de contino peleando:
Vâ batalla cruel dentro en su pecho:
D'amor, y de despecho
Acâ, y allâ lleuado,
Ora vence vn cuydado,
Ora vence otro, el triste hecho pedaços,
Con sus contrarios lidiando a braços,
No viendo que consejo dexe, o siga,
Confuso entre embaraços,
Riendose a la Fortuna su enemiga.

21

Vn dia (vano aliuio de su mal)

Alli

Alli venido con la su vihuela,
Que otro tiempo preciada ser solia.
No como ser solia se consuela,
Mas descordado el triste, y desigual
Dexaua ora el cantar, ora tañia.
Puesto en tal agonia,
Uno de començar
El lloroso cantar
De Euridice, y de Orpheo antiguo cuento.
Caen lagrimas vanas, lleua el viento
Muchos sospiros, tiempos muy diuersos
Trayendo al pensamiento;
Al fin soltó la lengua en estos versos.

22

Huyendo al atreuido de Aristeo,
Euridice, en el prado ponçoñoso
Mordida cae, cruel caso por cierto.
Dexando al triste, dexando al quexoso,
Al pobre, al lastimado solo Orpheo,
Que entre muertos la busca antes de muerto.
Nunca con tal concierto
Las cuerdas mano humana
Tan dulce, y tan liuiana
Mente tocò, como el su mal cantando
Como el tañiendo: Euridice llamando
Euridice, en repuesta el valle dâ.

Quando

Quando se assienta, y quando
A las lagrimas buelue, y quando và.

23

De vna merced de Amor, dize, priuado
Si ante tiempo me aueis, como hizistes,
A vòs misimas juzgar, sombras, lo dexo
Si os mueuen a piedad los casos tristes,
Un solo coraçon a entrambos dado,
Quitardesme lo ansi: desto me quexo,
Si el Sol de quien me alexo
Que vio tanto, ver pudo
Tan feo caso, y crudo
No tengo en nada, ni sea nada el daño
Amor me trae acâ, traeme engaño
Desseo, que esperando se consuela,
No os parezca estraño.
Tiempo os pido no mas, poco, y que buela.

24

Todo se os deue en fin, corre a la muerte,
O cedo, o tarde, quanto allá parece
Y nuestro cedo, o tarde a vòs que es? nada.
A mi, que amaneciendo me anochece,
Fue me mostrada la mi rica suerte:
Y entre ver, y no ver me fue quitada.
Ver vna flor pisada,
Primero que cogida:

Uer la fruta perdida
Que al buen primero olor mal tiempo estraga.
Miesses d'algun turbion, o d'arte maga
Dañadas, cansa en ver la vista, y ciega
Mirad la cruel llaga
Que os muestra amor por mi piadoso, y ruega.

25

Que no me trae aqui codicia estraña
De los vuestros thezoros encubiertos
No loco atreuimiento, ni maldad
De espiar los caminos, o los puertos
Del Reyno, que el gran lago Estygio baña.
Traeme solo Amor, busco piedad.
Si tanta crueldad
Acá so tierra se vsa,
Que no me valga escusa
Que no me valgan lagrimas, ni ruego,
Sombras, que vais por ayre escuro, y ciego,
Que yà de mi la mejor parte vuistes,
Dezid, que es esto? os ruego,
Porque vna no quereis, y otra quisistes?

26

No me lo echeis, por Dios, a presumpcion,
Mas a gran cuyta, que me fuerça, y guia
Uença esta noche la mi llama buena.
Si acá de Amor conoscimiento auia

Como

Como vimos allá nel gran Pluton
Que del moſtrô tener no poca pena
Claro entre nòs ſe ſuena
De donde, como y quando
Proſerpina buſcando
La madre, acà baxo: y ſatisfecha
Boluio: ſi quiera en parte deſta eſtrecha
Ancia, reſpire triſte, vn poco, aqui.
Mi mal que os aprouecha?
Del bien, que os cueſta mas el no, que el ſi?

27

Al ſon de las palabras piadoſas,
Y de la lyra blanda, y boz diuina,
Que de ſu mano Amor todo acordaua
Todo lo enternecio, por do camina
Baxaron las ſus clines eſpantoſas
Las tres hermanas; Charon lo eſperàra;
Serenando la cara
De fea catadura
En ſu barca ſegura.
Por tres bocas huuiando el can Cerbero;
Oyendo el triſte, oyendo el laſtimero
Llanto, llorò, dexando aquella puerta,
De que era antes portero
Tan duro, de piedad al viento abierta.

28

Estuuo luego queda aquella rueda
(Del Centauro atreuido. Las hermanas
Nietas de Belo) ninguna acudió
Al vano officio. Quedas las mançanas
De Tantalo, y su agua estuuo queda,
Su sed, su hambre, todo s'aquietò.
El Buytre no royò
De Ticio las entrañas,
Vino a las soterrañas
Casas del gran Pluton (palacios reales)
Tañio, cantò, llorò tambien sus males,
Que Euridice le fue dada con ley,
Que en Reynos infernales,
No mire atras. Ansi le plugo al Rey.

29

Todo promete Amor, todo lo espera,
Vencer pueda, o no pueda, buelue ledo,
Sigue callada Euridice tras el,
Ora aquel, que antes desto tanto miedo,
Tanto trabajo por Amor vencera,
Venciolo Amor, no se fie nadie del.
Boluiose: y solo aquel
Ayre escuro abraçando
En vano vâ llamando
Por ella, que esuanece, Amor ingrato
Juega estos juegos? No puede el contrato

Real quebrarse, no la ley firmada,
Dize de rato en rato,
Quanto fuera mejor nunca auer nada.

30

Echado de allá dentro, aquellas puertas
De firmes diamantes, luengamente
Maldixo muchas vezes, y a los muros
Arrojò la vihuela, impaciente,
Quanto mas rezio pudo, y aquellas muertas
Sombras, crudas llamò reynos escuros.
Los dones mal seguros
En tal parte alcançados,
De Dioses nunca vsados.
(Dezia) ni a merced, ni a piedad,
Ni saben que es firmeza, y que verdad,
Ni mirar la intencion si les offende,
Amor, y humanidad
Qual es, aquel cruel, que lo defiende?

31

Anſi cantaua Diego, y no pudiendo
Con la gran cuyta, que a deſora crece,
A mil remedios vanos se acogia.
Oluida la ſampoña, y no s'estrece
Que no vieſſe viſiones, vâ corriendo
Como furioſo de malencolia.
Miente le toda eſpia,

Nunca

Nunca cuenta concluye
Del campo a caso huye,
De casa huye por los campos llanos,
Tomados tantas vezes a las manos,
Mis engaños (dezia) o lo que es esto?
Conozcoos por vanos,
Y bolueisme a engañar luego tan presto?

32

Bien veo que los Dioses offendidos,
De mi se vengan como mas les plaze,
No mediendo la pena con el yerro,
Yo que puedo ende hazer? el alma yaze
Como por muerta: yazen los sentidos
Cargados deste mal como de hierro,
A las sabiendas yerro,
No lo puedo enmendar,
Pudiera ya passar
Todo el mal que entre dia se me offrece,
Mas ydo el Sol, que todo se escurece,
Forçado bueluo a casa, y luego al lecho,
Que buelta se recrece,
Que sobresaltos van dentro en mi pecho.

33

Los mis ojos gran tiempo ha que pusieran
El buen sueño en destierro, y si ende llega,
Allà de fuera, el su reposo dexa,

Vàse bolando por la noche ciega,
E en su lugar visiones succedieran
Todas de miedo, que mucho me aquexa,
El alma se me alexa
A muy grandes jornadas,
Seran presto acabadas
Estas pendencias, diran los pastores,
Unos que fue locura, otros que amores,
Otros que maldicion, o assombramiento,
Y si ay males peores
Haran, triste de mi, cuentos sin cuento.

34

Quantos votos se hizieran, y que ayunos?
Que estrañas deuociones desusadas,
Quantos cuerpos de cera se offrecieran?
Quantos de tierra por encruzijadas?
Mas los Dioses a ruegos importunos
Sordos àzia otra parte se boluieran.
Que alturas no subieran
Por montes sin caminos?
Los romances diuinos
Cantando, do la nieue el suelo esmalta
A todo tiempo, que en parte tan alta,
Creen ser oydas mejor las sus preces,
Nunca esperança falta,
Falta lo que se espera muchas vezes.

Como el pino en el monte combatido
Del impetuoso viento en la tormenta
A quantos que lo ven pone en recelo,
Los truenos amenazan, arrebienta,
El fuego por las nuues exlo erguido,
Exlo coruo que vâ cayendo al suelo,
Hasta tanto que el Cielo
Se abre en llama ardiendo,
Entre viendo, y no viendo,
El brauo rayo en bueltas mil desciende,
âquel postrero mal quien se defiende?
Queda vn tronco quemado, y cuento breue,
A quien passa por ende,
O busca alli quiça que a casa lleue.

36

Los males que passando el tiempo cura
Como vemos que el haze, pues que vâ
A tal priessa (dezia) no son males,
Esto si, que este es mal, que aqui se està
Tanto a despacio, y del tiempo no cura,
Un tan cierto remedio a los mortales:
Y si las inmortales
Almas de acá partidas,
En todo escãecidas
Uan de quanto acà vieran por baldio:
Este amor, o que se es este mal mio,

Do quiera que yo de aqui fuere lleuado,
De oluido el ondo rio
Seguro paſſarà junto a mi lado.

37

Y ſi lo que eſta tierra no fue digna
Tener mas luengamente, anda cantando,
Fuera deſte ayre gruſſo, en otro claro,
Y por otras riberas paſſeando
Que digan con la ſu beldad diuina,
A que eſtoyme aqui mas? a que me pâro?
Que no buſco aquel raro
Lugar, que ella eſclarece,
A do nunca apparece
Sombra, ni niebla, y ſiempre es claro dia:
Ella me ſea pues mi buena guia
Partiendome de aqui ſe quier que vea
Que vna ora amanecia
Tras vna noche tanto larga, y fea.

38

Fueran oydos inciertos, y eſtraños
Sones, por el ſilencio de las noches,
Que el ſueño de los lechos ahuyentauan,
Fueran viſtas viſiones de ſonoches,
Que oyendo, y viendo niños tiernos d'años
A pechos de las madres ſe apretauan,
Alto dia bolauan

Las aues enemigas
De luz, con sus antigw
Desapazibles gritas, y alaridos,
En las manadas Boyes dauan bramidos,
Que era vna piedad solo el oyllo,
Bauados, y transidos,
Dende el Toro mayor, hasta el nouillo.

39

Los gruessos campos sembrados de trigo
Bueno, y escogido, dauan vana auena,
Y joyo, que la gente embobecia,
Quien sembrò mucho, y quien no tanto, apena
(La fama que no muere, me es testigo)
La su propria semiente recogia:
Alçauase, y ponia
El Sol sin claridad,
Temiose aquella edad
De vna noche sin fin, o mucho luenga,
Quien quereis por seguro que se tenga?
Entre tanto cuydado tan contino?
Entre vna tal contienda,
En fin quando le plugo al hado vino.

40

Uete buen Diego en paz que en esta tierra
El plazer de oy no dura hasta mañana,
Y dura mucho quanto desaplaze,

Allâ agora no ves la vision vana,
Que acá viniendo te hizo tanta guerra,
Ardiendo el cuerpo que ora frio yaze,
Lo que allá satisfaze
A tus yá claros ojos,
No son vanos antojos
De que ay por estos cerros muchedumbre:
Mas siempre vna paz buena en clara lumbre:
Contentamiento cierto te acompañe,
No tanta pesadumbre
Como acà và por esta tierra estraña.

41

El acontecimiento doloroso
Sabido por lugares conuezinos,
Ayuntò luego gente a nueuo llanto,
Y nueuas alabanças, los caminos
Eran llenos de madres sin reposo,
Temiendo de sus hijos, que aman tanto:
A todos hizo espanto
Que lo han visto, y oydo,
Vn mal no conoscido,
Vn mal que nunca viose entre los males,
Dizen como pasmados los zagales,
Diego es muerto, diuinos consejos?
Si ansi se van los tales,
Que será de nosotros zagalejos?

42

Auian ende erguido, de maderos
Como vna tumba auianla cubierto
Toda de rama obscura al derredor,
Teas de pino por el campo abierto
Quando fuego haziendo mil carreros,
Boltando vna mas breue, otra mayor,
Passado aquel furor,
Plañido assaz, y assaz,
Estando vn poco en paz,
De aquella obscura tumba el edificio,
Al fuego dioſe, como en sacrificio,
Leuantanse alaridos desiguales,
Dixo vno que es su officio
Ruegos a la ceniza funerales.



43

Las quales recogidas luego alli,
Fueran puestas en alto, y fueran mas
Cayado, honda, y viguela: puestas luego,
Que el tirando dexaua el viento atras,
Y todo junto vn verso dixo ansi:
Despojos ante tiempo del buen Diego.
Yâ que esto vuo sossiego
Porfiaran pastores
A cantar sus loores,
Condenando de Muerte, y Amor la sañ-

Mandò los sus ingenios toda España:
Uno Epitaphios varios, y diuersos
De la nuestra montaña
Uino vn pastor, tañiò, puso estos versos.

EPITAPHIO.

EL Enemigo Amor a tus postreras
Honras, vino (buen Diego) y alli quemò
Su arco, y las sus flechas lastimeras,
Lloroso, y desarmado se partio,
Secaranse laureles, y las eras,
El ganado a pascer no se baxò,
Todo te dà señal de su tristura,
Plantas, hombres, ganado, y sepultura.

A EL REY.

CAntado os he Señor la vida, y muerte
De Diego luengamente alli plañido,
Por las hermosas Nymphas Neyua, y Lima,
Esta que yâ fue llamada agua de oluido,
Estotra de su fuente hasta do vierte
Su vasillo en la mar de mucha estima
La fama por encima

De

De montes, y de rios,
A estraños señorios,
Llenó bolando el caso sin sossiego.
Ora del claro Munda, y del buen Diego
Por su Lusillo alli tanto cercano,
Trocò el nombre en Mondego,
Que parte el vuestro Reyno Lusitano.

45

Por cierta prueua del antigo cuento,
Conforme a lo que os he señor contado,
Parece de Coymbra en el pendon
Qual lo vemos al ayre desplegado
La Nympha en forma de vn encantamiento,
Que la guarda vn gran Drago, y vn Leon,
Y con justo blason
(Pues que el Reyno pregona
Que es alli su corona)
A la Nympha, corona fue añadida,
Que por el agua và medio metida,
Quanto mano pintar la pudo hermosa
Pero como offendida
Turbada toda, y toda desdeñosa.

46

Otros dan tal pintura a la Donzella
Que dio nombre a los montes Pirineos,
De Hercules por amor despedaçada

El

El cuerpo de las fieras, de desseos
El alma, mientras sola se querella,
Que buscandolo a el no teme nada.
Otros âquella Hada
Que fue medio Serpiente,
Que el mismo en Oriente
De si en cinta dexó, dexole vn vaso
Rico, porque bebia, ora del caso
Vós sabeis todo, a quien nada escaece,
(Musas del gran Parnaso)
A nós el tiempo todo lo escurece.

CELIA,
AO IFFANTE
DOM LVIS.
EGLOGA SEGVNDA.

1

SErenissimo Iffante, a quien se deue
Calor de Esmirna, o Mantua, a quien el mio
Quando mas arde es vna fria nieue
Del siempre elado Boote, y del tardio:
Mas gran Señor en partes do no llueue
La niebla se desea, o algun rocio,
Y no se puede de contino andar
Armado por la tierra, y por la mar.

2

Las Musas, quando vuestra Alteza andaua
Buscando las empresas de si dignas:
Que temblando toda Africa sudaua:
Quando del Real Guion las Sanctas Quinas
Via, que a sus confines assomaua.
A sus fuentes las vistes mas vezinas
Entonadas mejor, y mas de veras
Oyllas eis acâ como estrangeras.

3

Por ora callarse hà Tunes entrado
A pura fuerça, y el tyrano huydo:
Todo lleno de miedo arrabiado,
Y solo de sus mañas socorrido:
Por honra aquel ladron Caco afamado
Tener deuiera ser de Hercol vencido,
En fuegos se emboluia, y humos vanos
Fiandose en los pies, mas que en las manos.

4

Lo que al Sancto Luis con tanta gente
Cruzada, y a Carlos Quarto denegòse
No solos ellos, mas todo el Poniente,
A nuestros Luis y Carlos reseruose:
La antigua, y gran Carthago impaciente
De sus passados daños recordose,
Temblauan Africanos coraçones,
Viendo juntos venir dos Scipiones.

Mas

5

Mas ah juyzios ciegos de Christianos,
Ah furias infernales, ah peccados,
Que en vuestra sangre ensuziais las manos
A tan grande sabor d'arrenegados,
Auiendoos Iesu Christo hecho hermanos
Deshazeyuos crueles a bocados,
Tantas banderas, tantos capitanes,
Y dexais la Ciudad Santa a los canes.

6

Quando serà aquel dia que a la vuestra
Mano armada se rinda la fortuna,
Que algo d'embidia a tanta gloria muestra?
Quando serâ que yo vea vna laguna
De sangre infiel vertida dessa diestra?
Yo que lo cante al Sol, cante a la Luna
Triumphos quanto a vos mucho deuidos,
Desseos quanto a mi mucho atreuidos.

7

Finalmente (Señor) puesta de parte
Por vn poco la espada, el verdadero
Iuyzio nos bolued a estotra parte
Donde entra por la mar turbado el Duero,
Y donde con gran fé, mas con poca arte,
Cantan pastores al modo estrangero,
Corren lagrimas justas sin parar,
Mientras Neyua tambien corre a la mar.

PASTORES DA EGLOGA.

Aurelio. Mauricio. Amaro.

8

Aur. Que quiere (ò mi Mauricio) dezir tal
Huuiar de perros? Como a la porfia?
No se que sean cierto es algun gran mal.
Aues nocturnas buelan entre dia.
Lobos tan brauos de su natural,
Baxan a la Aldea de la Serrania,
No vees el mal guſano, y que peſares
Se hà hecho de las viñas, y pomares.

9

Una mula hà parido en nueſtra Aldea,
Y las vacas no paren, ayer cayô
Del Cielo vn breue que no ay quien lo lea.
Son crego, o frayle, que yâ Miſſa cantô,
Con dos cabeças (coſa eſtrāña, y fea)
Un potro, y con ſeis pies (diz) que naſcio.
Como Gallos nos cantan las Gallinas,
Y no ſe vieran ogaño Golondrinas.

Vemos

10

Vemos muertos caerse los borregos,
Caen las madres de otra parte muertas:
Los ojos que tal ven, paranse ciegos,
Que las causas del todo son encubiertas:
Buelan de noche por los ayres, fuegos
Que carreras atras dexan abiertas,
Señales que de ver nunca pensamos
Guarde Dios de peligro a nuestros amos.

11

Ca se dize, que hirio por la cabaña
Del buen Alonso vn rayo (aquel pastor)
Que apacienta lo mas de la montaña,
Ah no nos tenga el cielo tal rancor:
No parece, sino, que Dios se enseña
Amor en nos no vé, prueua el temor,
No ves quantas de vezes se estremece
La tierra? antes tan firme, ora enflaquece.

12

Aquel noble donzel que aqui cercano
Con tal nuestra esperança se crió,
Quando el la boz diuina con la mano
Tambien diuina, tañendo acordò,
Luego a bozes lo dixo vn viejo cano
(Ah de lo por venir quanto que viò)
Quan presto te arrepientes, cruel hado,
Quando dás tanto bien de auello dado.

13

Por cierto que yo lo vi, que no quisiera
Auello visto, lleuolo el palacio
Crecia en todo a ojo, quanto fuera
Mejor, y mas seguro irse a despacio.
Cuentan milagros del des que allà fuera,
Mas a tal priessa cierto està el cansacio,
Sea de sprito, o cuerpo, o de ventura,
A cansar presto và quien se apresura.

14

Mas boluiendo a nosotros (pastor bueno)
Quando aqui veo tantas de señales,
Quando de tal maldad el mundo lleno,
Que allà los viejos van, van los zagales;
Estoy confuso, y mal duermo, y mal ceno,
Temiendo a nuestras culpas desiguales,
Es mucho el peccar nuestro, es sin enmienda
Que himos siempre a correr suelta la rienda.

15

Maur. *Agora Aurelio entiendo que tu solo*
Eres el que no sabe el graue daño
Deste nuestro consejo, que assololo
Como por tierra vn caso duro, y estraño:
Aquel todo su bien, muerte lleuolo,
Quien pensó ver tã presto vn mal tamaño?
La nuestra Celia es muerta, ay breue cuento
Mas digno de infinito sentimiento.

16

Aur. *Como que es muerta Celia? y pudo Muerte*
Hazer, aunque cruel tal crueldad?
Pues como? vàse todo anſi por ſuerte?
Sin orden, ſin razon, ſin igualdad?
Tan preſto tanta gloria ſe conuierte
En humo, en nada, eſtado, y freſca edad?
Triſte de mi, de vida yá Celia es fuera?
Quien oye tal tambien que no ſe muera?

17

Dexemos la beldad (que ella tenia
Por coſa vana) (como cierto es vana)
De que a las otras tal cuydado via,
Mas en cuerpo tan ſano, alma tan ſana,
Que para nòs, no para ſi biuia,
Que pudo Muerte ſer tanto villana?
Cortó la tela ordiendoſe ſañuda,
Dexando tanta gente acà deſnuda?

18

D' Amaro, y que ſerâ? ſolo dexado
Por raro exemplo de vna triſte vida,
Como por mueſtra, como por dechado
A nòs ſerâ ella corta, a el cumplida.
Quan preſto tanto bien ſe hà traſtornado?
Ay bienes falſos, ay mueſtra fingida,
Que anſi nos vá engañando de año en año,
Y ſiempre al recoger ſe buelue en daño.

19

Maur. *Pues aun no sabes bien lo que passé*
Con el en el combate desigual,
Era justo el dolor, empero fuè
El impeto primero irracional,
Y no de hombre, aunque barbaro, y sinfé,
Sin alma, sin razon, bruto, y bestial,
Quiso boluerse a si como enemigo,
Mas vuo de lidiar antes comigo.

20

Quantas vezes que al alma del cuytado
Visto he partir tras l'alma sancta della,
Dexando el cuerpo alli desamparado,
Solo tendido como que yua a vella,
Dende a buen rato el triste en si tornado
Buelto de nueuo al llanto, y a la querella,
Critos mil yua dando alto, y sintino,
Unos tras otros siempre de contino.

21

Cruel Celia (dezia) ansi me dexas?
Quien te me hizo cruel? no me responde,
Señal que yâ no las oye estas mis quexas:
Tan lexos la lleuaron, triste a donde
Celia te me han lleuado? ansi te alexas
Sin mas piedad de mi? quien te me absconde?
Quien huyendo se vâ (dizime) ah quien,
Huyendo se me và con tanto bien.

22

Luego boluia, eis que mas piadosa,
Como siempre mas blanda, y nunca esquiua,
Me buelue a ver, mas como tan cuydosa,
Dexadme allâ llegar a ver si es biua,
O se me engaña esta alma desseosa,
Que es esto, a do se fue, mudada que yua?
Y quanto (ò triste) toda de otra mente
De la Celia que yo vi primeramente.

23

Quantos de desuarios? que sin cuento
De desconciertos dixo? y que de antojos?
Que de fantasmas via en vn momento?
Tiesos, y siempre enxutos los sus ojos,
Parece que del mucho sentimiento:
El humor congelaran los enojos,
Al fin dado del todo al dolor malo:
Era el rezio furor sin interualo.

24

Aur. *O Celia quantas lagrimas deuidas,*
Y quantas te eran, si lagrimas nos diessen
Remedio alguno a las passadas vidas:
Y si por otra parte ellas no fuessen
De los que saben mal, mal recebidas,
Y si a flaqueza no las atribuyessen,
No digo mas de si, ni mas de no,
Soncas causas ternà quien no las dio.

Aquel

25

Aquel dolor que và turbando dentro
Del cuerpo, el alma, y todos los sentidos,
Y passa al coraçon que es el su centro,
Las lagrimas de allà manda, y gemidos,
Que los caminos abren al duro encuentro,
Sino que esfuerça siendo detenidos,
Que allà encerrado el fuego, y las centellas
Ardan las casas, y el señor con ellas.

26

Mas en quanto se van nuestras manadas
Paciendo a su sabor, Celia, cantemos,
Sino estan las campoñas acordadas
Luego con breuedad acordar las hemos
Que despues cantaran otras vegadas,
Pastores de que nada aora sabemos,
Cantarlean a la sombra destos pinos,
De alto responderan montes vezinos.

27

Maur. *Que podria yo Aurelio hazer por ti*
Que mas de grado hiziesse? aunque tan ronco
Del llorar mucho, y poco que dormi,
Que no me falta nada para loco:
Mas cantemos, pues tu quieres ansi,
Que el desseo es grande, si el poder es poco
Luego començaré sin mas escusas
Con buena ayuda della, y de las Musas.

Sonriendose està Celia de quan ciega
Es nuestra mortal vista, y quan enferma,
Semejante âquel juego que se juega
De ojos cubiertos que tan mal aterma,
Ella vé todo, y juntamente ruega
Por la su gente, y dizle que no duerma,
De contino amonesta que es pequeño,
Que es vn no nada el plazo, y grãde el sueño.

29

Bien vé que los plazeres, los enojos
Nuestros, son vanos, pienso cierto, y creo
Que a menudo àzia cà buelua los ojos,
A do dexò de si tanto desseo,
Y aquellos sus riquissimos despojos
A su cuerpo, a sus hijos, y su arreo,
Que ser ellos en vida (ella dizia)
Y su tan fiel, y dulce compañia.

30

Y viendo quantas lagrimas por ella
Se derraman acà sin ningun fruto,
Enchiendo todo este ayre de querella
Messandonos, y cubriendonos de luto.
Sabiendo, si llegassemos a vella,
Que luego todo bolueria enxuto,
Buscausme aliá tan bax (dize) errais
Do buscar me deueis, no me buscais.

31

Mi bien, ô que plañis? no la turbeis
Amigos la mi paz, sola esta es vida,
Muerte essa que por vida allà teneis,
Un punto, vn no se qué, la mas cumplida,
En vanas esperanças no os fieis,
La estada incierta, es cierta la partida
De muerte en muerte andais, é veis quã presto.
Una la vida mata, oluido el resto.

32

Hasta quando sereis niños chiquitos
Destos que andan burlando a su plazer,
Tiñese vno la cara, eis que alçan gritos,
Los otros vanle huyendo a mas correr,
Lauàse el gesto, bueluen los loquitos
Riendose hasta de risa se caer,
De las rugas burlais, blanco el cabello,
Mostrais miedo al morir, q̃ es como aquella.

33

Lo que de mi preciais es poca tierra,
Que yá nada siente, es lo que siempre fue
Lo menos cierto os haze cierta guerra,
Isuos tras lo que veis, no tras la fé,
Qual de vosotros sus sueños aferra,
Y soñais todauia no sé qué,
Desseos vanamente assi estimados,
Que matan desseando, y alcançados.

34

Estés por siempre buena Celia en gloria
Allâ, y en fama qual dexaste aqui,
Deuioſe tal corona a tal victoria
Del enemigo del Mundo, y de ti,
Tales contrarios, que en nueſtra memoria
No ſe, vencidos, quien los aya anſi,
Derechamente tu fuyſte a la palma,
Dexando el cuerpo atras, auante el alma.

35

Aur. *Ay compañero, y con que medicina*
Vngiſte la mi llaga honda, y cruel,
Que breuage tan dulce, y tan diuina,
Me diſte por medida, y por niuel,
El mal que anſi me vuiera muerto ayna
Tu me libraſte de las manos del,
Hirierame el dolor que aya mal grado
Ayas lo bueno tu que me has librado.

36

Ora (pues que es mi deuda) amigo eſcucha
Quiero ver mi çampoña, ſi tambien
Cobrado hà aliento de la anguſtia mucha,
Que a las vezes ſe van el mal, y el bien,
Cayendo, y lleuantando como en lucha,
Las ondas con el viento van, y ven,
En fin la nueſtra Celia me lleuante
Para que della taña, y della cante.

CAN

CANTA. 37

Alçose deste baxo Celia a buelo
De todo de la tierra aborrecida,
Passô las nuues, passó Cielo, y Cielo,
Matò la sed en la fuente de la vida,
Cessen los llantos, cesse el desconsuelo,
Que ella a fiestas nos llama, y nos combida,
No se oygan aqui mas, sino cantares,
Dezidme los a cientos, y a millares.

38

Ohi pastores todos Celia nuestra
De mortal que era, es hecha yà inmortal,
Quien no lo vé? a quien no lo demuestra
Claramente tal vida, y muerte tal?
Quan differentes cosas que le muestra
Allà su sancta guia Angelical,
Boluamos todos pues en nuestras menguas
A Celia el coraçon boluamos lenguas.

39

Socorre, ò sancta Celia a estos estremos
Que van acâ entre nos de temporales,
No labramos las tierras, no tenemos
Con que, ni para que, si tu no vales
Todo quanto sudamos lo perdemos,
Que por demas es todo, en tantos males,
De Dios algun remedio nos alcança
De todo nuestro bien cierta esperança.

40

Demuestranos de allá Celia aquel sancto
Amor, que de los tuyos te encendia,
Que tanto te aman, que tu amaste tanto,
Que en ti el su mal, que en ti el su bien se via,
Y con que anguſtia el mal, el biẽ con quanto
Zelo de charidad? con que alegria?
Como en la caſa vèſe al grande eſpejo
El que entra ledo, o triſte, el moço, el viejo.

41

A quien iran de oy mas con ſus clamores?
Con las ſus rogatiuas, y demandas,
Si a ti nò ſancta Celia, sus paſtores,
Y las paſtoras todos en ſus bandas,
Cantandote vnos y otros tus loores,
Texendote vnos, y otros mil guirlandas,
Los vnos, y los otros tus deuotos
Empieça acoſtumbrarte a nueſtros votos.

42

Ergued aqui comigo vn memorial
A donde a cierto tiempo de los años,
El buen viejo anciano, y el buen zagal
Uengan Celia offrecerte ſus rebaños,
Para ſeren por ti libres del mal
De malos ojos que hazen tantos daños,
Uernan buenas, y honeſtas las zagalas
Manda el boſque vedar (Celia) a las malas.

Que

43

Que es esto? o se me engaña el gran desseo,
O cierto que las aguas desseadas
Caeran presto, que señales veo,
Las Garças van bolando en alto alçadas,
Mueuese la floresta a lo que ocheo,
Muestra la Luna manchas assombradas,
Los altos van la niebla yà cobriendo,
Y el Sol se vâ en las nuues escondiendo.

44

Maur. *Como quiẽ atrauiessa vn monte erguido*
Sin sombras, y sin agua en las calores
De Iulio, y Agosto, vn mes y otro cumplido,
Y quando en toda á parte hieruen ardores
A tanto mal cansacio aun añadido,
Falta el aliento, creſcen los sudores,
En fin por vna peña agua que cayo
La vida buelue luego al que desmaya.

45

Tanto tus dulces versos me pluguieran,
Tanta fuerça tuuieran y tal poder,
Que otro me han hecho, ah como se perdieran
Entre nós el cantar, como el tañer,
Que tanta fama a los pastores dieran?
Mas dizenme que allâ vienen a correr,
Ciertos zagales de la estremadura,
Que deste ayre echaran la niebla escura.

Veni

46

Veni buenos zagales con fauor,
De aquellas blandas Musas de Parnaso,
Enchi nuestros collados del sabor
De la lyra suaue hallada a caso:
Cantando a nuestra Celia en su loor
Cobrireis de yerua verde el monte raso,
Y a las fuentes de sombras, y de flores,
Y despanto el oydo a los pastores.

47

Aur. *Oyes? o quiçà no, Mauricio hermano*
Aquellos gritos son del triste Amaro,
Que con la muerte vâ peleando en vano,
Passado del dolor de claro en claro,
Hanlo como metido a sacomano,
Amor, y Muerte, y hecho exemplo raro,
De la fortuna auara, y codiciosa,
Que no há dexado en el cosa con cosa.

48

Amar. *A que parte se es yda esta alma mia?*
Quien me la enseñara? yo que hago aqui?
Sin alguna de dos, que antes tenia?
Que entrambas se ajuntáran contra mi?
Solo dexado me han, ciego, y sin guia,
Pareceos esto Amor? dexarme ansi?
Consigo no quisieran allá lleuarme,
Ni buelto me han a ver, ni a consolarme!

Como

49

Como vna llama por el monte ardiendo
Que presto en alto buela y no parece,
De vista se nos pierde en continente,
Y el humo turbio solo remanece,
Otra tal claridad resplandeciente,
Mientras mirando estaua, eis se escurece
Assi tan presto? triste a donde yré?
Sin ti y allâ sin ti, triste que harè?

50

Cuytado, los lugares do te via,
Y donde me eras tu siempre presente,
Y lo mas que contigo me solia
Dar vida, ora la quita crudamente,
Con ansia, y soledad en compañia,
Huyendo vâse el coraçon doliente,
Dexadme ir a buscallo, y si no viene
Tenga tambien a mi, quien me lo tiene.

51

Maur. Sintionos compañero, y no hà parado,
Mas como parará quien de si huye?
Assi como si herido và el venado,
Crece corriendo el mal que lo destruye,
Que labra el hierro crudo auelenado,
Y a mas correr la vida mas concluye,
Caer, mas no pudiendo, al fin se dexa,
Pone a la vida fin, pone a la quexa.

52

Mas vamos al lugar yâ religioſo,
Que en eſte tiempo, y en el que hà de venir,
Venerado ſerà, donde en repoſo
Yaze el cuerpo que no pudo ſubir
Con Celia al Cielo: mas ò que ſabroſo
Letrero, pàrate ora Aurelio a oyr
Veràs poner ſeyſcientos por aqui
Tal deſſeo dexò Celia de ſi.

EPITAPHIO. 53

Santa alma, que eſte cuerpo acà dexaſte
No pudiendo ſufrir mas tiempo el peſo
Suyo, con quien en bregas ſiempre andaſte
De mi, piedad te mueua, que aqui preſo
Al amor de las coſas que tu amaſte,
Eſtarme mandas, ay no baſta el ſeſo
A tanta cuyta, todo prueuo en vano,
Eſtiendeme de allà Celia la mano.

54

Aur. *Eſte ſacolo Amor de las entrañas*
De aquel tan preciado, y gran paſtor,
No pudieran las fuerças ſer tamañas
En otro ſprito, ni tan raro Amor,
Los paſtores vendran de las montañas
Prouar de ſus çamponhas el valor,
Mas quiẽ quereis que yguale, o tañа, o cante?
A quien amando a ſi paſſa adelante.

Al

55

Al fin boluamonos para el abrigo
Que yâ hurriar d'aqui siento las cabras,
Y las ouejas ya Sancho, y Rodrigo,
Otros sueltan los Boyes, dexan las labras.
Maur. *Tiempo es dir mas primero Aurelio amigo*
Digamosle estas vltimas palabras,
Seate (ò Celia) la tierra liuiana,
Nazcan lyrios aqui, nazca la grana.

ANDRES.

AO DVQVE D'AVEIRO.

EGLOGA TERCEIRA.

I

EL Congoxoso llanto, el temerario
Furor de nuestro Andres, la marauilla,
Que al hato lo boluio, todo al contrario
Que dantes era blando, y sin renzilla,
Tanto, que medio mudo, y solitario,
Sin quexas mucho mas mueue a manzilla,
Mientras yo canto, cante aqui comigo
Amor, aunque cruel, aunque enemigo.

El

2

El primero amor ſuyo, el primer fuego,
De quien con rabia huyera a los deſiertos,
Centellando los ojos d'ira, y luego,
D'amariſſimas lagrimas cubiertos:
De crudos celos, y de furia ciego,
Quando braços cruzados, quando abiertos,
Sin ſi quiera al comer dar vn pequeño
Del dia, o de la noche, al dulce ſueño.

3

Y vos ſeñor no os ſea en menos precio
La çampoña de Pan Dios de paſtores,
Tenida antiguamẽte en tanto precio,
Tambien entre los Principes mayores,
No podemos a Codro, a Mucio, y a Decio
Todos cantar, los Reyes, y altos ſeñores
Vueſtros antepaſſados, y preſentes,
Eſforçados en guerra, en paz prudẽtes.

4

A vòs ſeñor no os cupo en ſuerte guerra,
Eſtamonos aqui como en vedado,
Por el gran Rey q̃ en paz rige ſu tierra,
Que a nòs es Numa, y es Romulo armado,
A los infieles, que el laxos deſtierra,
Temido dellos, de nòs mucho amado:
Vos entre tanto abris largos caminos
Por los libros humanos, y diuinos.

5

Entre los quales tienen su lugar
Las blandas Musas que aliuian el peso,
Del siempre estar attento a especular,
Que sufrir no lo puede humano seso:
Mas alto buelue, que solia estar
Un ramo que algo yuso estuuo preso,
Y puedese mejor boltando a trechos
A los altos subir, que por derechos.

6

Pudierades passar la juuentud,
Como otros grandes Principes, andando
A passatiempos, y a la multitud
De sus plazeres, onde, como, y quando,
Hizoseos mas hermosa la virtud,
Assi qual ella vá de flaco bando,
Tan presto conosciστes los affeytes,
Y el falso resplandor de los deleytes.

7

Bien vimos quanto os plugo la pintura
De Hercules quando moço en despoblado,
Por hierta via, de vna vieja, y dura,
Por llana de vna moça encaminado,
Aquella espinas muestra, aspera altura,
Fuentes, flores, estotra, y verde prado,
Mas aquel coraçon que no desmaya,
Por el monte agro vâ, dexa la playa.

8

Ora otra vez a Andres, que vâ sin mientes
Huyendo los apriscos, y lugares,
Y a todo lo pisado de las gentes,
Añadiendo cansacio a los pesares,
Ah loco, y de quien huyes? no lo sientes,
Que dàs mas viento al fuego sin pensares,
Loco, loco vna vez, otra vez loco,
Yá que vâs a tu mal, và poco a poco.

9

Tu mientras que los otros apascientan,
A sus rebaños Iuan, Pedro, y Rodrigo,
Mientras nel pedernal fuego arrebientan,
Hurtados de los vientos al abrigo
Do sus passados casos se recuentan
Tu debatiendo vas solo contigo,
Mientras tañendo estan, mientras cantando,
Tu vaste ansi, y ansi deuaneando.

10

Pascuala, cruel sierpe, no offendida
(Alomenos de mi) toda inflammada
De su veneno, dà d'arremetida
El cuello, el pecho y la cabeça alçada,
Siluando la su lengua en tres partida
Como llama de fuego apresurada,
Que es esto? que te he hecho? ah q̃ me quieres?
Cruel, la mas cruel de las mugeres.

Que-

11

Querida sobre todas las zagalas,
Que hechizo hà sido di? que encantamiento,
Que dura fuerça de palabras malas
Las que trocar te hizieran el pensamiento,
Bien pintan al Amor ciego, y con alas
Alçose presto, y tan liuiano al viento,
Yo tras el de assomada en assomada,
Que no se tras que voy, voyme tras nada.

12

Y nunca quiero entrar comigo en cuenta,
Que cierta sea (triste) ni saber
La causa, porque esta alma ansi se affrenta,
Que a nadie mas que a si, deue querer,
Amor como enemigo, que consienta
Me dize, y que podia yo ende hazer,
Quien puede huyr (cuytado) a su ventura?
Mal remedia locura a la locura.

13

Aun las fieras seluages como son,
Vencerse dexan de humanidad buena,
El Toro brauo, el mas brauo Leon
Con tiempo muestran que no sienten pena,
El vno en yugo, el otro en la prision,
Si la boz conoscida al ayre suena,
Del Halconero, luego desde el Cielo
A prenderse el Halcon baxa de buelo.

14

Todo lo vence el tiempo, y la porfia
En piedra dura el agua, si desciende,
Aunque ella es blanda, caua todauia:
Es duro el hierro, gastase porende,
Lo que no haze vn dia, haze otro dia,
A las sus fuerças quien se le defiende?
Durissima Pascuala, quanto en ti
De amor trabajo, y fé, tiempo perdi?

15

Vemos la golondrina, buelto el pecho
Al viento, como vn rayo irse bolando,
Ora en cielo, ora en tierra, el cuerpo estrecho,
Las alas pocas vezes meneando,
Contra la vena d'agua và al derecho
La trucha, las açudas trespassando,
Aues ay que de dia nunca buelan,
Y por la noche obscura se desuelan.

16

Ay animales que a los nuestros fuegos
Se acogen constreñidos del mal frio,
Otros nos huyen, son como vnos juegos,
Vnos al monte buscan, otros al rio.
Biuen dentro, otros de la tierra ciegos,
Vnos del fuego, otros del rocio,
No sé que condicion tienes Pascuala
Cierto no de muger, no de zagala.

17

Mas antes de zagala, y de muger,
Que debaxo de aquella vista hermosa,
Tan llegada al diuino en parecer,
Escondio la natura artificiosa
El mayor mal que pueden ojos ver,
Daño que haze la pena deleytosa,
Ponçoña de gran fuerça mata el vellas,
Mata el oyllas, mata el eyr dellas.



18

O que ayas mucho de mal grado Amor,
Que assi nos turbas el entendimiento,
En lo que es mas dañoso ay mas sabor,
Errado el peso, la medida, el cuento,
Donde se sigue que de vn tal error
Se vayan recreciendo ciento a ciento,
Qual fuente auelenada perenal,
Donde mana despues tanto de mal.

19

Suerte dura, y cruel, que tal consiente
De monte en monte voy, de valle en valle,
Huyendo lo pisado de la gente
Para que solo grite, y solo calle:
Amor viense tras mi porfiadamente.
Que yo no se quien le enseña a que me halle,
Yà tiempo ser deuria que dexasse
Este Andres triste, y q̃ otro Andres buscasse.

20

A quien como a zagal vano, y sandio
Mostrando con blandura los sus ojos
Turbasse juntamente el aluedrio
Enchiendole de mil vanos antojos,
De vn crer, de vn esperar mas que baldio,
Cozos inciertos, ciertos los enojos,
En fin (como se dize en viejos cuentos)
El ayre lleua los encantamientos.

21

Aquellas sus pinturas tan hermosas,
Aquellos muchos en puntos pequeños,
Las playas, las riberas deleytosas,
Las sus riquezas tantas, y sin dueños,
Tantas sin precio piedras preciosas,
Las naues viento a popa, vanos leños,
Las fuentes claras, verdes las verduras
A desora (no veis) son penas duras.

22

Mas eya que ansi manda aquel tyrano
Aquel niño, aquel ciego, aquellos celos,
Que vaya donde el mundo es siempre cano
De nieues blancas de perpetuos yelos,
Do presa el agua está aun nel verano,
Do suelen siempre ser turbios los cielos,
Auer si resfriaran llamas tamañas,
Como se alçaran dentro en mis entrañas.

O por

23

O por ventura si seria mejor
Irme âzia estotra parte a donde vea
El Sol andarse siempre al derredor,
Que no se esconda, como que esto sea
Sino remedio, aliuio àquel dolor,
Con que el alma vencida deuanea,
Dotro quiçà, pudiera triste huyr
De mi do me podré descabollir?

24

Si vna ora no podia estar sin ti,
Como podrè passar por los tamaños
Dias, que aora vienen sobre mi?
Como las noches tristes, que son años?
Si todo, si a mi mismo aborreci?
Despues que supe mas destos mis daños,
Ora desengañado aqui que attiendo?
Que me aconseja Amor que no le entiendo.

25

Con que viene de nueuo esta mal sana
No se si el alma la que me detiene,
De noche auiendo miedo a la mañana,
Y de dia a la noche quando viene.
Ora huye, ora a mi buelue liuiana,
Ansi como el antojo sobreuiene,
A donde no quedò remedio alguno,
A que prouallos ando a vno a vno?

26

Si mas me quereis ver muerto aluenga
Tanto tiempo mal dando a las querellas,
Dexame y iré a ver Eluira, y Menga,
Que me embian dezir que vaya a vellas,
Las mis buenas amigas, que no es luenga
Iornada, haré lo todo antes de estrellas,
Mas no, no me dexeis, que Dios os vala,
Que no está como suele ende Pascuala.

27

Mudò los passatiempos que solia
Tener la mi Pascuala, antes agena,
Antes toda otra cosa que no mia,
Quien la quisiera hallar busque Ximena,
Su nueua, y su agradable compañia,
La Sancha, la Toribia, y la Morena,
Enseñadas a hazer por mis peccados
De vn solo coraçon muchos guisados.

28

Mas yo de quien me quexo? el de culpar
Yo soy, que yo era el mismo que me andaua
Con tanta diligencia a me engañar
Yo era el que traya, y el que lleuaua
(Qual dizen) al sabor del paladar
No via, no entendia, no escuchaua,
Que mas ciego, ni sordo puede ser
Que aquel que nada oyr quiere, ni ver?

29

Dexadme ir a los montes, que vn Cingial,
Vn Osso, vn Lobo, mientras los persigo,
Quiçá vn dia daran fin a mi mal,
Murio en el monte Adonis, de enemigo
Colmillo herido, el triste (y que zagal
De tan hermosa Diosa hermoso amigo)
Ella lo tiene en braços, quien los vier-
A penas juzgarà qual dellos muer-.

30

Qual vida, qual salud se le pudiera
Igualar a tal muerte como aquella?
Que oyendo, y respondiendo se partiera,
Los ojos (al quebrar la vista) en ella,
Que dellos recogia la postrera
Ya muerta luz, que antes cegaua en vella,
Vete buen moço en paz con sus despojos,
Y no bueluas atras nunca los ojos.

31

Y quando fuesse, que en los montes frios
Peligros, ni cansacios me viencissen,
Ni me anegassen impetuosos rios,
Que hinchados de las sierras se cayessen,
Quiçà seria que los canes mios
De rabia, o hambre, a caso me comiessen,
O por otros algunos instrumentos
De aquellos que se cuentan en viejos cuentos.

32

Quien me ſabrà dezir que cierto ſea,
En que parte del mundo en agua, o tierra,
Me deſafia la Muerte a la pelea,
Que ſiempre amenazando a vn punto cierra.
Mas ſi ha de ſer, mejor ſerà que yo vea
Preuenida por mi ſu dura guerra,
Vamos, que traerà deſpues la ſuerte
Iuſta vengança a la mi juſta muerte.

33

Allâ me llama Amor d'aquella altura
A bolar tras el voy, veré ſi anſi
Pondrè fin a la vida, y a la locura:
Paſſaran los paſtores por aqui
Cantando mi cruel corta ventura,
Cruel llamando Amor, cuytado a mi,
A prieſſa por ſalir del val priado,
Por la muerte de Andres mal eſtrenado.

34

Los vnos a los otros gritaran,
Huye del valle a do yaze el zagal,
Y los otros tambien reſponderan,
Huye el valle a do yaze el zagal.
Y todos juntos mas añadiran,
Que por amar tambien murio tan mal,
Que por amar tambien tan mal muriô,
Deſſa peña alta Amor le deſpeñô.

Y qui-

35

Y quiçà cantaran por las floreſtas
En tiempos por venir buenos paſtores,
El triſte cuento mio, y mis requeſtas,
Los faltos de ventura mis amores:
En las fuentes ſombrias por las ſieſtas
Al Sol deſpues; paſſadas las calores,
Que refrigerio auran los hueſſos frios
Sintiendo renouar los caſos mios?

36

Los quales en ſu tiempo no tuuieran
Tal ſuerte, antes corridos de fortuna,
A quien mas los canſó menos dolieran,
Dura zagala ſin piedad alguna,
Mas de quantas ſeran, de quantas fueran
Hago teſtigo al Sol, hago a la Luna,
Y las mis eſperanças liſongeras
Paſſais a mengua d'otras verdaderas.

Dixo

37

Dixe, y teñido de color de muerte
A ſubir empeçò la braua peña,
Amor aqui los mis verſos concierte,
Si a los ſuyos, y a mi verſos enſeña,
Aunque ſeria bien de aquella ſuerte
Que dizen, al mar agua, al monte leña,
En verſos añadir mas a las coſas,
Y a las obras de Amor marauilloſas.

38

Agora que me haré? que me aconſejas,
Mi çampoña yâ tanto ida adelante,
Las Muſas vergonçoſas zagalejas
Todas ſe me demudan en el ſemblante,
Todas los ojos baxos, y las cejas,
Mas Apolo el mayor quiere que cante,
Por fuerça es que ſe cumpla ſu mandado,
Sino que mal me tiene amenazado.

39

Una cueua en la peña se escondia,
No de manos humanas, ni exercicio
Humano alli labrada, hecho la auia
De natura la industria, y el artificio,
Para quando vn tal caso acontecia
Como el de Andres, que al proprio sacrificio
(Como dixe passaua) eis que acontece
Tal vez cresciendo el mal que se guarece.

40

Fuesse verdad, o fuesse sueño Andres
Vio claro, o pensò ver dentro en la cueua
Satyros que cantauan Cabripies,
Y Faunos, y Syluanos, cosa nueua,
No vista nunca d'antes, ni despues,
Crean los por venir, que es harta prueua
Vello de loco sano, y ver que alguna
Noche cantaua, assi solo a la Luna.

41

Cantauan, y baylauan en las sus fiestas,
Nuestros rusticos Dioses, yo atordido,
De lo que via, con mi mal acuestas,
Cahi por tierra, fermehà mal crido,
En derredor boltauan las florestas,
Boltaua juntamente mi sentido:
A reuezes cantando vnos dezian,
A reuezes los otros respondian.

Saty-

42

Satyros. *Pasiphe (ah que verguença) và buscando*
El Toro hermoso váse a las manadas
De las vacas a solas suspirando,
Teneisme acà el mi amor tan mal miradas
Que no me lo enseñais, y veis qual ando,
Dezia (de mil lagrimas regadas
Sus hermosas mexillas) ah cruel,
Que se anda tras vosotras, yo tras el.

43

Faunos. *Rodeaua las aguas vna a vna*
(Del blanco (isne enamorada) Leda,
El se alça a buelo, ella sin ninguna
Color de biua, vn blanco marmol queda,
Mirando fixo, como la laguna
Traspone, y el rio, quanto aturar pueda,
Despues que no le vé desecha en lloro
Embia el coraçon tras su thesoro.

44

Syluan. *A quien darâ su amor la grã guerrera*
Simiramis? a quien? saluo al ardiente
Cauallo, que en la lide conosciera
De mas furor al freno obediente,
A quien los pies calçara, a quien abriera
Vn blanco la orgullosa, y alta frente,
Aquella que por si no hà miedo a cosa
Por el en la batalla entra medrosa.

Saty-

45

Satyros. *Fueran las nietas de Belo cincuenta,*
Y cincoenta los nietos, ajuntò
En casamiento a todos: de tal cuenta
Las manos limpias, sola vna guardò
Desastrada, cruel, noche sangrienta
Que tanta crueldad vio, y encubriô,
Tardaua el Sol en ver el caso indino,
Quando vuo de venir, cubierto vino.

46

Faunos. *Beldad, sangre, thesoros, arte estrellas*
Todo lo tuuo en su fauor Medea,
Perdonen aora aqui nobles donzellas,
Si del su Amor se cuenta obra tan fea,
Buen remedio por cierto a vnas querellas
(A vn mal que no ay lugar de que se crea)
Ayrada en sus hijuelos tiernos puso
Manos, denidas mas a rueca, y huso.

47

Syluan. *Un pastor fuerte, mas de flaco auiso,*
Delante quien huyan los Leones
A Dalida maluada el bien que quiso
Causa le fue de injurias, y prisiones,
De muerte al fin, passaualo ella en riso
No se como ansi son sus coraçones,
Quieren por el bien mal, por el mal bien,
Sin saber como, ni porque, ni a quien.

La

48

Satyros. *La joya de Eriphyle, que escondia*
Tan grandes daños en la su riqueza,
Por cima de los mas que hechos tenia,
Hizo aquella infamada, y gran crueza,
La muerte de Amphiarao, que todo via,
Mas que aprouecha contra la dureza
Del hado, la prudencia, ni el saber?
Y que contra codicia de muger.

49

Faunos. *Esta nuestra riqueza, aunque Aldeana,*
Offrecida, pero quien la desecha,
El don hermoso de la blanca lana
Bien sabe el nuestro Pan quanto aprouecha,
O que ella fuesse, o parecio Diana,
Era alta la floresta, vuo sospecha,
No burlo, mas de veras, como es esto?
Quien mas cargado vá, llega mas presto?

50

Syluan. *Aquel Galo pastor, aquel que tanto*
El Tytero alabò por su Lycores,
Como (zagala ingrata) en cuyta, y llanto,
Muerto quedado se hâ matando amores?
Ella sigue las armas, que ni tanto,
Ni quanto mira a lloros de pastores,
Socorrese el cuytado a la çampoña,
No remedio àquel mal, antes ponçoña.

Faunos.

51

Faunos. *Las dos Ioanillas tan ricas zagalas,*
De pastos, de ganados, de thesoro,
(Que en cada parte se ay de las Pascualas)
Colgò vn su amigo Andres de vn cordon d'oro
Que ella labrara por sus manos malas,
La mayor dellas, la menor en lloro,
Y en sangre rematàra el su Amor breue;
El Sebetho lo sabe, y quien lo beue.

52

Syluan. *Iunto del turbio Tybre, que rebaños*
Ay de zagalas, mas que deuen sueltas,
Que biuen de doblezes y de engaños,
Palabras dulces en ponçoña embueltas,
Con que a los moços, con que à viejos años
Hazen que ciegos van dando mil bueltas,
Isla de Circes mala, alli vereis
Vnos tornados puercos, otros Bueis.

53

Todos. *Quien bastarà a contar cuentos sin cuento,*
Lo sin medida, quien cansa en medir,
Quien coger en las redes, quiera el viento,
Quien sembrar en la arena, y quien cubrir?
Cierto que es mas que loco pensamiento,
Las leyes comunes han se de sufrir,
Mas que enmendar, mil cosas se sostienen,
Porque vnas van a si, porque otras vienen.

Nascio deste gran mal, grande prouecho,
Que Pascuala nombrar oyendo, y Andres,
Boluiendo en mi alceme, y con despecho,
Y marauilla dixe, esto como es?
Si sueño vanamente, o si sospecho?
Besé la tierra, y di luego a los pies,
Fuyme a vna agua corriente, ende lauado
Bolui sin quexa al hato, y sin cuydado.

A DOM MANOEL DE PORTVGAL.

EGLOGA QVARTA.

I

Filho daquelle nobre, & valeroso
Conde mais junto â gram casa Real,
Que abastara dizer do Vimioso
Senhor Dom Manoel de Portugal:
Lume do paço das Musas mimoso
Que certo vos daram fama immortal,
Quando homem cuyda que no cabo estais
Tornando olhos a vòs, por vòs passais.

Em

2

Em que vos seruirey cà deste monte
Tal merce nesta terra pouco vsada,
Mas muyto noutra alli logo defronte,
Aquella Egloga vossa me foy dada,
Encostado jazendo à minha fonte,
De versos estrangeiros variada,
Parecia que andaua a colher flores
Co as Musas, co as Graças, cos Amores.

3

Entam tornando em mi, dixe comigo
Certamente eu trazia errada a conta,
Que inda hâ quem nos renoue o tẽpo antigo,
De que tanto se escreue, & tanto conta,
Agora me reprendo, & me castigo,
Que fiz á nossa Lusitania afronta,
Cuidey que sò buscaua prata, & ouro,
Buscastes me no meu escondedouro.

4

Andando apos a paga, ouue aos sisos
Medo (que assi o confesso) & a hũs pontosos,
De rostros carregados, & d'hũs risos
Sardonios, ou mais claro, malicioſos,
Quem tantos tentos, quem tantos auisos
Terá, que empare os golpes perigosos,
Em fim Senhor, pastores se adiantem,
E quanto mal vier cantando espantem.

Queremvos por ſenhor, não por juiz,
Rigores a departe, que ſão dignos
De perdão os começos já que fiz
Aberta aos bõs cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por ſi diz
Aquelle hum ſò dos Lyricos Latinos,
Ora prouemos jà a noua lingoagem,
E ao dar a vella ao vento boa viagem.

PASTORES
DA EGLOGA.

Gonçalo. Ines.
Bicito. Beatriz.

Gonç. *QVantas couſas (Ines, madrinha, & tia)*
Se me vão deſcobrindo de ora em ora,
Inda que eu faça corpo, geſto, & ria,
Polla alma de quem mais não pode, afora
Outros reſpeitos, cumpre ter paciencia,
Tè que ſeja da vida, ou da dór fora.
Aos erros he deuida a penitencia
Por conta, por medida, por balança,
Seja juiz a propria conſciencia.

Epo-

E porem quando ao contrario da esperança
Em vez de galardão acode pena
Quem terá sofrimento em abastança?
Amor que por antolhos tudo ordena
Bem pouco se lhe dá de que a fé sancta
Se quebre com grão culpa, ou com piquena.
Faz hũa, & outra pousa o Callo, & canta
Eu eis me aos pès, ora eis me à cabeceira,
Tè que o mesmo trabalho me leuanta.
E vou me ao meu fozil, & à pederneira
Em fogo aceso o fogo ascendo, & ando
Do quente ao frio, do frio à fogueira.
Assi vaãmente triste porfiando,
Dou volta à cama, abrolhos me atormentão
De claro em claro o coraçaõ passando.
As que nos berços sangue nouo auentão,
Vierão ter ao meu, chamãolhe Estrias,
Que a tantas de crianças arreffentão.
E disserão por mi, viua algũs dias,
Que assi lh'apraz aos fados, & tiuerão
As mãos quedas em si, & as vnhas frias.
Mas que falsa (de mi piedade ouuerão,
Quanto milhor me fora, que num ponto
Em paz dessoutra parte me puserão.
Despois seguiose hum conto, & outro conto
Tempos tam desuayrados, que assemelhão

Mais da fortuna os jogos que não conto.
Os fracos coraçoes logo ajoelhão.
Desmayão logo, vendose em tal laço
Em poder da mà dòr, mal se aconselhão.
Ines. *A filhado, & sobrinho, juras faço*
Que disso mais nam sey certo que seja
Sò que perdeste muito em pouco espaço.
Quem nam morria por aqui de enueja
De ti sobrinho em tudo o que fazias,
Que em tudo manha, & graça te sobeja.
Todos nas festas onde appareçias
Hum còr, outro tençaõ logo mudaua,
E somiase outro entre as companhias.
Onde cantauas, ninguem mais cantaua,
Onde tangias, mais ninguem tangia,
Onde tu te despias, quem lutaua?
E lembrame que estando ora qual dia:
Comigo Grimaneza, & Beatriz,
Tinhamos entre nòs certa porfia.
Como vez que hũa diz, & que outra diz,
Naquelle proprio ensejo eis que passauas,
Passando disseste alto, Eu que lhe fiz?
Parece que contigo peleiauas,
Como acontece às vezes bracejando,
Que nam dauas vagar, nem o tomauas.
Vite, euuite, caleyme; senam quando

Disse

Disse hũa contra mi, qual vay Gonçallo,
Vay (disse eu) como muitos sà dejando.
Tudo aquillo saõ mimos, jà fez callo
(Disse outra) nũs assanhos de mimoso,
Ou se olho mao lhe fez algum aballo.
Quando eu aquillo vi jà perigoso
Achastes vòs (lhe disse) outro zagal
A quem chamardes vaõ, a quem pontoso.
A primeira ficou como hum coral,
A segunda de todo descòrada,
Parece que ambas o tomaram a mal.
Mas tudo isto sobrinho he pouco, ou nada,
Saluo que às vezes estes nadas sam
Muito do miolo que jà traz pancada.
Gonç. *Quantos sonhos que vem, quantos que vam,*
Coytado do dormente, que assi jaz
Ora torcendose, ora rindo em vam.
Quanta conta se faz, quanta desfaz,
Erradas as piquenas, & as mayores,
Ou feitas com queixumes, ou com paz.
Ines. *Certo mal comedidos sam pastores,*
(Aja eu de ti perdaõ) sempre queixosos,
Nam nos posso entender em seus amores.
Tam maos de contentar, tam rauinhosos,
Nam sabem estremar o mal do bem,
Sempre aggrauados, sempre sospeitosos.

Gonç. *Mal te saberia ora por ninguem,*
Nem por mi responder, seja o que for
Corrão ventos dáquem, corrão dàlem.
Mas dize tia pollo meu amor
Isso das mais gabadas desta terra,
Quanto hà que foy renoua a minha dòr.

Ines. *Por certo se a memoria me nam erra*
Voltando o Sol despois nam se escondeo
A nós dez vezes dez deu vista â terra.
Inda te digo mais que aconteceo
O que te disse alli naquelle logo
Onde tu jâ cantaste, outrem gemeo.
Dia de muito riso, & muito jogo,
Venceste â luta ao pario, & ao cajado,
E despois nos cantastes a nosso rogo.
O teu cantar tam brando, & tam gabado,
No som, & nas palauras tam queixoso,
Onde me acolherey, tudo he tomado.

Gonç. *Como este Sol dà voltas tam trigoso*
Quanto que já folguey de ouuir cantares,
E quanto de os cantar fuy cobiçoso.
De todos me esqueci, tantos a pares,
Até as vontades muda, & tudo leua
Consigo, & do prazer faz maos pesares.
Elle he o em que vay tudo o que releua,
Elle faz, & desfaz as agonias,

Não

Não olhes mais se choue, venta, ou neua.
Mas quanto ao meu cantar, que antes dizias
Isso me lembra bem, que era em Septembro,
Quando dão volta as noites sobre os dias,
De mais quero prouar se inda me alembro.

CANTA.

1

Onde me acolherey, tudo he tomado,
Nam parece esperança aqui nenhũa,
Sombras feas, & negras mal peccado,
Estas si que apparecem, cousa algũa
Não ficou por fazer, como o passado,
Será o que he por vir, ouçame a Lũa
Delgada, que trasposm polo alto monte,
Seus trabalhos cos meus coteje, & conte.

2

Que se os velhos Solaos fallam verdade,
Bem sabe ella por proua, como Amor
Magoa, & auer â de mi piedade,
Endimião tam fermoso, & tal pastor,
Entre as flores dormia em fresca idade,
Olhando ella do Ceo perdia a cór,
Tè das flores ciosa, & dagoa clara,
Que o seu fermoso Amor lhe adormentara.

3

Cantão, & contão mais que ouue hum tyrano,
De grande poderio, & grande auer,
Que vendo a bella moça em corpo humano,
Que andaua a colher roſas a prazer,
Salteoua, rouboua, foyſe vſano,
Por força, ou por vontade ouue de ſer,
Riquezas más, injuſto ſenhorio,
Que ajuntais á vontade o poderio.

4

Ora amay preguntando longamente
Por hum só bem que tinha onde o acharâ,
De hũa gente paſſando em outra gente,
Tambem aos Deoſes culpa, ah ſorte mà,
E juſtiça mayor que tal conſente,
Buſcando por demais tudo o de cà,
No Reyno a achou de ſombras vãs cuberto,
Exceo genro cruel vem a concerto.

5

Partem o tempo entre ſi, que era deuido
De todo amay roubada, a que dos Reys,
Que dalli veo o nome de partido,
Que ſempre forçado he, & contra as leys,
Mas que farâ quem tudo tem perdido,
As voſſas lagrimas que as enxugues,
Triſte quem poderâ fogir ao fado,
Onde me acolherey, tudo he tomado.

Ines. *Nam te deixaram hũa, & outra fonte*
Dos teus olhos cantar mais por agora,
E os meus ja aqui tambem punham se a monte.
Andamonos assi de foz em fora,
De nosso porto sempre em differenças,
Sempre esperando em vam ver milhor ora.
Para o corpo se acharam mil doenças,
E para alma cem mil outras piores,
Tantos acordos, tantas desauenças.
A mocidade vaã gouernaõ amores,
Estendem se inda às vezes tè a velhice,
Quando ja tudo he presa, tudo dòres.
Que cousa falta alli para doudice,
As mãos, os olhos de assossegados,
Choros, & gritos como em meninice.
Aquelles seus sospiros apressados,
Aquelle ir, & tornar, que nada attina,
Aquelles seus imigos, seus cuidados.
Gonç. *Passou ora qual dia hũa çomphonina,*
Polla Aldea cantando, elle era cego,
Guiauao loura, & branca hũa menina.
Tambem aquelle nam, tinha assossego,
Chegamonos a ouuir certos pastores,
Pelayo, Pedro, Ioam, Gil, & Diego.
Parece que suaua inda suores
Mortaes, & que do peito lhe sahiaõ.

Sospi-

Soſpiros mil, cantou males damores,
Feznos entriſtecer quantos ouuião.

Cantiga do Cego.

Un tiempo miròme Helena,
Soſpechè que eramos mas,
Iuré no miralla mas,
Nunca coſa hize tan buena.

Amor anda en ſus conſejus,
Mas bien ſeria yo loco,
Si en ſus malas mañas viejas
Mucho fiaſſe, ni poco.
Alma de laſtimas llena,
A que vienes, y a que vas?
Que puedes negar Helena
A quien les tus ojos das?

Enemiga ſuerte triſte,
Hazme la vida quitado,
Y a quien pienſo, que la diſte
Quiçà que nada le has dado.
Harto mal, peor ſe ordena,
Mas que debato yo mas,
Que tu miſma, aun apena,
Pienſo que lo negaras.

Y estos ojos de mis juras
Si se burlan, a la fé
No se fien en locuras,
Caten que los quebrarè,
Esta culpa sea agena,
Que otras son mias assas,
Por razon và que en la pena,
Vença aquel que pena mas.

Ines. *Palauras cheas d'impetu, & payxão,*
Não quero mais dizer cheas dengano,
Que ellas mesmas por si dizem o que são.
Nam faças suspirando longo o anno
Temte como aruore aos ventos em pé,
Dà tempo dà lugar ao desengano.
Gonç. *Não me diras madrinha Ines atè*
Quando esperar me mandas hum ingrato,
Que dizem que não ouue, & que não vè?
Esperey, & sofri, fiz mao barato
De mi, & quem mal cae, diz que mal jaz,
Exemplos velhos são, tornome ao fato.
Ines. *Quiserate dizer, vayte ora em paz,*
Porem com que esperança: mas quem vejo
Là vir, que em queixas todo se desfaz?
Gonç. *Este vos he Bieito, & bom varejo*
Dizem que ouue elle o gano, ora anda à caça,

Triste

Triſte de mi nam ſey, outrem correjo.
Neſte mundo d'eſcarneo tudo he graça,
Nam ſabemos o quando, o como, o quanto,
E às vezes muyto bem, mal te ameaça,
Offerteſe cada hum tia a bom ſancto.

Bicito. *Quem deu a Amor quebranto, & o fez cruel?*
Quem tornou tudo fel quanto aprazia?
Que ſe fez deſte dia oje tam claro?
Como ſe compraõ caro neuoas, ventos?
Que incertos fundamentos d'eſperanças
Trocadas as moſtranças de hora em ante?
Mandame Amor que cante a frauta branda,
Paſſatempos em que anda à cuſta alhea?
A Deos por ſempre Aldea atè que cayz
Debayxo deſta faya, ou deſte freixo,
Por onde me ora queyxo andando em vão,
Entam ſe acabaram tantas contendas,
Vayſe agoa pollas fendas, feita he conta,
Hum pouco mais que monta de tal vida?
Queixa da razão tida ſem razão
Que as couſas todas dão de ſeu perigo
Sinal, como de imigo, porque ſeja
Auiſo a quem o veja, que não tarde,
Vemos ao fogo que arde, irlhe diante
Fumo eſcuro que eſpante: ante a tormenta
Pollas deffeſas venta leuemente,

Amea-

Ameaçando a enchente, vem soando
Vem de braua escumando, abate, estronca,
O mar primeiro ronca, alçase inchado,
Logo algum abrigado junto â terra
O pescador afferra com gram pressa,
Pollo monte atrauessa o mao faminto
Do Lobo, & por destinto o gado entende,
Ajuntase, defendese, agasalha,
Ordenase em batalha, ao vso erguido,
Vay diante o appellido, sae sem cor
Da cabana o pastor, que todo treme,
Do dano o medo opprime antes do dano,
Ora este Amor humano, que assi apraz
No começo que em paz alma repousa,
Hũa tão branda cousa, como empece
Isto como acontece à natureza,
Que de certa se preza? quem diria
Onde triste trazia isto escondido?

Ines. *Trasposem vento, he ido como tudo*
Como soar fazia o rio bem,
Parece que ficou todo este ar mudo.

Gonç. *Ues alli o que faz: mas eu com quem*
Estou tia fallando. Ines. *Inda lhe ouuz*
Saudades do meu mal, todo meu bem.

Gonç. *E tu nam cuidaras que he aquillo assi,*
E a nossas queixas vãs todas chamais:

Prou-

Prouuera a Deos madrinha fora aſsi.

Ines. *Tambem voſoutros todos vos queixais*
(Como jâ diſſe) muito, & por coſtume,
E não razão, nem cauſa que tenhais.
Cada hum ſe chama facha ardente, ou lume,
E fragoa onde ſe proua ſua fineza,
E deſtes tais, queixume apos queixume.
Quiſera nos amores mais ſimpreza,
Quero dizer, quiſera os mais ſingellos,
E mais diſſimulada eſta triſteza.
Não vos quiſera aſsi tam amarellos,
Nem tam achacadiços, eſte geme,
Deſtoutro choraõ ſempre os olhos bellos.
Outro por Iulho, & por Agoſto treme,
Arde em Dezembro, foge a claridade,
Soſpeitoſo, de ſi proprio ſe teme.
Mas empendia ora eu boa vaydade,
Deixemonos deſtar mais neſtas chaças,
Cuido em fazerte mal, bem à vontade.

Gonç. *Aſsi tenhas prazer tia que o faças*
No que poderes, ſempre ſem treſpaſſo
A mi não olhes, nem que me deſfaças.

Ines. *Hum pouco nos vay ſendo o tempo eſcaſſo*
Por iſſo cumpre pòr peito â montanha,
Não ves como o Sol foge, eſtende o paſſo.

Gonç. *Que eſtenda o paſſo eu como? olha camanha*

Paſſa.

Passada que aqui dou: logo outra perto,
Ora vejamos quem mais terra apanha.

Ines. *Eu sospeitey que andauam em concerto*
De certa romaria as mais louçãs,
Pode ser que seja erro, ou seja acerto.
Mas posto que as passadas sayão vãs,
Nam seram as primeiras meu sobrinho,
Nem dizem sempre as tardes co as menhãs.

Gonç. *Melhor fruto espero eu deste caminho,*
Porque, ou mal vejo, ou vejo bom final
Tanta fayxa de cór, tanto saynho.

Ines. *Olha que em tudo o sofrimento val,*
A cabeça nam corra mais que os pes,
Seja a razam a guia principal.

Gonç. *O minha tia, & boa amiga Ines,*
Tu me guia, & gouerna, que eu nam rejo,
Nam sey; tu sabes, nam vejo, tu ves.

Ines. *Pois olha, nam te empeça o ser sobejo,*
Que se hũa ora aproueita muitas dana,
Benzete do diabo, & do desejo.
Cada hũa destas moças anda vfana,
Cuyda que o Sol lhe bayla sam gabadas,
E nam hâ jà quem cuide que se engana.
Nam tenham aqui poder oras mingoadas,
Que se nos sentem logo ham de dar côr,
Que eu sou a que ando nestas esprcitadas.

Gonç. *Se soubesses o frio, & o pauor*
Que me tomou madrinha, esforçarmehias,
Tanto ao contrario de porme temor.
Ines. *Em verdade que tẽs moço as mãos frias,*
E branca a boca mais que esta toalha,
Possas sofrer o bem, se o mal podias.
Gonç. *O tamanho aluoroço a tudo atalha,*
Muito mais o prazer, que a paixam, toma
Poder do coraçam nesta batalha.
Ines. *Esforça, que Beatriz o adufe toma,*
E começa a tanger com tanta graça.
Que hũa ora o som traspoem, outra ora assoma.
Ora eu por fiador que a alguem prol faça
Se ella tambem cantar como parece,
E como soe, que inda oje nos faça
Parecer esta tarde que amanhece.

CANTA.

Beatriz.

I

DVra necessidade quando engrossa,
Como agua na ribeyra,
Quem não foge, podendo, vendoa vir,
Quem hà, porem que possa
Cumpre de ter maneira,

Ou de pòr peito à agoa, ou de fogir,
Forçado a mi me he ir
Buscando pollos vãos contos passados,
De que cante, que ey medo ao mao ensino,
Mayor, que a cantar mal versos rimados,
Em fim, direy d' Amor cego, & menino,
Por desastre malino,
Como lhe aconteceo,
Mas se Amor foy vencido, Amor venceo.

2

Em tempo antigo, longe em terra estranha,
Hum Rey, & hũa Raynha
Ouuerão filhas: a primeira veo
De bolleza tamanha,
Que algũa igoal não tinha,
Sómente a que despois foy a do meo:
Mas logo sobreueo
Inda outra, que a estas faz como às estrellas
Faz o Sol claro tanto que apparece.
Fallarão caualleiros, & donzellas,
Como nas cousas raras acontece,
A gente se lhe offrece
Como a Deosa immortal
Té do bem o sobejo sempre he mal.

3

Não soffreo tal offensa Amor altiuo,

Que fosse aos Deoses feita,
Seu arco toma, os tiros apurou,
De chumbo, & douro viuo,
Voando ao âr se deita,
E num momento tudo atrauessou:
Mas enleado ficou,
Quando tal fermosura ante si vio,
Fogiolhe o coraçam a setta cae,
E no pé que diante hia o ferio.
Chora o menino, & grita polla mãy,
Com tal conselho sae,
Faz hum bosque encantado,
Alli geme, & sospira magoado.

4

Jâ dantes disto àquella grande fama
Da fermosa Princesa,
A bellissima Venus receosa,
Os seus Archeiros chama,
Em secreta deffesa,
As mostras são porem destar ciosa,
Quando polla amorosa,
E delicada praya rumor corre,
Primeiro sem autor, & sem certeza,
Que o poderoso Amor damores morre:
Mas logo se affirmou jâ com clareza,
Coa qual a mãy despreza,

Todo

Todo o respeito, & ceua
De brando sono a moça, & lâ lha leua.

5

Cae a noite do Ceo, mas he dos lumes
Uencida, & fica diz,
Com que (acordando) vio ricas pinturas,
Ardem ricos profumes,
Os cantares que ouuia
Erão para abrandar as pedras duras:
Poem se â mesa, & figuras
Correm, com vasos ricos, & sem conto
Mansamente ordenadas sem peleja,
Tudo se faz alli prestes num ponto,
Que banquete quereis que o d' Amor seja,
Nam acha alli a enueja
Que possa desdanhar,
Nem o appetite mais que desejar.

6

Mas porque me vou eu ora detendo
Em cousas que o sentido,
Deixam por hum tam longo espaço atraz,
Respeito ao Sol auendo,
Direy de hum só partido
Que Amor logo tirou, mas duro assaz,
Disse, nam me verás,
Contentete o que vés: ah sorte esquerda,

Cruel,& cobiçoso pensamento
Represẽtouse ao Amor a grande perda
Do parque esuaecido num momento,
Hà mister sofrimento
O mal,& o bem,
Pouco estimado sò de quem o tem.

7

Promete do por vir ousadamente,
Fazemse comprimentos
Que depois se cumprirão muito mal,
Deseja ella a sua gente
Para assoalhar seus ventos,
Querlhe mostrar andando o tal,& o tal,
Cousa que tanto val,
Cos nossos coraçõeszinhos piquenos:
Oraindo assi crescendo estes desejos,
A fermosura cada vez he menos,
Quanto dos mimos mais,mais dos entejos,
Em fim (diz) bẽs sabejos
Sem as minhas irmãs,
Não sois riquezas não,mas visẽs vãs.

8

Ouuio,estremeceo Amor,porem
Ouue de dar licença,
Dizendo de vagar,pois assi quer
Razão he que tambem
Agora nisso vença

Quem

Quem sempre em tudo soe de vencer
Vem na as irmãs a ver,
E vendo hi tanto de que ter enueja,
Confusas (dizem) tristes mal fadadas,
Co que se perde aqui, co que sobeja,
Foramos todas bemauenturadas,
Nadas, menos que nadas
Nossas ricas riquezas
Como esta as chamarâ pobres pobrezas?

9

A moça amostra cá, & amostra lá
Do que nam vem lhes conta,
Toda de face andaua, ellas de enuez,
Nam sofrem ver mais jâ,
Nam podem co afronta
Com tudo he cedo irão dar a trauez,
O Sol anda de pez,
Os prazeres tambem co elle desandão,
Tambem as que fingião sospirauão,
Quem sabe os coraçoes alheos que andão
Fazendo? se quereis, inda chorauão,
Mas onde se entornauão
Aquelles vasos dagoa,
Parecia irmandade, ella era magoa.

10

Nam se podem ter mais, ora em tal vida

Que goſto podes ter
(Diſſe) hũa triſte irmãã noſſa enganada?
Choramos te perdida,
E vindote aſsi ver,
Tornamos te a chorar por mal achada.
A outra mais ouſada
Tomando a mão (lhe diſſe) quem ſeria,
Que outra couſa cuidaſſe? ſe elle tanto
Te amaſſe, & ſe tal foſſe moſtrar ſehia,
Reſpondes, que nam quer, diſſo me eſpanto
Ora eu nam no leuanto,
Mas diz que neſte lago
Se vee às noites vir voando hum Drago.

11

Nam diſſe mais: os olhos nam ſey mais,
E os geitos, que diſſeram,
Fazendo caſos: a moça enfraquece,
Vaõ ſuores mortais:
Todas em fim vieraõ,
Que quando ha tempo o dilatar empece:
Eis a barca apparece
Em que ſe ham dir, deixamlhe lume aceſo,
Ordenamlhe o que faça antes que vamſe,
Vejaſe em todo caſo o tam deſeſo,
E tam gabado eſpoſo entam deſcanſe:
Outra vez as mãos damſe,

Sol-

Soltão ao vento a vella,
Fogem ellas co barco, co a praya ella.

12

Ora jà noite, chega Amor cansado,
Lançasse no seu leito,
A boa fé descansa, & dorme quedo,
Da Iffante o delicado
Singello, & brando peito,
Vencese, ora damor, ora de medo:
Descobrese o segredo
D' Amor (cousa diuina) olhos humanos
Como terse podiam ao resplandor?
Malina inueja, que causou taes danos:
Deixao dormir, ah durma sempre Amor:
A simples com temor
Os passos desconcerta,
Deulhe o fogo no peito, elle desperta.

13

Quantos, & que sospiros dà de nouo
Os gritos ameuda,,
O jardim deleitoso num momento
Em brejo escuro, & couo
(Quem o crerâ) se muda,
Que se fez de tam rico appartamento?
Cousas sem fundamento
Sempre em nada se tornão assi a desora:

As màs irmãs, mâs furias infernaes,
Como aſſanhadas bichas lançafora,
A meſma paga ſempre ajam as taes:
A moça que errou mais
Com ſingelleza, jouue
Chorando em terra hum tempo, & perdão ouue.

14

Eſta Canção que eu fiz
Cantando, minha em parte,
Iá algum aſcena, & diz,
Nam ſey que eu diſto ouui jà noutra parte,
Perdam de parte a parte,
Vos Muſas me enſinaſtes,
Que do que outra ora ouuiſtes nos cantaſtes.

NEMOROSO.

A ANTONIO PEREIRA SENHOR DO BASTO.

EGLOGA QVINTA.

1

DE Los nobles Floyais
En Pereiras mudados,
Derecho tronco, ſin algun contraſto,
Que por nombre contais

Todos

Todos vuestros passados,
Del tiempo del buen Rey Alfonso el Casto,
Tan biuo se halla el rasto
De succession derecha,
Y noble antiguedad,
Hasta esta nuestra edad,
Si esto al gran coraçon algo aprouecha.
Oyed vuestros pastores
Que riñen, y otros cantan sus amores.

2

Espero que algun dia
Aun si oyga en lexos parte
(Sino que el gran desseo siempre engaña)
Otra campaña mia
Labrada con mas arte,
De fino box, y no de flaca caña:
Agora en mi cabaña
A donde al importuno
Tiempo me vine huyendo,
Que mal si estoy tañiendo
Rusticamente, y no offendo alguno?
Que abrigado esté fuera,
Sino que entran acà vientos de fuera.

3

Quanto tiempo perdi,
No se por donde anduue,

Vi tierras, vi costumbres differentes,
Y a tarde buelto en mi,
Un poco sobrestuue
Arrimado, y dexé correr las gentes,
Por los inconuenientes
Ver con ojos mejores,
Segura, dulce y santa
Vida del monte; ah quanta
Vana fatiga vi; quantos sudores,
Y ansi cansado, y muerto,
De poluo llegue aqui todo cubierto.

4

Bien pudiera jugar
Todo el dia al tablero,
Con la suerte engañosa porfiando,
Pudiera trasfegar,
Los ojos al dinero,
Por el jurando siempre, y perjurando
Mas fuyme sossacando
A peligros de Villas,
Y embates del consejo,
Busca abrigo el Buey viejo,
No estanto el mal acâ, no las renzillas.
Embiastesme el buen Lasso,
Con el passando iré mi passo a passo.

5

El

El qual gran don, yo quanto
Por os pagar ardia
Sabeis, mas recelaua juntamente:
No me atreuiendo a tanto,
Que el son que me aplazia
Por mi hiziesse a plazer a nuestra gente,
Aqui junto a mi fuente
Iugaua solo el juego:
Sacaisme allà a la clara,
Lo que antes no acabara
La soberuia amenaza, o el blando ruego:
En compañia tal,
El bien será mas bien, menos el mal.

PASTORES
DA EGLOGA.

Pelayo.	Sancho.	Rodrigo.
Salicio.	Bras.	Serrano.

Pelayo. *Dime pastor de cabras alquilado,*
(Y no te enojes con la tal demanda,
Que me echas vn mal ojo atrauessado)
A quien embiò Toribia la guirlanda
Que ella traya sobre sus cabellos?

Can-

Cantanda, con que boz, clara, y quan blanda?
Y a quien embiaua juntamente aquellos
Sus ojos que d' Amor son corredores,
Que se yua el mismo Amor embuelto en ellos.
Mañana de San Iuan, quando a las flores,
Y al agua todos salen, quien tal gala
Vio nunca, y tal donayre entre pastores.
Ora que parecia alli Pascuala?
Y Menga que? Costança, y la Perona?
Aquellas que a su ver quien las yguala?
Que gracia, que blandura, y que persona,
Que color de vna Rosa a la mañana,
Que al despuntar del Sol s'abre, y corona.

Sanch. Soldada tuya fue (cabeça vana)
Todo esse cuento, sirues años, y años,
Y al fin poco ganado, y poca lana.
Simple, que no percundes los engaños
Dessas demostraciones apparentes,
Vestidas por defuera en verdes paños.
Tu duermes, y no duermen los parientes,
No los amigos no, quien cada dia
A tus claras locuras para mientes.
Pelado, oh, oh, que errè, Pelayo, es mia
Vna ora, es otra tuya, otra vernâ
Dotros, que ansi se truecan a porfia.
Quando el tiempo sereno, y claro estâ

A vezes

A vezes se recoge, y luego assuela
Todo con gran tormenta por do vá.
El feo turbion, obscuro, buela,
Todo lleua consigo quanto afferra,
Amenaza la villa, y el Aldehuela.
Mudado aquel sossiego en tanta guerra
Tomete descuidado el temporal,
Ni quien eres sabras, ni de que tierra.
Correr no puede siempre el rio ygual,
Ni soplar puede siempre vn viento quedo,
Mas durar (mal peccado) suele el mal.
Và ledo, vá seguro, và sin miedo,
Soberuio, todo inchado vâ, que ansi
Se viene a ser mas triste de mas ledo.

Pelay. *A vos gracias mis ojos, con que vi*
Vno que anda por ser yá del consejo,
Y yaze sin saber parte de si.
En el lazo se està como vn conejo
Sin poderse de alli desabollir,
Para si no lo tiene, y dâ consejo.

Sanch. *Que locura podeis mayor oyr,*
Oydos pacientes? que vn baboso
Crer que fortuna siempre le aya a reyr.
Siempre le ha de estar queda, por donoso?
Por el sabido mas de nuestra Aldea,
No, no, mas por mas lindo, y mas hermoso.

En fin

En fin pro te haga, por tu bien te sea
Zagal nascido en ora tan plaziente,
Si tu confiança el mal no te acarrea.
Toribia, ò que diré? braua Serpiente,
Puede tener amor? antes tendrâ
El rio inchado, queda su corriente.
Y en seco a sus peces dexarâ
Cada vno de los dos, el Tajo, y el Duero
Destemplose el relox, quantas que dà.
Pelay. *Todo se mude, vaya al ventisquero*
Bolando el Calapago, y ponga boca.
A la gayta el nouillo plazentero.
Bayle el Buey pereçoso, y viejo, en poca
Plaça, pues q̃ ay vna lengua tan osada,
Tan atreuida, tan dañada, y loca.
Mas muerde sierpe mala arrabiada,
Seas quien sueles: que serà quien fue
Toribia, siempre hermosa, y siempre amada.
El perro, por costumbre a quanto vee,
Y no vee, ladrar vâ sin dilacion,
Corre acà, corre allà, no sabe a que.
Mas eis aqui que pongo el mi çurron,
Tomo el cayado, salga al campo quien
Defenderme quisiere esta question.
Toribia: (ay quien lo niegue?) es quanto bien
Tenemos; (ay quiçà quien contradiga?)

En bondad, y en beldad digo tambien.

Sanch. *Tus palabras (parlero) vna hormiga*
Al viento alçallas hâ, no pesan mas:
La tu locura propria te castiga.
Pero, porque loquillo inchado estas,
Solamente diré, que essa perjura,
Pensar, ni hablar mas della, es por demas.
No tiene de muger mas que figura,
Con que engaña los ojos, vn bien tiene,
Que sea mucho el mal, mucho no tura.
La tan liuiana cosa no sostiene
Reposo alguno, mas viene Rodrigo,
Otro dia serà que te lo apene.

Rodri. *Yo voy huyendo, y và solo comigo*
Este enemigo Amor, siempre riñendo.
Que no le entiendo, aunque harto le he tratado,
Siempre enojado, siempre murmurando,
Siempre causas buscando a sus sospechas,
Cuentas estrechas, celos tan pesados,
Por mis peccados (como a el le pluguiera)
Vn bien me diera en que pensar pudiesse,
Si quiera fuesse acompañado, o solo:
Luego turbolo aquel plazer tamaño,
Vn caso estraño, que en el pecho trayo,
Era por Mayo el tiempo, y mis amores
Lleuauan flores, vino vn cierço frio

Que en daño mio todo lo hâ quemado,
Ah bien passado, quando alcè mis ojos
Secos abrojos vide, que otro no,
Quien lo mudó assi todo d'otra mente?
Quien mi fuente turbò tan limpia, y clara?
A donde hallarà aquella gloria mia,
Aquella mi alegria en tal sabor,
Mientras que plugo a Amor, y a mi ventura
Poco segura, huy liza, y vana,
Suerte villana: mas yo quien oteo?
Zagales veo, Amor crudo enemigo,
En buen abrigo me faltò el reposo,
Menesteroso aqui, y en toda a parte.

Pelay. *Rodrigo guarte, no te aya traydo*
La mala suerte quando yuas huyendo
Los hombres, donde el Drago era escondido.
A donde con la su lengua esgrimiendo,
Ni a los biuos, ni a muertos no perdona.
Ora pensando mal, ora diziendo.

Sanch. *El mismo es, que por Drago se pregona*
Hablando a si, que bien hablar no sabe,
Su gesto lo descubre, y su persona.

Pelay. *Ah, ah, no cale mas que assi se alabe,*
Ni que desprecie a otro, que oy tal dia
Se puede todo ver antes que acabe.
Si manda que partamos la porfia

A cantar, y baylar, si quiere a lucha,
O si a puñadas, mas que plazer me hia.
Sino canta, no bayla, y sino lucha,
Ni tiene manos, que no tenga boca,
Quiere atañer, tu juzga, y nos escucha.

Rodri. *Ohla, teneos, que discrecion poca*
Es esta vuestra? tiempo no tuuistes
Sin mi a la locura que ora os toca?
Y si adrede esperando me estuuistes
Iusto serà tambien que de vos sepa,
Porque causa, o razon ansi reñistes.

Sancho. *Yo me estaua arrimado àquesta cepa*
Pensando a la verdad nel refran viejo,
Que cada vno, en el su pellejo quepa.
Vino se este loquillo zagalejo
Hablò como quien es de buena entrada,
Y no cupo por cierto en su pellejo.

Rodri. *El mal se vaya al mal, dèse passada*
A toda furia, a todo encendimiento,
Que la passion es ciega, y no vê nada.
Tu deuieras tener Sancho mas tiento,
Que eres mayor de dias, y tu es bien
Que le tengas Pelayo acatamiento.
Mas oygo vna campoña, y no se quien
Cantando la acompaña, Blas parece,
Y Salicio el que canta, entrambos bien.

Salicio. *Quando se pone el Sol, quando amanesce,*
Siempre anochesce en este valle aqui,
Triste de mi, de doze, o treze Estios,
Los ojos mios quando enxutos vistes?
Ojos tan tristes, de lagrimas ciegos,
Que tantos fuegos acendeis llorando,
Cuytado, y quando, pensé que eran muertos,
Siendo cubiertos con tanta, y tanta agua,
En la gran fragua alçòse mayor fuego,
Dezime os ruego de que pedernal
Se enciende tal hoguera, y que tanto arde?
Tan tarde yâ, que quando todo falta
Llama mas alta sube, y mas se esfuerça,
Toda otra fuerça, o mengue, o vença el dia,
Esta congoxa mia solo atura,
Ay como la ventura và burlando,
Como esperando vâ, si yerra, o no yerra,
Huyendo, o por la tierra, o por la mar,
Nunca aportar a parte fuy tan estraña,
Nunca a tamaña d'ayre differencia,
Que esta dolencia, Amor, locura, o que era
Alli primeramente no arribasse:
Y me mostrasse, que era por demas
Boluerme atras, o escabollir por pies,
Prouè despues, la mi paciencia luenga
Mas a la luenga, todo a faltar viene.

Rodrigo.

Rodri. Acâ se vienen mis buenos hermanos,
O quantas quexas ay destos amores,
Que nunca vanas son, y ellos son vanos.
Duelen mas que de veras sus dolores,
Mas sea en ora buena la venida,
Llegaos mas acâ buenos pastores.
Salic. Sea la voluntad vuestra cumplida,
Rodrigo estes con bien, Sancho, y Pelayo,
Todos plazer tengais, y larga vida.
Rodri. Y a vos amigos el cumplido Mayo
Corto os lo hagan los plazeres buenos
Con que el tiempo nos huye como vn rayo.
Acà nuestros amigos estan llenos)
(Ansi lo digo a entrambos de consuno)
De celos arrabiados quando menos.
Salic. Dexemos los pastores, que ninguno
Sin quexas de Amor vâ, dadme las Aues,
Dad peces, y animales vno a vno.
Todos yazen debaxo de sus llaues,
Y los Dioses tambien, por este Apolo,
Al ayre derramò cantos suaues.
Pobre pastor de Admeto, oyolo, y violo
Con çurron, y çampoña el rio Amphriso,
Arrimado al cayado triste, y solo.
Quantos los lloros son, quan poco el riso,
Antes no nadas, mas son quexas viejas.

Guay de quien por señor le quiere, o quiso,
Blas. O sino me engañassen las orejas,
No me engañan por cierto, este es Serrano,
Balando le responden sus ouejas,
Que campoña, que voz, que suelta mano.
Serran. Arrayad ojos yá por las alturas
Destos montes, mostrad vuestro luzero,
Huyan de oy mas daqui sombras escuras.
O buena Delia, nazca el verdadero
Sol nuestro, nuestra luz, y nuestro dia,
Y nuestro resplandor claro que espero.
Hermosa Delia, alta seña, y guia,
Apparece a los tuyos que desmayan,
Amenazados yà de muerte fria:
Los ejos tuyos socorriendo vayan
A quien d'otro no biue, ni otro espera,
A todos dà remedio antes que cayan.
Si amaneciesses seria Primauera,
Y lleuaria flores quanto alcança
Aquella claridad relampaguera.
La qual que quiera, o no, por donde lança
Su rayo, a todos và la vida dando,
Todos los bienes dâ, saluo esperança.
Por donde assomaran? que en assomando
Essos tus ojos, que sus fuentes frias
Las Nymphas por los ver no van dexando?

Luego

Luego las Drias, y las Amadrias,
Passeando se saldran por las floresta,
Como las vimos yà quando nos vias.
Verse han Oreas por sus montes puestas,
A ver los ojos quales no se vieran
Iamas en tierra, estarseha todo en fiestas.
Mas yo que vee aqui? oh que me hirieran
Subito de vna luz, como de rayo
Con que mis ojos yâ su luz perdieran?
O Delia, mientras los ancho, y ensayo
A tanta claridad, que no sostengo,
Detente que me muero, y me desmayo:
Ah paz, paz con tus ojos, que no tengo
Aliento yà, que todo desbaratan,
Sino te vengo a ver? triste a que vengo?
Ojos son essos tuyos, que arrebatan,
Comiençan alegrar, quitan sossiego,
Comiençan a dar vida, y luego matan.
Cubre, ah cubre essos ojos, que tal fuego
Alçan al su boluer, que todo encienden,
Quien no se le desuia, al ora es ciego.
O Delia, que el poder tuyo se estiende
A mas de lo que piensas, no los abras,
Tienen trato con Amor que no se entiende.
Que puedo mas dezir, si mis palabras
Me dexan yà? si fuego se derrama

Por los montes, por prados, por las labras?
Que no son ojos no, mas biua llama
De fuego, que siempre arde en sus meneos,
En ellos Reyna Amor, ama, y desama.
Quien espera estos ojos Meduseos?
Que en piedras nos transforman con su brio,
Por mucha, y desusada beldad feos,
Si se puede dezir tal desuario.
Rodri. *O buen Serrano, a buen tiempo arribado*
Sea por suerte buena, y no por vana,
Dáme la mano acá de bien llegado.
Por essos mismos ojos, mas que humana,
Beldad, y con razon tan alto erguidos,
Delante quien no pâra alma villana.
Ayudanos, que somos repartidos
Contigo assi a cantar como aqui estamos
A pares, lo demas juzguen oydos.
Defienden nos del Sol los verdes ramos,
Del agua clara, el dulce son combida,
Y la occasion a que gasajo ayamos.
Del dia (pienso) la mayor partida,
En quexas se hà passado, y en renzillas,
Sea agora en paz si quier la despedida.
Dexemos las questiones a las villas,
Cantemos, y tañamos los pastores
Entre tanto d'Amor las marauillas.

Ser-

Serran. *Cantando vn tiempo fuy, los mis amores*
Quando todo este Cielo el Sol cubria,
Despues la Luna con los Ruyseñores.
Ay buenas auezillas, que a porfia
Vnas con otras, en pendencia vana
Cantastes, yo tambien de compañia.
Hasta que de color de roxa grana
Abriendose los Cielos al nasciente,
Las aues saludauan la mañana.
Rodri. *Los milagros de Amor quien no los siente?*
Quien no es escarmentado? y no quexoso?
Mas no se ha de cantar del al presente.
Cumplido el año del buen Nemoroso,
Que solos nos dexò (y tan ayna)
Yendose al desseado su reposo.
Què cosa se podria hazer mas digna
Del, y de nos, sus buenos naturales,
Que cantar del agora ya la contina?
Quedarà por exemplo a los zagales,
Que de los semejantes hagan fiesta,
Y que tambien trabajen por ser tales.
Salic. *No puede ser la causa mas honesta,*
Vno taña, otro cante, a quien la suerte
Cupiere, sin escusa, y sin respuesta.
Serran. *Ora que sea ansi, sin mal, sin muerte,*
A quien la mas cumplida, esse nos taña,

Y cante aquel a quien la corta acierte.
Rodri. *La mayor cupo a Blas, como es tamaña,*
La pequeña a Salicio. Blas. *Artes vsas?*
Rodri. *Engañado se vea el que te engaña.*
Pelay. *Suso, suso, a cantar, sin mas escusas.*
Salic. *Taña Blas, que yo dirè del Lasso nuestro,*
Con buena ayuda suya, y de las Musas,
Con grande perdon suyo, y grande vuestro.

SALICIO.

EN LA MVERTE

DEL PASTOR NEMOROSO
Garcilasso de la Vega.

I

Rezien subido al Cielo
Pastor tan raro acà,
Entre los mas que aqui pascen la sierra.
Que ansi te alçaste a buelo,
A tiensazon quiçá
A nos por cierto no, ni a la tu tierra,
Temor el seso afferra,
Y flaco entendimiento,
Que sin ayuda d'arte,

Si dispone a loarte,
Solos sospiros derramando al viento,
Y espedaçadas quexas,
Que en memoria de ti solas nos dexas.

2

El nuestro Nemoroso,
Que las Musas de España
Auian con regalos mil criado,
Dexado el buen reposo,
Lleuolo a tierra estraña,
O fuesse el fiero Marte, o fuesse el hado,
Con su çampoña al lado
Con que fuerças tuuiera
De a la Muerte poder
Cantando enternecer,
Si ni a la Muerte suplicar supiera,
Mas antes quando viola
Ayrada, y toda fuego acometiola.

3

No fueran los ganados
Dignos, no fuymos nòs
Pastores de la tierra, ingrata gente,
Por los nuestros peccados,
Que nos dexasse Dios
Gozar de tanto bien permaneciente,
Que tan suauemente

Del Tajo a la ribera,
Y por do quiera que yua
A toda cosa biua,
Con la su dulce boz enternesciera,
Y mientras el cantaua
Apolo el su pastor d'alto escuchaua.

4

Las Nymphas por las manos
Nayades, y Napees,
Al son andauan, al son desandauan,
Los Faunos, los Syluanos,
Satyros, Cabripies,
Las bastas sobrancejas enarcauan:
Las aues que bolauan,
Rompiendo el ayre puro,
Por do sobia el son,
Baxauan de rondon,
Dexando el Cielo por el suelo duro,
Cercandolo al redor
El Merlo, la Calandria, y el Ruyseñor.

5

Mas aquel claro pecho
A do tanta vista vuo,
Que todo en esta obscura noche viz,
Todo tuuo en despecho,
Todo en nada lo tuuo,

Saluo dos llamas en que su alma ardia,
Una de que el tañia
La su dulce çampoña,
Otra de su valor,
Aquel, y aqueste Amor,
A la su corta vida vna ponçoña,
Y ansi se partio luego,
Que siempre gran virtud se acabò cedo.

6

Allá por essos altos
No van los coraçones
Siempre en dubdas, y en nueuos pensamiẽtos,
Allâ no ay sobresaltos,
No vanas opiniones,
Pagadas siempre d'arrepentimientos,
Y no torres de vientos,
Que amenazan caydas:
Mas cierta, y buena suerte,
Segura de la muerte,
Y de cansacios desta estrecha vida,
Y tiempo aparejado,
A boluerte a quitar quanto te ha dado.

7

Por otros frescos Myrthos,
Y sauzes mas crescidos,
Otros mas verdes prados, otras fuentes

Entre

Entre raros ſpritos,
Que adelante eran y dos,
Deſtos que acâ dexaſte differentes,
Que nueuo gozo ſientes,
A ti gozoſo viendo
Venir el Sanazaro,
Que el Sebetho mas claro,
Haze ir por ſus orillas diſcurriendo,
Con el ſu Meliſeo,
Del Reyno reſplandor Partinopeo.

8

Quanto paſtor Toſcano,
Que Arno en la deleitoſa
Ribera ſuya, oyó como han cantado,
Veran aquella mano
Tocar tan venturoſa,
Que honraua ora la eſpada, ora el cayado,
Dos que agora han alçado
Sena, y Florencia tanto
Por nobre ſangre, y lengua,
Daño tan grande, y mengua,
Que igualalla no pudo nunca el llanto,
Aunque fuera de ley,
Iuan Ruſcula, y Lactancio Tolomey.

9

Que daño incomparable,

In-

Ingenios tan subidos,
Embiados acà tan raramente,
La suerte ineuitable
A todos los nascidos,
Lleua, sin perdonar con la mas gente,
Suerte que tal consiente
Quan poco há que los viera,
Agora, agora, agora,
Tan subito a desora,
Nos son de vista, y de esperança fuera,
Ay huydiza, y vana,
Que huyes dende la noche a la mañana.

10

Pero buen Nemoroso,
Mal por los tus pastores,
Sin fiestas, sin plazeres, sin cantares,
Dexados sin reposo,
Quien cantarâ d'amores?
Quien de las Nymphas, quien d'otros cãtares?
Quien los nuestros lugares
Aurâ que venga a ver:
Quien las nuestras majadas
Antes sin ti, no nadas?
Pudiste nos hazer, y deshazer:
Pues nos sin ti que haremos?
Sino se puede mas, que suspiremos.

Alçaste

11

Alçaste el tu Toledo,
Correr mas claro hiziste
El noble Tajo al gran padre Occeano,
Mostrarseha siempre al dedo
El lugar do cayste,
Ah, ah, golpe cruel, barbara mano,
Que se yua el Tajo vfano
De su naturaleza
Mas que del gran thesoro
De las arenas d'oro,
Cõ que al mar llega embuelto en su riqueza,
Que de Numancia abona
Hasta la antigua, noble, y gran Lisbona.

12

Al tan antiguo aprisco
De Lassos de la Vega,
Tuyo, el nuestro de Sâ viste ayuntado,
Si cae el mal pedrisco,
Al abrigado llega
El pastor, canta alli, huelga el ganado,
Elysa el tu cuydado
Que acà tanto plañiste,
Quexoso de la muerte,
Cruel, ay dura suerte,
Quien no plañiò? despues do la subiste?

Ora ella en alto erguida,
Dexas la muerte atras, vaste a la vida.

13

En lo demas, Pastor, que te vá a ti,
Todo el mal es de España,
Si enriquecen tus hueſſos tierra eſtraña.

EPITALAMIO PASTORIL, A ANTONIO DE SAA, NO CASAMENTO De ſua filha Dona Camilla de Sâ.

EGLOGA SEXTA.

1

Derecho ſucceſſor, firme columna
Deſta caſa de Sâ, que ſiempre entera
(Edades diſcurriendo a vna a vna)
Los mouimientos tan ſegura eſpera,
(Que ria, o que no ria la fortuna,)
Cogida, o deſplegada ſu bandera,
Quãto eſperar ſe puede, yà en vos ſobra
En quien corren apar deſſeo, y obra.

2

Y no qual por aqui pechos vfanos
De sus blasones, y escudos pintados,
(De cuentos viejos quiçá, algunos vanos)
(Y por poder passar) mucho ha passados.
Quien hizo differencia de villanos
A caualleros blandos, y enseñados?
Saluo esfuerço, valor, buena criança?
Y el saber abaxar, y erguer la lança.

3

Vós, aunque abueles tantos os contais
Nobles de toda a parte (como aqui
Bullicio algun se siente) allà bolais,
Testigo puede ser Ceuta, y Safi.
Con quanta diligencia, que buscais
Grandes afrentas, y a la buelta ansi,
Porque en reposo todos los recelos,
No os dexan bien dormir vuestros abuelos.

4

Buelto de aquella empresa valerosa
Contra los Turcos que van desmayados,
Dais oy la hija al yerno por esposa
Cercano en deudo, cercano en estados.
Quien puede dio licencia graciosa,
El gran Pastor de los siete collados,
Vernan nietos avòs, ojos alçando,
Y a los suyos de ledos alagando.

Cuen-

5

Cuentase de las fiestas con espanto
Acâ entre nos, mandadnos dar la puerta,
O ireis nuestra gente allâ entre tanto
Que otra fiesta mayor se os concierta.
Aunque al palacio no conuenga tanto
La musica Aldeana, a vn mal abierta,
Cantaran a su fuero los pastores,
Ah de los mios Amores, Amores.

PASTORES
DEL EPITALAMIO.

Nuño, y Toribio.
Ribero, y Gil.
Zagales, y Zagalas.

Nuño. *ADo te lleuan Toribio los pies?*
Mas yo que digo? ni se si eres esse?
Ni si te veo se, ni si me ves.
Ni de mi sé tambien? si te parece
Otro tanto, quiçâ, pero pariente,
En ti poco de ti yâ remanece.
Tori. *Piensas que con los pies, y no otra mente*
Acâ somos, y allà Nuño lleuados,
Como piensa lo mas dessotra gente?

Eres en grande error, y ſi guiados
Pienſas que himos tambien de nueſtros ojos,
Los que nos guian ſon nueſtros cuydados.
Que de antojos nos lleuan en antojos,
Como plumas que a buelo lleua el viento,
Si vna vez con plazer, mil con enojos.
A mi lleuauame ora aſsi ſin tiento
No (como dizes, pies) mas no ſe que
Que a pocas no me ſobra entendimiento.

Nuño. *Lo que pariente yo diria que fue,*
Es, que eſſa alma yâ tuya en fuerte punto
Paſſoſe a cuerpo ageno, y de allà vê.
De allà reſponde a lo que te pregunto,
A ti miſmo eres hecho como eſtraño,
Biuiendo en otro, en ti yazes defunto.
Mala dolencia, peligroſo engaño,
Antojadizo, ſin juyzio, o tino,
Oy mal al mes, peor, peor al año.
Yo no ſoy eſcolar, mas adiuino
Deſſe mal tuyo la carrera errada,
Que al ciego que indilgar ſuele el camino.
Mas es fatiga vana, y mal tomada,
Por vn yerro comun de los zagales,
Que por rodeos van, dexan la eſtrada.
Atiente, ſi me cres, a las ſeñales
Mas que a palabras deſtos traſportados,

Que

Que mucho mas que el bien precian sus males.
Dizese en general, que enamorados
A todos los demas juzgan por ciegos,
Y al contrario ellos son d'ojos quebrados.
Tori. *Bien veo (si esto es ver) aquessos juegos,*
Dixe juegos, o que? antes locuras
De los pastores, y aun de palaciegos.
No sé darme a consejo, voyme a escuras,
Hasta que estos antojos yuzo cayan,
Y a plaça vengan sueños, y solturas.
Nuño. *Ciertos breuajes sé, con tanto que ayan*
A ti en ayuda, con beuer dos tragos,
Yo fio que la puerta al quicio trayan.
Tori. *Quien sabe que podrá? son cuentos largos*
Los mios, và mi mal muy de rondon,
He miedo de añadir cargos a cargos;
Que poquedad es essa? eres varon,
Vé, la verguença que es peor que el mal,
Lleuantate a pesar del coraçon.
Cana a la soledad odio mortal,
No te engañen las partes deleitosas,
Abrigados al cierço, y al vendaual.
Los prados con las sus flores hermosas,
Las fuentes, y arroyuelos, discurriendo
Con las sus ondezillas bullicioſas.
Abejas, que andan dulce miel cogiendo,

Con el zonido ſordo por las flores,
Y no vès que alli falte, ellas partiendo.
Y luego buelues ſoſpirando, Amores,
Quanto ſin coſta vueſtra, me podreis
Hazer el rico mas de los paſtores.
Tiene Amor en verdad eſtrañas leys,
Mas con paz de voſotros dicho ſea,
Pues lo tomaſtes tal, tal lo teneis.
Auiſote tambien quando alborea
Los oydos attapa al cantar blando
Del Merlo, y Ruyſeñor que al boſque arrea.
Mucho te ruego, y ſi puedo, mando,
Que arrojes de ti lexos la çampoña,
Ni vayas los tus verſos recordando.
Trae cada cantar ſu carantoña,
Que ajunta ſobre el alma vn graue peſo,
Es muſica a tu mal, clara ponçoña.
No confies te auiſo del tu ſeſo,
Y buſca a tus peligros compañia,
Que te ayude a librar de do eſtàs preſo.
Del buen amigo todo lo confia,
Deſcargate ſeguro en ſus oydos,
Que en noche tan obſcura cumple guia.
Vé pidiendo preſtados los ſentidos,
Que los tuyos yâ vez que los perdiſte,
No te pierdas tambien tras los perdidos.

Mas

Mas peccador de mi, que no me oyste,
Estoyte hablando, pero que aprouecha?
El cuerpo aqui se està, tu traspusiste.

Tori. *Conuieneme passar la puente estrecha,*
Y (como dizen) beuella, o vertella,
En fin que fue verdad la tu sospecha.
El alma mia àquesta parte, y àquella
En vn punto lleuada, mal podria
Estar queda, segura, y sin querella.

Nuño. *Toribio contra el mal de fantesia*
(Que es ligero, y acomete hombre a desora)
Cumple vela, atalaya, escucha, espia.
Y no dexarte trasportar cada ora
Ay como yua Pascuala tan loçana?
De tales ojos quien no se enamora?
Dime, si es fresca, apuesta, y tan galana,
Como no es tal a Diego, y es lo Helena?
Y a Pedro Helena no, es lo Iuana?
Esse tu cuerpo grande como ascena
Cada passo a caerse, arde el pauilo,
Vèse la llama, la candela apena.
Ayudate zagal, ayrado dilo,
Contra ti mismo, y ten de ti verguença,
Como bouo no estès preso de vn hilo.
Vés que Amor al peor siempre enderença,
Despierte la razon, lidien los braços,

Ayudala, si quier que vna ora vença.

Torib. *Que cuentas son las mias, que embaraços?*
Aqui estoy mal, peor si la mi tierra
Me dexo, haziendo el coraçon pedaços.
Que mirando despues d'aquella sierra
Azia esta, pienso, con que ansia diria
Quien me aparta de ti, quien me destierra.
A do me lleua Amor? que es la mi guia?
El fuesse, el buen juez, pesasse el hierro,
El pesasse el tormento, y cuyta mia.
Ansi passando mal de cerro en cerro,
Ora mirando acà, ora acullâ,
Todo se es aguçar hierro con hierro.

Nuño. *Por demas son remedios, mi fe yà*
A quien no quier oyllos, ni aun vellos,
Quien echa el olio en vazo que se vâ.
No se saca del mal por los cabellos,
Sino a quien se ayuda, y aun con fatiga,
Quien remedios quisiere ande tras ellos.
Date, date al trabajo, el cuerpo obliga,
Sabe que reyna Amor en ocio blando,
Luengo, y duro trabajo lo castiga.
Toma el açada, vee despedaçando,
La dura tierra, labra, inxiere, y planta,
Vee la siebe, pared, y el valo alçando.
Desuelate la noche, el lobo espanta,

Aticiale los perros, qual si viesses
Yà la oueja afferrar por la garganta.
Y si cansares vela, y nunca cesses
De trabajar al fuego en tu cabaña,
Que mejor de trabajo es que muriesses.
Nunca falta al pastor, que bien se amaña
En que passe la noche obscura, y fea,
Aliuiase cantando, y el tiempo engaña.
No cantos que el pezar triste acarrea,
Mas descuydados sueltos, y vazios,
Si es verde la ribera, verde sea.
No te combido a los breuajes frios,
Echizos suzios, magicos cantares,
Que remedios no son, son desuarios.
Yeruas de allende de los nuestros mares,
Cogidas a la Luna, en las montañas
Buenas a quitar vidas, no pesares.
Cuentan las viejas entre sus patrañas,
De cierta encantadera, que boluia
Los que arribauan ende, en alimañas.
Era vna isla en la mar, y alli gruñia
El puerco, huuiaua el perro, el osso espanto
Daua, erguiendose en pie, el leon rogia.
Torib. *O buen amigo, tu no vès que en quanto*
Nòs, departimos, sube vna auezilla
Cantando al Cielo, ò mas parece llanto.

Yâvà tan alto, que no aturo a oylla,
Ni vella, son de quando en quando â pena,
Digo en buena verdad que vue manzilla.
Parecia espertillo que anda en pena
Por essos ayres, Nuño si le oyeras.

Nuño. *Dizen por esso tal, hija sey buena.*

Tori. *Ora Nuño, ora di, cuenta de veras,*
Que de veras te escucho, y estoyte a tiento,
Parece que me hablauas de hechizeras.

Nuño. *Contar dellas serâ tener el viento,*
Que no huya, con la mano, mas si has gana,
Otro te contaré, dexo aquel cuento.

Tori. *Perdona, que esta mi cuyta villana,*
Cada passo arremete, y sobresalta,
Al alma, yâ mal cuerda, y quasi insana.
Y hazeme caer cad'ora en falta,
Mas cuenta en fin, que attento escucharé,
Aunque del pecho el coraçon me salta.

Nuño. *De Ribero has sabido bien quien fue,*
Quanto pudo en tañer, quanto en cantar,
Del, y Gil otro tal te contaré.
Y quando otro tal digo, has de pensar
Que no fuesse el peor de nuestros hattos,
Pues que ambos los pusieran a la par.
Acuerdome a la sombra de vnos lattos
De sauzes altos, verdes, y graciosos,

Do se juntan pastores muchos ractos.
Como vez que acontece a los ociosos,
Hablar desto, y de aquello, y mas zagales,
Parleros por natura, y porfiosos.
Concluyeran al fin, que estos dos tales,
Nos cantasse cada vno su cancion,
Los bienes de Amor vno, otro los males.
A Ribero que andaua en su prision
Se encargò que las quexas nos cantasse,
Y las dulçuras Gil al mismo son.

Tori. *Ay mi buen compañero, no trespasse*
Esta buena occasion al desseo mio,
Darme has la vida que anda al passe, passe.

Nuño. *A la ribera de vn gracioso rio*
A quantos desta vez fuymos presentes,
Ribero todo demudado, y frio,
Temblando nos cantò versos siguientes.

CANTA RIBERO LOS MALES DE AMOR.

I

Mandaisme ora que cante,
Triste que cantaré,
Y mas de Amores, que enemigos son?

Man-

Mandame que lleuante
Sospiros, que esto haré,
Conformandome al tiempo, y a la razon,
Pues atinando al son,
Quexoso de mis daños,
Dirè mis desconciertos
O que seran mas ciertos
D' Amor, mas como quier, por cierto estraños.
Que me han este mal sano
Pecho, todo metido a saco mano.

2

Esto que Amor llamais
(Del qual me aueis forçado
Cantando ora tratar) mas razon fuera
(Si a sus obras mirais)
Que el fuesse antes llamado
Enemigo cruel, sino que yo muera.
Bien sabeis la manera
Que en bosques solitarios,
Nos lleua dando gritos,
Suspiros infinitos,
De que son nuestros pechos tributarios,
Si aquella es la su cura,
Bien muestran los remedios, que es locura.

3

Mirad pues a sus fuegos,

Sus mudanças tan prestas,
Sus gestos, sobresaltos, y meneos,
En verdad que son juegos,
Que corren sobre apuestas,
Lleuados de los locos sus desseos.
Viejos demonios feos,
Teñidos, no teñidos,
Los gestos trasportados,
Los pechos ora inchados,
Ora del todo en vista consumidos,
Muerde se vno arrabiado,
Otro estatua de piedra, anda pasmado.

4

Viene otro murmurando
Consigo, y no se entiende,
Todos se burlan del, y el no lo vè,
Otro versos rimando,
A la vihuela atiende,
Siempre esto assi será, siempre assi fué:
Como me ayuntarè
En vn tan breue espacio,
Tantas diuersidades
De sus liuiandades,
Que aun pensar mal se pueden sin cansacio:
Diré solo este poco,
Que a todos estos locos, manda vn loco.

Tam-

5

Tambien yo mal peccado
Allâ voy de consuno,
Que ni lo que hago sé, ni lo que digo.
Tambien desacordado,
Quiçà mas que ninguno
Voy fuerças contra mi a mi enemigo,
Quando se siembra el trigo,
Quando ando por las eras,
Passa vno, y passa otro año,
No sientes el engaño,
Sino quando del todo desesperas.
Sin yâ triste en ti ser
Ir adelante mas, ni atras boluer.

6

Que valles no corrí?
Que bosques no busqué?
Que peñas, que escondrijos de animales?
Para me hurtar a mi?
Qual destos cerros fue,
Que no oyesse mis quexas desiguales?
De que rios caudales,
No reboluí riberas?
Ora arriba, ora ayuso,
Qual monte no repuso
A mis finales bozes lastimeras?
Tan claro, que yo boluia.

Ojos atras, por ver quien respondia.

7

Engaño poderoso,
Meter yo mismo en seno
Vn fuego, que ende alçò llama tan braua?
Amor tan gracioso,
Amor tan blando, y bueno,
Como en si tanto mal dissimulaua?
Que cada ora me laua
De lagrimas el gesto,
De tal color teñido
Que es trabajo perdido,
Esperallo lauar nunca, o tan presto,
Onde esperança pone
Corriendo allâ me lleua, ella traspone.

8

Del infierno, ay quien cuenta
Que por vn monte arriba
Vn canto a cuestas sube vn condenado.
Nunca el triste se assienta,
Y quando a lo alto arriba
Resuala, y buelue el peso atras priado.
Prestamente el cuytado
Torna a la su demanda,
Eis lo sube del hondo
Con el canto redondo,

Eis lo que otra vez cae, y en balde anda
Ygual embaymiento
Lleua, y trae el amante en su tormento.

9

Que he de dezir d' Amor que no sepais?
Enemigo cruel,
Que los mas suyos, mas se quexan del.

Nuño.

Anſi cantò Ribero, y vimos claro
Mientras cantaua, que lo interrompian,
Tristes sollços del su pecho amaro.
Tras lagrimas, mas lagrimas cayan
Sin parar por el pecho, y barba ayuso,
Con harta compaßion de los que oyan.

Torib. *Yo vi algunos versos que el compuso,*
Quaſi todos llorosos, tuuo vena
Blandißima, y aun mas blanda con el vso.
Mas de Gil, que me cuentas? fue tan buena
La respuesta que alli vino arguyendo:
Pues que no le faltô gracia, ni lena:

Nuño. *Primero vuo que hazer, vnos diziendo*
Que el su mal proprio cantara Ribero,
Y no de Amor, los otros defendiendo.
Affirmauan que aquel que paga el fuero
Es quien mas siente el mal, y la manera
De perder al afan, tiempo, y dinero.

Con todo Gil, bien vimos que quisiera
Descabollirse al reto porfiado,
Y por su voluntad no falleciera.
Al fin tomô el rabel como forçado
Y afinando lo estuuo cuerda a cuerda,
El arquillo bolaua, y ansi afinado
Acudia apuntando con la isquierda.

CANTA GIL
LOORES DE AMOR.

I

NO veis como al cantar
O' Amor el Sol se aclara?
Como a buelo los paxaros se erguieran?
No veis regozijar
Peces nel agua clara?
Y como acâ, y allâ se arremetieran?
Mas ah que me huyeran
El aliento, y la lengua,
Dubdando a la empresa alta
A tal tiempo, tal falta,
A quien boluerme deuo en tanta mengua:
Sino al fresco moçuelo,
Que aqui siento cercano andar a buelo.

2

Amor que en vn momento
Visita este ayre puro,
Del nombre solo quien no se enternece?
Comun consentimiento
Le dio deydad de juro,
Y niñez, que jamas nunca enuejece.
Todo desaparece,
Y todo apriessa huye,
Para no boluer mas,
Yà fuera todo atras.
Sino que solo Amor lo restituye
De nueuo a nôs boluiendo
Aquello con que el tiempo se yua huyendo.

3

En primauera vfana
Mirad que se enamora,
La misma tierra, vé como se arrea
D'oro, de plata, y grana,
Viene Pomona, y Flora,
Y cada vna la viste a su librea:
Verâ quien quier que vea
Toda cosa criada
D' Amor fauorecida,
Cobrando nueua vida
Los rios, y la tierra, y mar salada.

Sal-

Saltan peces tan altos,
Que mas parecen buelos, que no saltos.

4

Las Aues, y las fieras,
Que nascen tan armadas,
Luego en poder de Amor se pâran blandas,
Mas antes halagueras,
Las sañas oluidadas,
Ronceando se van en sus demandas:
Señor que todo mandas,
Nuestros pechos visita,
Tu buena merced sea,
Entra por nuestra Aldea,
Abrasala de Amor, los odios quita,
Que por dichosa suerte
Todo eres vida Amor, desamor muerte.

5

Entre flores suaues
Si estâs contra tu grado,
No te podran tener fuertes cadenas,
Pesadas son, y graues
Las fiestas al forçado,
No son plazer para el, antes son penas,
Malas cosas, y buenas
Haze Amor, y deshaze,
De absoluto poder,

Quereislo claro ver?
No llamamos plazer, sino al que aplaze,
Quanta noche esclarece,
Y quanto dia Amor claro escurece.

6

Ciertos emboluedores
Falsos, y fementidos,
Entran hurtados (siendo Amor ausente)
El arrayal de Amores,
Y ansi desconocidos,
Toman a engaño el simple, el innocente,
Causa que tanta gente
Vaya con boz llorosa
Demandando piedad,
Tornad en vós, tornad,
Que aun trabajos de amor, son dulce cosa,
Catad que essos mocuelos,
Que por Amor teneis, son malos celos.

7

Amor nunca alabado
(Por mucho que sea) assaz,
Si a lo que se le deue se mirò,
Quien al mal prolongado,
O fuesse en guerra, o en paz,
Venciò con sufrimiento, si Amor nò?
Quien el palacio enchiò

De ricos atauios?
Aquellas opiniones,
Las galas, y inuenciones,
Que serian sin el? son desuarios?
El puso ende las damas
Arde el palacio todo en biuas llamas.

8

Y a nòs quien nos sostiene
Entre tantos sudores,
Desta vida cansada acá de fuera?
Saluo este Amor que viene
Con los sus lamedores:
A esforçar vno a vno que no muera?
Templad de vna manera,
En sus yguales modos
Estos nuestros Rabees,
Tocad vno despues,
Sin tocar los demas responden todos,
Amor que no podrà,
Si tanta fuerça a los conciertos dá.

9

Es trabajo sin fin que me aueis dado
Que alabança mayor
No nos pide Dios mas, que solo Amor.

Nuño.

Anssi nos cantò Gil, y a nos boluido,

Dixo esto, fue cumplir vuestro mandado,
No cantar, no tañer, que no lo ha sido.

Toribio.

O mi buen compañero, ah que me has dado
La vida con tus dos dulces canciones
Todo tambien tañido, y bien cantado.

Nuño.

Si tan alto Toribio anſi las pones
Oyendolas a ellos, lo que hizieras:
No pude mas, conuiene me perdones.
Mas, ò no sé si vez las cantaderas
Que allà aparecen? que frescas zagalas
Vestidas como a guisa de estrangeras.
Dos Mengas, dos Eluiras, dos Pascualas,
Semejan entre mil como escogidas
En cuerpos, gestos, gracias, y en las galas.
A fiestas deuen ir tan guarnecidas,
I tan acompañadas, abalemos.

Toribio.

Ah Nuño, Nuño, y a fiestas me combidas?
Vayanse a su plazer, no las turbemos.

Nuño.

Otros tantos zagales respondiendo
Como a porfia vienen, ah no dexemos
Huyr lo que razon está ofreciendo,
Anda vamos a ver, no nos paremos.

1

Zagalas. *Ay razon que tal sufra vna donzella*
Criada a mil regalos, en el seno
De su madre, cahareña, hermosa, y bella,
Flor no tocada, que venga vn ageno,
Y que la coja mientras se querella?
De lagrimas el gesto hermoso lleno,
Que cosa succeder podrà mas fea?
Entrada de enemigos el Aldea?

2

Zagales. *Padres, madres, y hermanos, son vencidos*
En sus proprios amores verdaderos
Destos esclauos que llamais maridos,
Vuestros cautiuos mas que compañeros:
Todo dexan por vôs embouecidos,
Porque no os contentais con menos fueros,
Con vna muestra blanda, vna terneza
Venceis vigor, constancia, y fortaleza.

3

Zagalas. *Ay zagalejas nuestras tan preciadas,*
Y vòs que lo pensais por ende altiuas,
Andais (al parecer) glorificadas,
Que no semejais quasi a cosas biuas,
Perdeis lo todo como sois casadas,
Passais suos de señoras a cautiuas,
Quien lo puede negar? y en tanto daño
A pesar de razon vence el engaño.

4

Zagales. *No se puede negar que todo huye,*
Quanto mas las liuianas voluntades,
Este tiempo gloton todo destruye,
No paran peñas, pararan beldades?
Mas quien los daños del nos restituye
Sino solo el Amor por sus bondades,
El solo nos defiende a la fortuna
A las bueltas del Sol, y de la Luna.

5

Zagalas. *Essa restituycion de que aseenais,*
(Que son los hijos,) ay las sus fatigas,
Ay los trabajos grandes que callais,
Dissimulando cuytas tan antigas.
Que vosotros sabeis que les causan
Dias crueles, noches enemigas,
Desigual parçaria, juzgue Amor,
La parte flaca mas, lleua el peor.

6

Zagales. *Passais dezid, ingratas como en juego*
Tantos suspiros de los seruidores,
Oyame el turbio Duero, oya el Mondego,
Y cada vno en la su, fuente de Amores,
No sabeis como vâ derecha al fuego,
Arbol sin fruto, aunque lleue flores,
Y dize el que la cria, y que la escaua,
Que quiero mas aqui desta arbol braua?

O dulce

7

Zagalas. *O dulce libertad como te vas*
Embuelta en nombres vanos, y pintados,
Que nunca buelues, ni pareces mas?
Corre el engaño todos los estados,
Si pudiessen boluer tiempos atras
Como no sufren, ni consienten hados,
Tendrian su lugar buenos consejos,
Siendonos nós, a nôs mismas espejos.

8

Zagales. *Relampaguean fuegos, que nos ciegan,*
Ueys quanta gente, veis quanta señal?
Y todos de alegria, acà se allegan
A nòs, que no serâ soncas por mal,
Lo que estas mas dessean, esso mas niegan,
Por esso esposos, no les creais tal,
No os engañen los falsos sus enojos,
No lagrimas fingidas de sus ojos.

Sà, Sá, por Cielo, y Tierrra, y Mar se suena,
En comun alegria, y buena estrena.

FIM.

As Obras de

A ANTONIO PEREIRA SENHOR Do Basto.

EGLOGA SEPTIMA.

ALEIXO.

1

Estas nuestras campoñas las primeras,
Que por aqui cantaran bien, o mal,
Como pudieran Rimas estrangeras,
Embialas el nuestro mayoral
Que a ver os vengan, en todas maneras,
Que a mas de ser el dia festiual,
Supo por ser venido el mayor hijo,
Que anda toda esta casa en regozijo.

2

Teneis mil bienes en que os emplear,
No andeis tan pesaroso en vuestros daños,
Que el vado es alto, y ciego de passar,
Tratad vuestros pesares con engaños.
Boluio quien vuestra casa ha de heredar
Tan grande capitan en tiernos años,
Los Turcos vencedores por el mundo
Peleando venciò el hijo segundo.

Del

3

Del qual caso espantoso dicho sea
Solamente de vna Aue que yua a buelo,
Acà, y allà por la mortal pelea
Sin tener de algun mal, algun recelo,
No siendo nunca vista tal relea
Todo Agua, todo Fuego, todo Cielo,
Seas pues bien venido hermoso aguero
Bueluan nuestros milagros de primero.

4

El mas moço que està como en el nido
Antes de tiempo ser sus alas prueua,
Con el desseo grande en alto erguido,
Que apenas le teneis que no se mueua,
De dentro quanto assi està cumplido,
Pero de fuera aun la pluma es nueua,
Esto todos lo ven, que no son cuentos,
Abrid el pecho pues a los contentos.

5

Vn rayo que desciende en sus desuios
Hiere los altos con la baxa gente,
No tiene cuenta, dize estos son mios,
Y luego el primer trueno que arrebiente.
Dexad los charcos turbios llouedios,
Beued de pechos en la pura fuente,
Poned la confiança toda en Dios,
Lo que ha de hazer el tiempo, hazeldo vos.

Entrar

Entrarſehà aqui vn zagal muerto d'amores,
Sin que el lo ſepa bien, mas no os turbeis
Que a mas há ſuccedido que a paſtores,
Nunca de Amor, ni con Amor burleis.
Quando no lo penſais ſe alça a mayores
Deſobligado de todas las leys,
No ay caſo tan dubdoſo, é incierto a ſer
Que ayudado de Amor no ſe haga crer.

PASTORES
DA EGLOGA.

Alexo. Sancho. Iuan.
Anton. Toribio. Pelayo.
Nympha de la Fuente.

I

Alexo.

YO vengo como paſmado,
Y no ſé lo que me diga,
Que el mi coraçon letiga
Entre cuydado, y cuydado.
Valaſme Dios, que peccado
Pudo ſer mio tamaño,
Yo no ſoy el que era, antaño
Han me como barajado.

Dias

2

Dias hà que no me entiendo,
No penetro este mal mio,
Al Sol muerome de frio,
A la sõbra estoyme ardiẽdo.
A ninguna parte atiendo,
No sé dar con lo que fuesse,
Como si d'otren huyesse
Ansi de mi voy huyendo.

3

Heme aborrecido el hato,
Los apriscos, y majadas,
Ando tras vnos no nadas,
Que no sé que ende me cato:
Que buena ganancia, y trato
Sospirar noches, y dias,
Vanas esperanças mias,
Que me engañã a cada rato.

4

Quiçá de los mis cabellos
Debaxo del mi portal
Me los pusieran, por tal
Que vuiesse a passar porellos,
Y emboluerme hian con ellos
Del pan de los mis bocados,
O passe sobre finados,
No hize oracion por ellos.

5

A caso de tal dolor
(Que en buẽ juyzio no cabe)
La benzedera si sabe
Lo quellotrarà mejor?
Mas vamos a lo peor
No se que se me affigura,
Quiçá puede ser locura,
Quiçà puede ser Amor.

6

Soncas si he sido assombrado
De los cuerpos huydizos,
O me dieran beuedizos,
Que todo me hã trastornado
O quiçà si fuy aojado
En las bodas de mi tia
Quando cantaua, y tañia
Buelue acà pastor cansado.

7

Pero pues que me acordè
D'aquel dia de plazer,
Quiero a cantallo boluer,
Quiçâ que descansaré.
Dias hà que no cantè
Con el coraçon no puedo,

Enton-

Entonces cantaua ledo,
Ora como cantaré.

8

Que fantesia tan loca
Bien es de zagal perdido?
El tino adolo, y el sentido?
Do la boz cansada, y roca,
Ay la mi ventura poca
En poder todo de enojos,
Quando ansi lloran los ojos,
Como cantarâ la boca.

CANTA.

Buelue acà pastor cansado,
Buelue, que a peligro vâs,
Corres tan desatinado,
Que ayna te perderâs.

VOLTAS.

1

De quien huyes? o porquè?
Buelue acà, buelue al rebañ
Oye, sino vez tu daño
Quien te auisa, y quien lo vé.
No te acuerdas del ganado,
Ni de ti: si ansi te dàs
Tal priessa, sencas priado
A la tu fin llegarâs.

2

Porque ansi te acusias di,
Las mentes enogenadas,
Cata, que a pocas passadas
No aurà memoria de ti,
Buelue, buelue, ah porfiado,
Que sino buelues atras,
Solo en ver a do has llegado
De miedo te moriràs.

9

Yua aquel dia loçano,
Fue si me acuerdo por Mayo,
Luché, corri, como vn rayo,
Era moço vezio, y sano,
Luego me vino vn affano,
Que apocas muerto me tiene,
Bien dizen q̃ el mal se viene
Como de suyo a la mano.

10

Si aq̃ estuuiera mi hermana,
Que nos la lleuò su esposo,
Con ella vuiera reposo
Esta mi cuyta villana.

Que

Que tantas vezes liuiana
Se altera, y muda tan presto
De la mañana al Sol puesto
Del Sol puesto a la mañana.

11

Quantas vezes me dezia,
No me parece mi hermano,
Que es hablar cosa de sano
Tanto desto noche, y dia.
No sé que contado auia
Ciertas zagalas loando,
Yo boca abierta escuchando,
Siempre alli boluer querria.

12

Ay que locuras pensé,
Quãto aquel cuẽto me plugo,
Aora yà atado al yugo
Arare, o rebentare.
Mas ò que fuẽte echarmehe
Cabe ella, en yerua tan fresca
Puede ser que me adormezca
Sino que descansare.

Sancho viejo.

13

En vano el viejo afanò,
La vista se me esuanece,
El muchacho no parece
Antes desapareciò,
Quantas vezes sin prouecho,
Que esto hecho,
Aquiva, por allivá,
Desq̃ he corrido vn buẽ trecho
Otro lo vido acullà.

14

Con el hijo juntamente,
Nascen cuydado, y fatiga,
Pero costumbre es antigua
Andar tras su mal la gẽte,
Buena vida en vejez fue
Por mi fé,
Ochenta años quando menos
Mal con hijos que engendrè,
Mal con los hijos agenos.

15

Vn Lunes por suerte estraña
(Aun no me dexa aq̃l dia)
De la lluuia me acogia
Por el pie de la montaña,
Ende de vna espessa breña
cahareña,
Una cabra que perdiera
Por el hueco de vna peña

Vide

Vide que se me acogiera.

16

Fuyme allá, vi que plañia
Vn niño tierno alli dentro,
Por lo que tras ella me entro
Que contra si me fue guia,
Que mas me auia yo de star,
Sino entrar,
Como yua por ver lo que era,
No pude allà diuisar,
Saquelo en los braços fuera.

17

Cierto que es cosa deuida
Tener al ganado amor,
Y que auenture el pastor
Por el, mil vezes la vida,
Que el su buẽ entendimiento
Es sin cuento,
Passa assi, y es caso estraño,
Tras mi la mi cabra siento
Receloſa de mas daño.

18

Mas piadoſa que el padre,
Mas que deudo, ni pariente
No hablo de la otra gente,
Y aũ quiçâ mas q̃ la madre,
Digoos en mi conſcienҫa
Vue verguenҫa,
En vna cauſa tan digna
De piedad, que nos vença
Vna cabra monteſina.

19

Era embuelto en ricos paños
El niño, y todo era tal,
Que harto alli dezia mal,
Y eſto hà ſus deziſiete años,
Quien del tiempo no ſe vela,
Como buela,
Parece que fue eſto ayer
Dandoſe como d'eſpuela,
Que priſſa lleua a correr?

20

Truxe el niño a mi Thereſa,
Que podria ſer de vn mes,
Veislo, q̃ anda en quatro pies,
Veislo, q̃ ſe ergue a la meſa,
Veis los mayores alcança
En criança,
En coſtumbres, y en ſaber,
Ved de tan grande eſperança
Lo que queda al recoger.

21

Era

Era locura pensar
Sus donayres, y sus sesos,
Ante tiempo aquellos pesos
En esto vienen a parar.
Sabia mas que el Iurado
Bien jurado,
Ayudaua a Missa al Crego,
Aunq̃ este es mal muy vsado,
Seres con tu hijo ciego.

22

Pero en esto no me engaño,
Aunque es hijo en el amor,
Que el no parece pastor,
Aunque guarda mi rebaño.
Dixe guarda, antes guardò,
Triste yo,
Que aora yà medio loco
Del ganado descuydò,
Y aun de si cale poco.

23

Dixome vno dessa banda
D'allà, que lo viera aqui;
Bien pueden dezir por mi
Un perdido, tras otro anda.
Soy yà cansado, y soy viejo,
Que consejo
Tomarè, o que camino?
Ueis el mi perro vermejo,
A la fé tras mi se vino.

24

Y tu hijo andas huyendo
De mi, de valle en collado,
Que mal cõsejo has tomado,
El porque yo no lo entiendo,
Sigues antojos liuianos,
No los sanos
Consejos del viejo padre,
No se te acuerda d'hermanos
Ni la vieja de tu madre.

25

Ha me dicho vn escolar,
Que sabe d'aquestos males,
Que siete rios caudales
Te conuiene de passar,
Y bañarte en la laguna
A la Luna
Nueua, y buscar siete fuẽtes
Perenales, y en cada vna
Lauarte, y cobrar las miẽtes.

26

Unos tienen tal sospecha,
Otros otra, y dicho me han

Muchas, y muchas diran:
Mas sin ti q̃ me aprouecha?
La vejez es cierto cosa
Trabajosa.
Niñez sin entendimiento,
Mocedad tan peligrosa
Que no escapa vno de ciento.

27

Este cuerpo flaco cansa
De andar, todo me despeo:
Mas puede tanto el desseo,
Que algo el coraçõ descansa.
Quiero dar buelta al lugar,
Y quiero dar
Bozes, si por aqui fuere,
Todo lo quiero prouar,
Antes que me desespere.

28

Ay Alexo, ay hijo, Alexo,
Quiçá, si de mi te escondes,
Dime, porque no respondes?
Si yo por ti todo atras dexo?
Alexo, Aquel viejo loco,
A que tan poco
De consejo, y vida queda:
De llamarte està tan roco,
Que no sé, como mas pueda.

LA NYMPHA DE La Fuente.

29

Duerme el hermoso donzel,
No zagal, no pastor, no,
Mientras al sueño se dio,
Mi alma dióse le a el.
El Sol es alto, y con el
Del dia, es ido vn buẽ trecho,
No sé que de mi se hà hecho,
Serà lo que fuere del.

30

Loca de mi, que a mirar
Me puse, y dixe tal viendo,
Quiẽ tanto aplaze dormiẽdo,
Despierto, que es de pensar?
Quiseme luego apartar,
No sé quien me buelue aqui.
Ah quan tarde que entendi
Que peligro es començar.

31

Miẽtras pensando ymagino,
Sin rumiallo primero,

Amor

Amor falso consejero
Con sus razones me vino,
Tornarsehà por su camino
El moço, como despierte
q̃ às d̃ hazer tu? q̃ estu suerte
Estarte aqui de contino.

31

Luego mi fuente encantè,
Pero quando la encantaua
Quien las palabras guiaua?
(El me es testigo) Amor fuè.
Aora que mas pensé,
Fue la mi cuyta mortal,
Pudiera sufrir mi mal,
El suyo como podrè?

32

Y quando el mio quiçâ,
No pudiera sufrir yó,
Pagàra aquel que peccò
Que la razon ansi và.
Qual otra alguna valdrâ
Que me quite desta culpa?
Su beldad no me desculpa,
Antes mas culpa me dà.

33

Fuerça fue, que yo la senti,
Y miedo de mas enojos,
Baste al fin cerrar los ojos
Diziendo, Amor mãda assi.
Quantas cosas, que yo me oui
Contar del su gran poder,
Que podia yo ende hazer,
Donzella flaca, de mi?

34

Una hermosura vsana,
Que a quien la vè, desatina,
Que parece mas diuina,
Mucho mas digo, q̃ humana.
Cruel por cierto y villana
Pudieran dezir por mi:
Tenello encantado aqui,
Si lo hiziera mas sana.

35

Tal fuerça esta agua tendra
De oy mas, q̃ luego en la viẽdo
Toda persona corriendo
Por beuer d'ella arderà,
Aquella sed matarà,
Y a otra nueua passando,
Nunca el cuydado mudãdo
Por este bosque andarâ.

36

Ora mis ojos dexeis
Pagar Amor su tributo,
No quede aqui nada enxuto
Llorad, que bien lo deueis.
Aues que os anſi ſabeis
Cantando quiçá aliuiar,
Mientras me entiendo quexar
Ruegoos que me acompañeis.

CANTA.

D' Amor bien dizen q̃ es ciego,
Niño, liuiano, y cruel,
Si en mi fuente encendio fuego,
Quien podrà librarſe del.

VOLTA.

Poderoſo Amor altiuo,
Quien razon darme ſabria,
Si mi vida era agua fria
Como aora en fuego biuo.
Sordo en todo, en todo ciego,
Todo brenages de hiel,
Todo guerra, ſangre, y fuego,
Tal es el, tal dizen del.

37

Alexo.

He dormido, ora que atiendo?
Quiero paſſar la montaña,
Quiçá q̃ en la parte eſtraña
Me eſtará el bien attendiendo,
Hea q̃ a Dios me encomiendo,
Que en eſta tierra zagal
Dias há que te vâ mal,
Mal deſpierto, y mal dormiẽ

38 (*do.*

Yo ſoñaua que me via
Entre vnas cerradas breñas
De vna parte, y d' otra peñas,
Do nunca el Sol deſcobria,
Quando no me apparecia
Socorro de parte alguna,
Quexoſo de la fortuna
En llantos me deshazia.

39

Mientras q̃ lloro, y me quexo
Solo la muerte eſperando,
Oya de quando en quando
Que llamauan por Alexo,
Quiçà ſi d' aqui me alexo
Allâ que me irà mejor?

En

En cortesia de Amor,
Y de ventura lo dexo.

40

Semejaua ciertamente
La boz del buen viejo mio,
Abaxo espumaua vn rio
Que nunca sufriera puente:
Uia la muerte presente,
En tá grãde angustia puesto
Despertè y fuy depresto
Libre de aquel accidente.

41

Mi fé, sea lo que fuere,
Mal parece, y mal serâ,
Que el coraçon me lo dâ,
Haga Dios lo que quisiere,
Fuertemente me requiere
Soledad grande, y desseo
De quanto desde aqui veo,
Sufrirè lo que pudiere.

42

Que el coraçõ se me encierra
A todos otros consejos,
A Dios mi tierra, y mis viejos
Grà mal de vòs me destierra.
Si moriere en otra tierra
Aqui los hueſſos me trayan,
Que mundos, pẽsais q̃ vayan
Allá, traz aquella ſierra.

43

En fin dada es la sentencia,
Sea simpleza, o locura
Prouarè la miventura
Pues me aquexa tal dolẽcia:
Prouaré por experiencia
Si este mal otro ayre encẽde,
Si con mis amigos ende
Me queda la mi paciencia.

44

No cale tiempo perder
Mas del perdido, q̃ es mẽgua
Palabras vanas la lengua,
Los ojos aguas correr.
Lo que se ha de acometer
De que sirue el dilatar,
De los viejos es dubdar,
De los zagales hazer.

45

Matarè en la fuente fria
Primero esta sed que tengo,
Con que cuyta ora a ti vengo
Fuente de la tierra mia.

Si vendra aun algun dia,
Que boluiendo por aqui
Beua mas alegre en ti
De lo que aora beuia.

46

Encantado.

No veo al bosque salida,
La vista se me esuanece,
Por toda a parte escurece
Mal se ordena esta partida,
Parece que se me oluida
Esto que le yua a dezir,
Yo era para huyr,
Vòs no para ser huyda.

47

Anton.

Sospirado has compañero.

Iuan.

No sé como no lloraua,
Sabes porque sospirauа,
Porque aqui cantò Ribero,
Aq̃ nuestro amo escuchaua,
Rodeauanlo pastores,
Colgados de la suboca,
Cantando el los sus amores,
Cente de firmeza poca,
Que le dio tantos loores,
Y aora se los apoca.

48

Anton.

Esso falta Iuan pastor,
Soncas, porque sospirar,
A que puedes tu alçar
Ya los ojos sin dolor,
Y a que los puedes baxar,
Donde los pondras enxutos,
Adelante, o cara atraz.
Las plãtas niegan sus frutos,
El sembrar es por demas,
Los ayres andan corrutos,
Los hombres cada vez mas.

49

Daquel gran pino a la sõbra
Que a tal dicha se plantò,
Que el prado, y çarças cubrio
Y los vezinos assombra,
No ha pero mucho no.
Vine por Ribero ver
Como otras vezes solia,
(Quã presto q̃ huye el plazer)
Consigo aqui te tenia,
A cantar, y a tañer.

Mien-

Mientras la fiesta tahia.

50

Rebueluo en el pensamiento
Lo que cantastes, estando
Mi fé fuesseme oluidando,
Del so me acuerdo, y dl cuẽto
En busca del cantar ando,
Mas atinemos al ton
Amigo, que juro a mi,
Este era el tiempo, y sazon,
El lugar este era aqui,
Las palabras de rondon,
Ellas se vendran por si.

51

Iuan.

Porque esse contar fue llanto
Como del Cisne se cuenta,
En su postrimera afrenta,
Yo te ayudarè con quanto
Es cantar en la tormenta.
Bien vez q̃ mundos son estos,
Nunca tales fueran, creo
En las mudanças tã prestos,
Truecanse te a cada octeo,
Vi de aqui mil buenos gestos,
Quando miro vno no veo.

52

Mas las quexas a departe
A lo que mandas vengamos
El cantar q̃ aqui cantamos,
Fue (sabes) destraña parte,
Dõde vn tiẽpo ãbos andamos
Yl dirte he como passò
Acertose, que yo tañesse
Aquel modo, y el cantô
Rogome que respondiesse.

Anton.

Yà, yâ, yà comiẽço yo,
Como si Ribero fuesse.

1

Amor burlando và muerto me dexa,
Tiene de que por cierto, a su merced,
Como de señor vine, aora ved,
Si es justa su razon, si la mi quexa,
Y lo que mas me aquexa,

Que està ledo, gozoso, y aplaziente,
Y aun vfano, ques esto? el que vencio
Luchando pierde, y gana el que cayò?
Enemigo señor, que tal consiente.

2

Iuan. *Enemigo señor, que tal consiente*
Mas antes fauorece tal maldad,
Todo se rige por la voluntad,
Y si esto fue alguna ora es al presente
Vn pastor innocente,
Ya campoña tañia en regla estrecha
Del cierto, y buen tañer, y assi cantaua,
Plugo, mas vn zagal que alto siluaua,
Ued razon ante Amor de que aprouecha.

3

Anton. *Ued razon ante Amor de que aprouecha,*
Vn ciego, vn sospechoso, vn voluntario,
Al mayor seruidor, mayor contrario,
Antojadizo, lleno de sospecha,
Este porque coecha,
Por atreuido estotro, y mal mirado,
Otro por no sé que, veùlo adelante,
Quien se pone a pensar, que no se espante,
Sin ventura, que harà, quien lo ha prouado.

4

Iuan. *Sin ventura, que hará, quien lo ha prouado,*

Y lo

Y lo prueua cada ora? estraña suerte,
Puede auer quien assi corra a la muerte:
Cuydoso dotro, y de si descuydado,
Todo me han trastornado,
Antes de los mis dias viejo, y cano,
No dexa en su ser, cosa este accidente,
Pudiera enternecer vna Serpiente,
Llamando noche, y dia vn Nombre en vano.

5

Anton. *Llamando noche, y dia vn Nombre en vano,*
Fue tanta el ansia de las mis entrañas,
Que enternecidas vi las alimañas,
Passando dellas seguro, y cercano
Y solo fue liuiano
Aquella fiera humana, y fementida:
A quien Amor ha dado sus poderes:
Màs ingrata muger de las mugeres,
Quien todo lo lleuó, lleue la vida.

6

Iuan. *Dime zagala, y como puedes ver*
El Sol, porque has jurado, y las Estrellas,
De dia viendo a el, de noche a ellas?
Quando puedes dormir? quando comer?
Que piensas al tremer
De tierra, como ogaño? o si arde el cielo,
Piensas que es burla? o que? no pienses tal,

Que si vn rayo fue vano, otro hizo mal,
Y donde el no cayó, caya el recelo.

7

Anton. *Aquellos ojos tuyos, que al passar*
No sé lo que callando me dezian,
Aquellos que la mi alma embayan,
Vn tiempo a mi plazer, otro a pesar,
El dulce murmurar
Con la tu compañia, y de color,
Mudarte a cada passo, en vn momento,
Soltaste todo oluidadiça al viento,
Y biues, muero yo, sufre lo Amor.

8

Iuan. *Hasta quando serè tan ciego yo? hasta*
Quando, tan sin razon, y sin sentido?
El tiempo, y la razon piden oluido,
Amor solo no quiere, y solo el basta,
Quien ansi me contrasta,
Que viendo claramente lo mas cierto,
Tomè a la mano esquierda, y essa sigo,
Los oydos tambien cierro al castigo
Con mis cuydados vanos de concierto.

9

Anton. *Mas dexadas vn poco las peleas,*
Dime y qual señor fue nunca tan brauo,
Qual que dixesse ansi, eres mi esclauo,
Yo no soy tu señor, ni sé quien seas,

A palabras tan feas,
Te trae el tu rancor? soberuia es esta,
Que se pueda sufrir en dicho, o en hecho?
A que somos venidos, tiempo estrecho,
Assaz bastaua el mal, sin la respuesta.

10

Iuan. *Quando luego te vi, vite piadosa,*
Despues por te querer, por te adorar,
Subitamente te senti mudar?
Que es esto? es querer bien tan mala cosa?
Ah, vida dolorosa,
Ora se vaya el carro ante los Bueyes,
Los Peces retoçar vengan al prado,
A los Rios pascer vaya el ganado,
Ohi, ohi d' Amor estas sus leyes.

53

Anton.

No siguio Ribero mas,
Antes como trasportado
Estuuo vn rato callado,
Pienso que te acordaras,
Hablaua el poco, y despacio,
Mas siẽpre a tiẽpo, y lugar,
Ah buen pastor, si caçar
No se dexara al palacio.

54

Toribio.

No pensastes desta vez,
Que nadie os vuiesse oydo
Cantar, pero juro a diez
Que mi parte me â cabido.
Digoos q̃ aqui me estuuiera
Todauia,
Hasta que passado el dia
La noche os despartiera.

55

Seguios dẽde a buen rato,

Que

Que os vi venir passeando,
Dexé al moço mi hato,
Y tras vos vine assechando,
Luego entre mi lo pensé,
Estos que van
Solos, quiça contaran,
O si tal fuesse? y tal fue.

56

Puseme aqui a escuchar
Tras esta çarça escondido,
El son, y el canto a notar
Estoy como embeuecido.
Harto de tiempo passó,
Que en esto andaua,
Lo que tanto desseaua
A caso se me offreciò.

57

Anton.

Toribio, vengas en paz
Todo el biẽ de nuestra Aldea,
Llegate, ayamos solas,
Que enti todo bien se emplea.
Y porque eres verdadero
Te pregunto,
Como parecio te apunto
El cantar nuestro estrãgero.

58

Toribio.

Anton a dezir verdad,
Pues con ella me esconjuras,
Gran bien es la claridad,
No te pẽso hablar a escuras,
Quãto ami, no soy mas d vno
Quanto a todos,
Digo que en lo de los modos
Se quiere juzgar cada vno.

59

Una vez, yo fuy en Villa,
Ques menester mas palabras
Dieranme ende vna escodilla
De vnos como pies de cabras.
Yo dubdaua de comellos,
Mas despues
Comi vno, y dos, y tres,
Comi las manos tras ellos.

60

Anton.

A ti todo se te entiende
q̃ às hecho dello mil prueuas,
Mas muchos otros por ende
Alaban las cosas nueuas.

Toribio.

Si,

Si, mas con tu paz concluyo,
Que no luego,
Primero se sopla el fuego,
El despues arde de suyo.

61

Iuan.

Andar cõtra la costumbre,
Es nadar contra la vena,
Forçado es que te deslumbre,
Aunque tẽgas buena lena,
Y mas en tierra do tanto
El vso vale,
Si alguno del hilo sale
Encomiendese a buen santo.

62

Toribio.

Vn Raposo dio mil saltos
Por alcançar los parrales,
Nunca pudo que eran altos,
Dixo de las vuas males
Que eran verdes, mal bocado
Mi fé amigo
Claramente te lo digo,
Hablas como lastimado.

63

Anton.

Ora el murmurar dexemos,
Que es mal q̃ mucho se piega
De cantar tambien te plega
Yâ que nos cantado auemos.
No aya aqui mas rodeos
Que tambien
Sabemos que cantas bien,
No nos mates a desseos.

64

Iuan.

Alguno ha de començar,
Nos bien, o mal yà cantamos
Tu tambien has de cantar,
Vnos de otros nos riamos,
El ganado se sesteará
Por la calor,
Aunq̃ al cantar de Amor
Quien corriendo no vendrâ?

65

Toribio.

No lo digo, porque quiera
Mas palabras, ni mas ruegos
Mas porq̃ardo ẽtre dos fuegos
Que mucho escusar quisiera.
No cantar, criança es mala,
Y cantar mal,

El

El se lo dize, que es mal,
Vuestra mesura me vala.

66

Iuan.

No te aprouechan escusas,
Yo lo juro, este lo jura,
El lugar es de las Musas,
Sombras aguas, y verdura,
No te puedes escusar,
Ni es razon,
Mira que te escucha Anton
Empieça a amigo a cantar.

67

Toribio.

Auiendo de cantar yo
Ante vos, aunq̃ me atreuo
A mucho, de que sino
D'Amor cãtar puedo, y deuo
Dioses, Luna, Sol, y vientos
Todo manda,
Qual dirè Amor en q̃ anda,
No, mas la de mis tormẽtos.

CANTA.

Del mi tormento vencido,
Lo que sé, lo que no sé,
Quanto mandardes diré.

VOLTAS.

1

Mas mirad que si dixesse
A quello que no pensara,
Que essa crueldad tan clara
No pensé q̃ en vos la vuiesse.
Quereis saber lo que fuesse,
I dessе modo a la fé,
Sabreis lo que nunca fue.

2

En pena, que tanto obliga
Que no me dexa, ni auaga,
Harè, que mandais q̃ haga,
Dirê, que mandais que diga,
Lo que quisiere se siga,
Que en tal tormento a la fé,
Lo que haga, o diga, no sé.

68

Anton.

No te quiero dar loores
Toribio, ni dezir mas,
Sino que con tus amores
D'amores muerto nos has,

Hablo

Hablo anſi como lo entiendo,
Hable el maeſtro.

Iuan.

Si callando, no lo mueſtro,
No lo moſtrarè diziendo.

69

Anton.

Pues yo, quãto a mi, depreſto
Te lo digo aqui delante,
Que he de ſer villano en eſto,
Porfiando que mas cante.
Ayudame ora a rogallo,
Iuan te ruego,
Y ſino baſtare el ruego,
Ayudame ora a forçallo.

70

Iuan.

No faltarè de mi parte
Alomenos, al rogar
Cõ quien Dios tãbien reparte
No ſe deue de negar.

Toribio.

Fuerça es eſta, a la fé mia
Soy tomado,
Baſtara vueſtro mandado:
Quanto mas tal corteſia.

CANTA.

Mientras q̃ tanto a los ojos
Me obligo, y tãto al cuidado,
Ved amor qual me haparado.

VOLTAS.

1

Para q̃s mas? yo ſoy muerto,
No penſé que era el mal tãto
Hanme traydo en concierto,
Soltòſe todo en mas llanto,
Deſcuydeme, y entre tanto
Que amor me vio deſcuidado
Vio tiempo, y tuuo cuydado.

2

Hame traſtornado el pecho
Sin dexar coſa en ſu ſer,
Es ſuyo, pudolo hazer.
Mas grã crueldad ha hecho,
Yo anſi de que aprouecho,
Cruelmente lo ha penſado,
Que mejor fuera acabado.

71

Toribio.

Amigos ya cantado he,

Hi-

Hize lo que me mandastes
Por el vuestro amor canté,
Y vos por mi no cantastes:
Perdonadme si me atreuo
En tal razon,
Que en verdad es mi opinion
Que en lo vno, y otro os deuo.

72

Iuan.

Mucho te lo agradecemos,
Y destos, y otros cantares
Mil vezes te cantaremos
Si tu mil vezes mandares.

Toribio.

Tambien yo de ser villano
Tengas miedo,
Como dizen dale el dedo,
Y tomarate la mano.

73

Iuan.

Si muchos tales pastores
Vuiesse en nuestras mõtañas
No se irian los loores
Todos a tierras estrañas.

Anton.

Aqui buenos naturales
Suele auer,
Mas juzgar sin aprender
Nos daña nuestros zagales.

74

A risa màs que a pezar
No se como defenderme,
Que se le quiere ygualar
El q̃ duerme al q̃ no duerme
Trabaja con cuerpo, y esprito
Noche, y diz,
La caça mata porfia,
Y a buen bocado, buen grito.

75

Viene el delicado, y tierno,
Que passo su tiempo en vano
Tendido al Sol en inuierno
Por la sombra en el Verano,
Entonces medio dormiente
Como jaz,
Dezir solo no me plaze
Es razon muy sufficiente.

76

Iuan.

Es lo que dezis sin falla,
Mas cada vno allá lo vea,
Aunque Toribio se calla,

Dios

Dios sabe lo que el desea,
De cantares estrangeros
Gran sed muestra,
Si la deuda a caso es nuestra
Pagarlahemos sin dineros.

77

Anton.

Qualquiera cosa que venga,
Que l'oribio de mi mande,
Por mas que cierta la tenga,
Y antes que pequeña grande,
Sea como se acertare,
Malo, o bueno,
Que hurtaré yo de lo ageno,
Quando el mio no bastare.

78

Iuan.

Con desseo de ver tierras
Vue de passar los puertos.
Puseme a las blancas sierras,
Rios de yelo cubiertos,
Allâ que pastores vi,
Tan enseñados
A cantar versos rimados,
Que plazer que ende senti.

79

Vino vn dia vn viejo cano,
Combidamos lo a cantar,
Tomó la campoña en mano,
Tocô, boluiola a dexar,
Todos, sobre todos, yo
Desseando
De oyr mas, y porfiando,
El buen viejo ansi cantò.

1

Los manjares de Amor son coraçones,
Humanos ojos son las claras fuentes,
En que el mata la sed, sus dulces sones,
Son los sospiros de los innocentes,
Que el trata cruelmente en sus prisiones,
Todos enagenados de las mentes,
Cuydados, celos, cuytas, esto os dà,
Lo que no tiene Amor como os darâ?

2

No veis que và desnudo, y que non lleua,
Sino con que haga mal, y bien ninguno,
Saetas, arco, y fuego con que os prueua
Con todos los tormentos vno a vno.
Vos vno a vno os is dando la nueua,
Que es falso, que es sin fé, que es importuno,
Que es esto me dezid hombres perdidos,
Yá que ojos no teneis, tened oydos.

3

Y tu que fingimiento es este tuyo,
Niño desnudo, desarmado, y ciego,
Huyes si voy a ti, buelues si huyo,
Ahora vencedor, vencido luego.
Ah que no tiene Amor cosa de suyo,
Nos las armas les damos, nos el fuego,
Quereis su diuindad ver tan loada,
Abri los ojos bien, no vereis nada.

4

No os pongan miedo sus espantos vanos,
Bolued por vos vereis como esuanece,
Un cuerpo d'ayre sin fuerça, y sin manos,
A quien osado en campo se le ofrece,
Un engaño comun de los humanos,
Un como encantamiento, que enloquece,
Niebla, que solo vn soplo la leuanta,
Niño, que otros como el, niños espanta.

Can-

80

Cantado que el buẽ viejo vuo,
Toda aquella nuestra gente
Como personage estuuo,
Yo tambien por consiguiente,
En fin, que licencia toma,
Y adeuino,
Que era pastor peregrino,
Que iua en romaria a Roma.

81

Mas no es bien q̃ passe ansi,
Y que solo Anton se quede
Sin cantar, que juro a mi,
Si quiere que sabe, y puede,
Sino, que nos quexaremos
Al mayoral,
Mas la campoña, zagal,
Tomado ha bien lo tenemos.

82

Iuan.

Aueis tan corteses sido,
Uno luego, otro despues,
Que aũq̃ aya quedar corrido
Sea antes que descortes.
Mas la campoña Aldeana,
No os dirà,
Sino vn cantar de acà
Destos de la tierra llana.

CANTA.

Quando tanto alabau, Clara,
Blau, q̃ a luchar se desnuda,
La mortal de la mi cara,
Que frios sudores suda.

VOLTAS.

1

Ora alabas tal blancor
Discurriendo pieça a pieça,
Que no queda sin loor,
De los pies a la cabeça.
Quiẽ tal del mũdo pensara,
Aunque cada ora se muda,
Uerte contra ti tan clara,
Uerte contra mi tan cruda.

2

Llamasle madexas d'oro,
El hablar blando, y suaue,
Las fuerças d'vn brauo toro
La ligereza de vna Aue,

Comigo el alma no pâra,
Huyendo a su cuyta aguda,
Quando tu aficion dispára,
Y al gesto sale desnuda.

3

Tambien de los mis enojos,
De las mis vascas, y fuegos,
Son testigos muchos ojos,
Que los ven hasta los ciegos.
Las mudanças de mi cara,
El mi pecho, que amenuda,
Los mis secretos declara,
Sola mi lengua está muda.

4

Triste, y en lucha tan estrecha
A braços con los sentidos,
Que Blas caya, q̃ aprouecha,
A quien tiene ojos, y oydos.
Y aunque yo dello dubdara,
No dexas lugar de dubda,
A quien de tus ojos, Clara,
Nunca los sus ojos muda.

5

Entrados males tamaños,
Que no sé dellos qual vença
Grãdes miedos de mis daños,
Grandes de la tu verguença.
Si del todo me pasmara,
(q̃ era de pasmar sin dubda)
El seso al mal ayudara,
Que aora me desayuda.

83

Toribio.

Mejor es, que hõbre se calle,
Que hablar poco ẽ tus loores,
Mas bendito sea el valle
Que lleua tales pastores.

Anton.

Yo me estaua como vn bobo,
Ansi escuchando,
Mas quiẽ viene allà trotãdo
En la conseja? es el Lobo?

84

Pelayo.

Amigos vengo pasmado,
Y aun medroso, y no poco,
q̃ anda aqui cerca, ẽboscado
Vn zagal, daldo por loco,
Y aunque son muy diuersos
Los modos de enloquecer,
A quanto pude entender
Anda componiendo versos.

Iuan.

85

Iuan.

Dale por mal remediado,
Si tal dolencia es, qual dizes,
Comerseha engolosinado,
Las manos como perdizes,
Quando arde todas tus venas
Y luego temblan de frio
Para todo ay cosas buenas,
A esse mal todo es baldio.

86

Anton.

Desse morirsehan de risa
Todos, del en su persona,
Quando sus versos entona,
Y el estasse vn Rey en Frisa.
Dexale Pelayo hermano,
Que puesto q̃ el mal no es poco
El querer curar vn loco
Es trabajar siẽpre en vano.

87

Pelayo.

Cosa es que os espantarà
El camino no es tan luengo,
Si quereis vamos allâ,
Y sino visto lo tengo.

Toribio.

Vamos, andad, abalemos,
Que gana tengo de oyllo,
Lleguemos allà Carillo,
Que harto de tiẽpo tenemos.

88

Pelayo.

Venid que bien lo podreis
Ver, y juzgar quanto abõde,
Mas no sienta que lo veis,
Porq̃ al momento se esconde,
A la fé yo dixe, y hize,
Veis que en la frẽte se hiere,
Semejame, que hablar quiere
Escuchad bien lo que dize.

89

Alexo. 1

Engañome el mal estraño,
Pensê cuytado que os via,
Mas bien, que no mal seria
A durar solo el engaño.

90

Iuan.

Si la vista no me embrusca,
Mirolo de luengo en ancho,
Este es Alexo el de Sancho

De quiẽ el viejo ãda en busca.

91

Anton.

Quiçá, si es aſsõbramiento,
Ni veo que otro ſer pudo
Que no ſe via entre ciento
Otro zagal tan ſesudo.

Iuan.

Moço, para dar conſejo
No es coſa muy ſegura,
Mal aſsiento haze locura
En la cabeça del viejo.

92

Alexo. 2

Los mis deſſeos ſandios
Que adrede a ſu mal ſe dierã
Para vós, que nunca vieran
Guardan eſtos ojos mios.

93

Toribio.

O buen de mi, y que bueno,
Que coſas dezir ſe dexa,
Quien del mal tãbien ſe q̃xa
No eſtâ de ſi muy ageno.

94

Alexo. 3

Que remedios ſe conuienen
A tan varios penſamientos,
Que vnos ſe van cõ los viẽtos,
Otros con ellos ſe vienen.

95

Anton.

No veis cõ que anſia ſoſpira,
Que hermoſo, q̃ bien diſpueſto
Veislo allá buelto tan preſto,
Veislo, que buelto acà mira.

96

Alexo. 4

A todas partes penſando
Verte miro, y no te veo,
Sino muere eſte deſſeo
Morir me he yo deſſeando.

97

Iuan.

Segun ſuenan las palabras
Amigos deſte muchacho
Es q̃ Amor le dà empacho,
Ni el buſca aq̃ otras cabras.

98

Alexo.

El mi coraçon liuiano,
Fueſſeme, no ſé tras quien,

Van

Van buscando este su bien,
Tras el los ojos en vano.

99

Anton.

Ora ved lo que he pensado
En esto que vi que es poco,
Empero nunca vi loco
Que no fuesse enamorado.

100

Alexo. 6

Este mi mal tan estraño,
Esta mi cuyta si os viesse,
No puede ser que doliesse
Por mucho q̃ fuesse el daño.

101

Iuan.

Yo os digo esto en mi tino,
Escuchame ora si os plaze,
Cierto amor mucho mal haze
Pero sabed que es diuino.

102

Alexo. 7

Que la mi vida se vea
En tanta cuyta, y fatiga,
Pues la ventura enemiga,
Pues Amor quiere, ansi sea.

103

Anton.

Amor maluado, y no tal,
Como del dizen, y se nombra,
No lo dexa a Sol, ni a sõbra,
Haze como suele mal.

104

Alexo. 8

Por vn bosque tan sombrio,
Por puertos tã mal seguros,
Entre enemigos tan duros,
Que descuido es este mio?

105

Toribio.

Catad, catad mis pastores,
Por cierto bien le entendiste,
Iuan quando luego dixiste,
Que su mal era de amores.

106

Alexo. 9

Sea pues lo que se fuere
Coraçon mio engañado,
Que este soberuio cuydado
Todo lo que quiere, quiere.

107

Pelayo.

No se puede mas burlar,
Que a la fé q̃ no es buẽ juego
Vamos a buscar vn Crego,
Que lo venga a esconjurar.

108

Alexo. 10

Aquel cuydado, q̃ en medio
De mi pecho el alma abrio,
A quantos males me dio,
No me dio solo vn remedio.

109

Anton.

Hablò contigo, o con quien,
No ves que dixo el zagal,
Ansi se quexa del mal
Que me semeja que es bien.

110

Iuan.

Miraua a la clara fuente,
Que tan hermosa en la peña
Biua, del alto despeña,
Allà te espero pariente.

111

Toribio.

Yo tambien allá me iré,
Que nunca tuue tal sed,
Sino la mato, sabed
Que muerto della seré.

112

Pelayo.

Tu tambien corres Anton,
No ves la priessa que lleua.

Anton.

No me ternan que no beua
Quantos en el mundo son.

113

Pelayo.

Ques esto? miedo he q̃ ciegue
De sed, antes de beuer,
No hago sino correr,
Y no sé quando allá llegue.

114

Encantados.

Anton.

Viste jurar Violante,
Viste, que fue por demas,
Como quieres tu que cante,
O rios bolued atras,
Vos montes id adelante.

115

Toribio.

El bosque ar de al rededor,

Tira

Tira Amor tiros a pares,
Piedad, piedad señor,
Quãdo mas crueldad pẽsares
Miembrete que eres Amor.

116

Pelayo.

Por estos buenos abrigos,
Ay que zagala, Leonor,
Son me los ojos testigos,
Biua, reyne, y venca Amor,
Y mueran sus enemigos.

117

Iuan.

Fuerte ceguedad estrañ~a,
Que nos a todos destruye,
Vemos que es incierta, y vana
Vemos que la vida huy~e,
Y andamos de oy en mañana.

A NVNALVEREZ PEREIRA.

EGLOGA OITAVA.

BASTO.

1

POllas ribeiras de hũs rios
Por onde cantão as aues,
Por entre bosques sombrios,
Depois de contos mais graues
Ouui destes mais baldios.
E porq̃ eu tambẽ me afasto
Do pouo que me nam reja,
E tras si me leue a rasto,
Vede do tempo em que gasto
O que me às vezes sobeja.

2

Emquãto hũ joga, outro caça
Outro dorme, outro trafega
Outro murmura na praça,
E co mal deste se rega,
E co bem destoutro embaça.
Hum de si se preza tanto
Que só cuida q̃ enche as festas
Outro sospira, & faz pranto
Co a natureza entretanto,
Fallemos pollas florestas.

3

Grande final de saude
He ter tudo a parte posto,
Olho sómente à virtude,
Ledo, ou triste, o mesmo rosto,
Que nam ha quẽ volo mude.
Por demais tudo aporfia,
Cum peito tam liure, & sam,
Que tomou tam certa guia,
Daqui nasce a presunçam,
Cuidam que da fidalguia.

4

A virtude he paga igual
De si mesma sem mais troca,
Mas tratemos ora d'al,
Sabese, que vos nam troca,
O bem, nem menos o mal.
Quem sabe por onde vay
Leua sua conta feita,
Nunca do caminho say,
Nam olha a quẽ diz tomay
A esquerda, ou â direita.

5

Ambos nos temos à banda
De Cil, que ahi vos enuio,
Por onde a menos gẽte anda,
Eu porem nam aporfio,
q̃ a cada hũ seu gosto mãda.
Mas nam faltam cõtendores
Seja a rezam a que vença,
Estemse à parte os fauores,
Ouui vós os meus pastores,
Outrem parta a desauença.

PASTORES
DA EGLOGA.

Bicito. Gil. Basto.

6

Basto.

Como corre, é como atura
Quẽ vay apos o seu gosto,
Quer por frio, quer quẽtura,
E no suor do seu rosto
Busca às vezes mâ ventura.
Sem guia, & sem esconjuro
Cos medos se desafia,
Só vay afouto, & seguro,
De noite pollo escuro,
Por montes hermos de dia.

7

Este appetite que digo
Quem o desse à mà maleita,
Que traz mil artes consigo,
Guarte delle que tespreita
Por dar dauesso contigo.
Rostro ao si & rostro ao nam.
A fortuna he feita assi,
Mal a conhece o vilam,
Cuidas que a tens na mam,
Està se rindo de ti.

8

Onde quer o demo jaz,
Para auer de embicar nelle,
Topey cum Lobo roaz,
Fuyme cos meus cães traselle
Tiue de fadiga assaz,
Eis que trasp̃oe, eis q̃ assoma,
Desfaziame correndo,
Toma aqui cão, alli toma,
Cego da porfia, em soma
Fuyme trasp̃odo, & perd̃edo.

9

Isto, a quem nam acontece?
Seja porem na mà ora,
O tempo desaparece,
Estamse rindo os de fora
A nòs nam no lo parece.

A cer-

A correr, & dar à choca,
Este desafia mil,
Vende aquelle, cõpra, è troca,
Outro traz graças na boca,
D'outro falla o Arrabil.

10

Cuida, que as namora todas,
nã sey quẽ che he prẽ fermoso
Vaise âs festas, vaise ás bodas
Tenho me eu co dadiuoso
q̃ vnta o carro, andã as rodas
Grãdes cousas capa em colo
Conta (se ellas assi sam)
Que me dam volta ao miolo
Deue de me ter por tolo,
Eu a elle porque nam?

11

Como Lontra, jaz no rio,
Hũ que o seu gado mal passa,
Elle pesca, ora com fio,
Com cana ora, ora cõ nassa,
O outro anda sempre em cio.
Outro resfriada a chama
Parte, è deixa a molher noua
Dando voltas polla cama,
E por neue, & polla lama,
Corre cos seus cães â proua.

12

Vay assi jâ ha muitos dias,
Que nã torna atraz ninguẽ
Bebemos das bem querias
Que cada hum consigo tem,
Damos dessas rezões frias.
O bom Gil sendo mais moço
Muita da terra correra,
Vẽdo hũ, vẽdo outro aluoroço
Co seu fardel ao pescoço
A ser pastor se acolhera.

13

Ora elle, assi pastor sendo,
Se primeiro andara mal,
Foy apalpando, foy vendo
Entre nós, q̃ era outro tal.
Tambem se foy delambendo,
Hũa vez lama, outra pò,
Sempre homẽ anda achacado
Deu inda mais outro voo,
Por milhor ouue andar só,
Que assi mal acompanhado.

14

Era grande amigo seu
Bieito, & vendo a mania

Con-

Consigo hum dia lâ deu,
Tiueram grande porfia,
Hum rezões deu, outro deu.
Não hà quẽ senam deffenda
A pareceres alheos,
Antes dez quedas q̃ emẽda,
Contaruos ey da contenda
Sem meter versos nos meos.

15

Bieito.

Que he isto Cil, que assi triste
Te nos fez este anno Abril,
Não sey que demo tuuiste,
Que ja nam pareces Cil,
Dize onde te nos sumiste.
Vlo aquelle grande amigo,
Vlos os bofes lauados
Daquelles do tempo antigo,
Que o segredo, & o perigo
Nam nos trazia encubados.

16

Assi tam só te viest e,
Tomaste forte burram,
Tantos amigos vendeste
Por nam sey que, nẽ q̃ nam,
Que nẽ a mi só o dixeste.
Ora dize se te apraz
Depois de tanto Sol posto,
Tal inchaço inda em ti jaz?
Arrenega o mal que traz,
Sempre consigo mao rosto.

17

Tu olhasme de traues,
Parece que a mal o tomas,
Mas se tu Gil inda este es,
Nam ey medo que me comas
Por mais mudado que estes.
Que inda que certo ajas feito
Hũa tam forte mudança,
Que te tem como desfeito,
Deste nome de Bieito,
Se quer has de ter lẽbrança.

18

Muytas vezes imagino
Gil amigo em ti cuidando,
Na brandura, & bõ ensino,
Que departias estando
Duas oras cum menino.
Olha bem, olha o que fais,
Tinhas tantos de bons modos
Cos iguais, & nam iguais,
Quando estauas bẽ cos mais

Das

Das que em ti fallar a todos.

19

Que se fez do teu cantar?
Ninguem nam cantaua aßi,
Mas para que he preguntar
Senam, que se fez de ti?
Onde te iremos buscar.
Nam ha ora tanto espaço
Quando Cenebra casou
Com Cregorio teu collaço,
Quem teue rosto aos do paço,
Quem tãgeo, & quẽ cantou

20

Morreote o gado meudo?
Foy hum andaço gèral,
Nam se pode lograr tudo,
Virà bem apos o mal,
Sofre, que sofre o sesudo,
Arrenega dos assanhos,
Iâ os deuias ter prouados,
Não sao os males tamanhos,
Se este Março nã foi d'anhos
Outros viram melhorados.

21

Gil.

Seja, amigo meu Bieito
Esta vinda em ora boa,
Eu digo amigo escolheito,
Como quem o leite coa,
Que deça limpo ao seu peito.
E respondendo ao que dizes,
Vezme far del, & cajado,
Bom final he que às perdizes
Nam vou armando boyzes,
Ando apos este meu gado.

22

Espreito, andando, o que quer
Parece que folga mais
Por agora de pacer
Por esses andorriais,
Faça como lhe aprouuer,
Que por certo homem dirà
Nas cousas q̃ não sao certas,
Ex nos câ, & ex nos là,
As vezes no pior se dâ,
As vezes tambem acertas.

23

O mais, que peza, ou que val,
(A nos parecenos muito)
Diz Toribio, & diz Pascoal,
Palauras vãs, & sem fruito,
As vezes inda sem sal.

Quan-

Quãdo a bibora no ár morde
Por mais peçonha que traga,
Nã temas q̃ iche, ou q̃ ẽgorde
Nam ajas medo que acorde
Bradando polla triaga.

24

Ves tu cousa, q̃ esté queda?
Ora he noite, ora amanhece,
Ora corre hũa moeda,
Ora outra, tudo enuelhece,
Tudo tem no cabo a queda.
Nas Villas hũ baylo dançam
Em que todos ao som andam,
Hũs cà, outros là se lançam,
Como o tãger nã alcançam,
Mais pés, nẽ braços nã mã (dam.

25

Do sangue, & leite empollado
O Bezerrinho viçoso
Corre, & salta pollo prado,
Depois laura preguiçoso,
Tira o seu carro cansado.
Cos dias, & co trabalho
O brincar dantes lhe esq̃ce,
Nam he jà, o q̃ era almalho,
Corte se, leue se ao talho,
O boy velho que enfraquece.

26

Bicito.

No começo os erros tem
Bom remedio, ao diante
Tem o mao, se nam vas bem,
Pior iras mais auante,
Torna atras que te conuem.
Nam o tenhas por amigo
Quẽ te anda sẽpre à võtade,
Dissimulando cõtigo,
Lembrete do dito antigo,
Que enfada muito a verdade.

27

Mal vay, quẽ sẽpre empeora,
E que lingoa a dos pastores,
Hũ olho ri, outro chora,
Vẽ hũ diz, que sam amores,
Outro diz, q̃ he mal de fora.
Hum se troce, o outro diz
He mao jogo este das lingoas
Ou tal fiz, ou tal nam fiz,
A cada canto hum juiz,
Vẽse em tãto à praça as min (goas.

28

Gil.

O moço q̃ entra em terreiro,
E nam toca o chão de leue,
Pollo âr voa o pandeiro
A toda a festa se atreue,
Elle só co seu parceiro.
Este tal bayle, este cante,
Este seus jogos ordene,
Corra, voe, & passe auante,
Este voltee, este espante,
Este dè penas, & pene.

29

Mas quẽ ja se vem das põtas
Nam acha o que soya em si,
Comece entrar noutras cõtas
Ouui jà milhor, & vi
Suar, & passar afrontas.
Vez o tempo como foge,
Corre o dia apos o dia,
Queres q̃ homẽ nam s'anoje,
Que me não conheci oje
Nũa fonte em que bebia.

30

E porque tudo te conte
De quanto me aconteceo,
Quando me tal vi defronte
Dos olhos agoa correo
Mais que corria da fonte.
Passouseme a sede em fim,
Que me aq̃lla agoa trouxera
E a tal desacordo vim,
Que quando torney em mi
Grande espaço o Sol correra.

31

Bieito.

Come de toda a vianda,
Nam andes nesses entejos,
Nam sejas tã vindo á banda
Temte ás voltas cos desejos,
Anda poronde o carro anda.
Vez como os mũdos sã feitos,
Somos muitos, tu só es,
Poucos são os satisfeitos,
Hũ esquerdo entre os direitos
Parece que anda ao reuez.

32

Dia de Mayo choueo
A quantos agoa alcançou,
A tantos endoudeceo,
Ouue hum só que se saluou,
Assi entam lho pareceo.
Dera vista ás sameadas
Essas que tinha mais perto,

Vio

Vio armar as trouoadas,
Alongou mais as passadas,
Foyse acolhendo ao cuberto.

33

Ao outro dia hũ lhe daua
Paparotes no nariz,
Vinha outro que o escornaua
Hi tambem era o juiz
Que de riso se finaua.
Bradaua elle homens olhay,
Hiamlhe co dedo ao olho,
Dixe entam, pois assi vay,
Nam creo logo em meu pay
Se me desta agoa nam molho.

34

A payxonado qual vinha
Achou num charco q̃ farte
O conselho auido o tinha,
Molhouse de toda a parte,
Tomoua como mezinha,
Como o viram là correram,
Hum q̃ salta, outro q̃ trota,
Quantas graças que fizerão,
Logo todos se entenderam,
Eylos vam nũa chacota.

35

Gil.

Tu sabes que me obrigara
A esta vida de pastor,
Vinha muy corrido á vara,
Cuidey que era ella milhor,
Como quem a nam prouara.
Determinauame jà
De andar cõ minhas ouelhas,
A conta sahiome má,
Màs fadas ha cà, & lâ
Como bem dizem as velhas.

36

Andey daquem para alem,
Terras vi, & vi lugares,
Tudo seus aueſſos tem,
O que nam exprimentares
Nam cuides que o sabes bẽ.
E ás vezes quãdo cuidamos
Que algũa cousa entendemos
A cabra cega jugamos,
Acheyvos câ fortes amos,
Querem que os adoremos.

37

Para as cousas que acõtecem
Quãdo os buscas, ora o sono,
Ora achaques mil te empecẽ,

Ao trosquiar achas dono,
Nas pressas nam te conhecẽ.
Tudo lhes o demo deu,
Té rezões màs que nos dam,
Quando te hã mister es seu.
Quando os has mister es teu
Que nam tem amos entam.

38

Essa vez que saem â rua
Estremece toda Aldea,
Elles bebem, & homem sua,
Doelhes pouco a dór alhea,
Querem que nos doa a sua,
Inda que o dano he em grosso
Poderao dissimular,
Isto parceiro nam posso,
O entendimento que he nosso
Nãõ no lo querem deixar.

39

Pollo qual co meu fardel
Fogi das vossas Aldeas,
Nãõ trago nos beiços mel,
Que nãõ sou cresta colmeas,
Nem posso ser ministrel.
A saudade nãõ se estreice,
Mas cahiome hum coraçaõ
Em sorte que muito empece,
q̃ outro senhor naõ conhece,
Saluo justiça, & rezaõ.

40

Entaõ queixome a ti logo,
Que em casos q̃ acontecerãõ
Vime por elles no fogo,
Bradei, & naõ me valerãõ
Brados, queixumes, nẽ rogo,
Assi me sahi, meu quedo,
E quedo, & farà hum dia,
O q̃ outro naõ fez é ey medo
De ver mór vingança cedo
Do que jàgora queria.

41

Bieito.

Trouxesteme ora â lẽbrança
Aquelle amigo foaõ,
Que ao tempo dessa mudãça
Tua, foyte assi à maõ,
Como a quẽ os dados lança.
E lembrame ora bem tudo,
(Que era eu hi no tal ensejo)
Inda que entaõ me fiz mudo,
Faloute como sesudo,
Pareceme ora que o vejo.

Seja

42

Seja (disse elle) em boa ora,
Que eu tãbẽ entre este gado,
Fazendo contas cada ora,
Cada ora me acho enganado
Desta esperança trédora.
E dirte ey que me acontece
Quando neste valle estou,
Qualquer outro que aparece
Muito milhor me parece,
Naõ he assi quando là vou.

43

Assi disse aquelle amigo,
Agora digo eu que ey medo,
Quando debates contigo
Que te estẽ mostrãdo ao dedo
Gomez, Gonçalo, & Rodrigo.
Nã q̃iras ir muito ao fundo,
Inda que ora tanto entẽdas,
Nesta só rezaõ me fundo,
Naõ has de emẽdar o mũdo
Por mais rezões q̃ despendas.

44

Perigosa he a dianteira,
Deixa ir dãte os mais velhos
Com a paixaõ tençoeira,
Nunca ajas os teus conselhos
Sempre foy má conselheira.
Quem consigo traz rancor,
E em espreita anda do mal,
Nunca lhe falece dór,
Mas se o bem igual naõ for,
Seja o coraçaõ igual.

45

Gil.

Se cos teus olhos naõ vejo,
Nem ouço cos teus ouuidos,
Todo o debate he sobejo,
Regeste por teus sentidos,
Tãbem pollos meus me rejo.
Comes tubaras da terra,
Eu naõ nas posso comer,
Nem hũ, nẽ outro naõ erra,
Pera que he sobre isto guerra
Come o que te bem souber.

46

Naõ digo que cada hũ faça,
Quanto lhe à vontade vem,
Que essa seria má graça,
Mas entendo o saber bem
Do que se vende na praça.
Porque o tempo fez aballo,

E ſomos em forte enſejo,
Inda leuanto outro vallo,
Que nos doentes nam fallo
A quem mata o ſeu deſejo.

47

Bem vejo que a verdade era
Ir pollo fio da gente,
Cos muitos te reſpondera,
E o amigo, & o parente
Que murmurar nã tiuera.
Porem aſſi ſo nam minto,
Nam finjo, nam liſongeo,
Se ſou farto, ou ſou faminto,
Que mao he? o meu deſtinto
Antes ſeguir, que o alheo.

48

Vou fugindo âs armadilhas
Que vi com manha eſconder,
Nam q̃ro ouuir marauilhas
As vezes muy mâs de crer.
Da má mãy naſcẽ màs filhas
Querẽ q̃ homẽ ouça, & crea,
Nã ja eu, crea o noſſo loane,
Crea o baboſo d' Aldea,
Que tras ſẽpre a boca chea
Das filhas de Dom Beltrane.

49

Olha ſe a rezam concrude?
E's doente, teu pay nam,
Digo outro tal da virtude,
Polla ventura es tu ſam,
Porque teu pay tem ſaude?
Nã, q̃ cũpre outra mezinha
Olhe cada hum por ſi,
O bem nam he como tinha,
Nam ſe pega tam aſinha,
O mal pode ſer que ſi.

50

Leme primeiro outra lenda,
Deixaramte os teus paſſados
Do gado, & vinhas de renda,
Olha que andã meſturados
Os encargos co a fazenda.
Cũpre a cada hũ que arribe,
Por ſi ſe deſeja a honra,
Nam dizer bons donos tiue,
Que quẽ como elles nam viue
Tanto mais ſua deshonra.

51

Bieito.

Pois contigo a rezam val,
Vejamos qual mais conjũta,

Olha

Olha, q̃ todo animal (jũta
Fraco, ou forte aos seus se a-
Por destinto natural.
As põbas andam em bandas
Altos vam os grous em haz,
Estas andorinhas brandas
Naõ querem de nós viandas
Querem companhia, & paz.

52

Toma exemplo no teu fato,
q̃ o trazes junto em rebanho
Naõ rez, & rez polo mato,
Té o carneiro tamanho
Se atras fica he lambeato.
E inda ham mister mastins.
Inda funda, & cajado haõ,
Que a estes lobos roins
Que decem doutros confins
Te ajudem assentar a maõ.

53

Eu vij a sobre isto apostas,
Contase do Elefante,
O que tras a torre às costas
Que ha mister q̃ o leuante
Se dà consigo de costas.
Senaõ fosse essa prestança
Da falla, é rezaõ do homem,
Por forças elle que alcança,
Mister ha fazer liança,
Senaõ maos bichos o comem.

54

Em esta aliança tal
Que te digo, inda naõ meto
Saluante a do meu igual
Dos outros nã me entremeto
Mas fique dito em gé al.
Como no mundo apontamos,
Tanto que em terra cahimos
Do chorar nos ajudamos
Socorro, & ajuda pedimos,
Nós sós pera que prestamos?

55

Fuyme hum dia â Vlla, Gil,
E logo ao sayr de case
Mais verde que hũ perrexil,
Cuidey que matauа a brasa
De galante, & de gentil.
Bem passey cos viandantes,
Mas depois, quando là cheas
Viruas doutros galantes,
Se eu viera vfano dantes,
Naõ torney tal ás Aldeas.

56

Dezia hũ vendome aſsi
Bom vay o do barretinho
Nunca o tam figadalvi,
Chamauãme outros ratinho,
Hũs aſsi, outros aſsi,
Finalmente por acerto,
Vi algũs noſſos de cà,
Deixeyos chegar mais perto,
Metime entrelles por certo,
Que tarde me colhem là.

57

Hum bacorote orgulloſo
Deu viſta ao gado ouelhum,
De quexiquer eſpantoſo,
Trombejaua elle hũ, & hum
Andaua todo brauoſo.
Vẽ hum dia o lobo, & apanha
Pella cabeça o doudete,
Abrandoulhe aq̃lla ſanha,
Brada, â dos meus, ẽ tamaña
Preſſa, ninguem arremete.

58

Vinham os porcos d'Aldea
Mais atras, grunhir ouuirã
Hũ eſcuma, outro esbrauea,
Eſtes ſi, que lhe acodiram,
Perdeo o lobo a ſua cea,
Elle ſolto vio que o gado
Da lã branca eſtaua olhãdo
De longe, inda amedrentado,
Antes (diſſe) ſer mandado,
Que ẽ tal perigo, tal mando.

59

Gil.

Fallaſme nos animaes,
Aquẽ nòs brutos chamamos
Que guardam leys naturaes,
noſoutros nãnas guardamos
A iſſo obrigados mais.
Eſtes homẽs cõ quem tratam
Homẽs nã, mas leõis brauos,
Por força tudo rematam,
Os leõis nam ſe reſgatam,
Nem ſevendem por eſcrauos.

60

Para q̃ mandem, nem rejam
Nam vam as agoas tingidas
De ſeu ſangue, ſe pelejam,
Nam alçam forcas eſguidas
Em q̃ âs Aues mãjar ſejam.
Nam tem repartida a terra

Por

Por marcos tam desiguais,
Por sãgue, por fogo, è guerra
Cõ q̃ hũ tem de serra a serra
Outro nada, ou dous tojais.

61

He cousa para espantar
Da ley q̃ entre si tem gralhas
Que vendo a hũa queixar,
Decem corrẽdo em batalhas
Matamse polla saluar.
Ora te direy assi,
Quem diz o q̃ vio, nã mente,
Cuarda de imbicar aqui,
Que veras passar por ti
O amigo, & o parente.

62

Quem nunca ouuio hũ rifão
Mais corrente, é mais vsado,
Que he darem todos de mão,
Quantos vem, è quantos vam
Ao carro q̃ està entornado.
Fallo, porem em gêral,
Que alma, dizẽdo, isto afrõta
Nam quero que cuides al,
Amigos do meu final,
Nam vam elles nesta conta.

63

Muitos dos vaos apalpey,
Aos trabalhos me despuz,
Desque cuidey, & cuidey
Dixe comigo, ora sus,
Se erros fiz, erros pagney.
Cuida homem, q̃ bem escolhe,
As singellas só consigo,
Eu nam sey, porq̃ se tolhe
O fugir a quem se acolhe
Donde vem certo o perigo.

64

Andando sô nã me empecẽ
Maos olhos, nẽ màs palauras
Nã me empecem se engafecẽ,
Por outros fatos as cabras,
Curoas quando me adoecem.
Porque tudo diga em soma,
Nam ey medo q̃ o cabrito,
Me furte o vezinho, é coma,
Aqui se a paixam me toma
Posso cantar voz em grito.

65

Que me nam ouça ninguem
Sòmente as Aues, que tais
Duas auentagens tem

Desses outros animais
Voar, & cantar tambem,
Ou o som dagoa que cae
Rompendo pollos penedos
Dece ao fundo, ao alto sae,
Ella a grande pressa vay,
Elles para sempre quedos.

66

Ves tu a minha cabana?
Se o tempo se muda assi
a mudo eu. Guiomar, nẽ Ana
Naõ daõ voltas por aqui
Mais leues, q̃ ao vento cana.
Cantando dos seus solaos
Que me façaõ merecer
Muitos destes varapaos,
Com seus olhos vaganaos,
Bons de dar, bons de tolher.

67

Deixame ver este Ceo,
E o Sol em que vay tal lume,
Que a vista nunca sofreo,
Aquillo he vso, & custume,
Que tantos tempos correo.
Que claridade tamanha,
Que fogo nelle apparece,
Quanto rayo o acompanha
Dizem q̃ o mar de Espanha
Ferue quando nelle dece.

68

Cobrese logo de estrellas
Tudo quanto delle vemos,
Nascem dellas, põese dellas,
Olhamos, mas q̃ entendemos,
Nẽ da Lũa, q̃ está entrellas,
Que se renoua, & reueza,
Ora em fio, ora em crescente,
Ora em sua redondeza,
Cada mes com que certeza
Semelha a da nossa gente.

69

Do mais, dizia Pascoal,
Sabes que he o q̃ nos come,
Saõ mimos, que naõ he al,
Onde quer se mata a fome,
Matamse apetites mal.
Pollo Sol, & pollia neue
Natureza a grande madre,
Que em fim tambẽ no lo deue
A tudo acudir se atreue,
Por mais que este vẽto ladre.

70

Do

Do que ao meu gado sobeja,
Vou viuendo anno por anno
Pouco, ou muito, q̃ elle seja
A ninguem não faço dano
q̃ naõ se ha do pouco enueja.
Parece a vida em verdade
Dos mastins gado, & pastor,
Como de communidade,
Com tal fome, & frialdade,
Tudo pode, é manda Amor.

71

Leuo o meu gado, elle sigo,
Que inda sãõ mais ẽbaraços
Dos que eu quisera comigo,
Passey por tantos dos laços
Que olhar sómente he perigo.
No meu samarrão metido,
Que mais quero? sou pastor,
Cà nunca chega apellido
De fogo, nem de arroydo,
Mal se for, mal senão for.

72

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Virmeão ver os meus amigos
Ao Sol nos estenderemos,
Fallando em tempos antigos,
E despois dos meses mil
Quiçaes q̃ inda dira alguem
Olhando este meu couil,
Por aqui cantaua Cil
Sem queixia de ninguem.

73

Quando tudo era fallante
Pascia o ceruo hũ bõ prado,
Hi veo hum cauallo andante
Quis comer algum bocado
Posselhe o ceruo diante.
Outra rezão não lhe deu,
(Que erão pacigos gèrais)
Saluo posso, é quero, he meu,
Este meu, & este teu
Tanto ha ja que nos fez tais.

74

Vendo tão pouca prestança
O cauallo dantes forro
Com desejo de vingança,
Pedindo ao homem socorro
Por terra aseus pés se lança.
Não pode à justa querella
Deixar de se pór no meyo,
Mas foy necessaria a sella,

Poslha, & fez se forte nella,
Toma a redea, proua o freo.

75

Assi dam volta ao imigo,
O ceruo, quando tal vio,
Homem ao cauallo amigo,
Deixoulhe o campo, & fogio
Foy buscar outro pacigo.
O cauallo venceder
Corre o verde, & corre o seco,
Fora, fora o contendor,
Ficoulhe porem senhor
Nã foy tão to o outro enxeco.

76

Quẽ ha tal medo â pobreza,
Tal á fome, & frialdade,
Que por ouro, é por riqueza,
Dâ a só rica liberdade,
E mais outrẽ que assi preza.
Se lhe vés herdades largas,
Não lhe ajus enueja à troca,
q̃ embaraçã as roupas largas
Faz sangue o freo na boca,
As esporas nas ilhargas.

77

Mas já vês como o Sol anda,
Amigo he tarde, folga ora,
Deixemos esta demanda
Mal auinda para outra ora
A cea serâ mais branda.
Com dos peixinhos passaras
Do rio, nam dalmocreues,
Que as villas fazem tã caras,
Beberas nas fontes claras,
Sonharas sonhos mais leues.

78

Bieito.

Volues me as cousas do enues,
Ques por força que te crea,
O que tu quiçais nam cres,
O coraçam he n'Aldea
La me ham de leuar os pés.
E tu dize o que quiseres,
Troce cá, & troce lá,
Deffende teus pareceres,
Mas onde hi nã ha molheres
Vida, nem gosto nam ha.

79

Aquella graciosa idade
O parecer, que nos furta,
Com tanta força a vontade,
Que tanto o juyzo encurta,

Nam

Nam he de todo vaydade.
Suspiraste, hora eu te entẽdo,
Nòs nos veremos despois,
Por ora a Deos te encomẽdo.

Gil.

Nam te quero estar detendo.

Bieito.

Voume, q̃ he tarde, aos meus bois.

80

Basto.

Contouse isto polla terra
Em juntas d'outros pastores
Ex logo hũ, logo outro afferra
Sobre quais rezões melhores
Deu, quẽ acerta, ou quẽ erra.
Porem lido o Calendario,
Visto tudo, & contas feitas,
Fica assentado em Sũmario,
Gil por homem voluntario,
Homem Bieito âs direitas.

A EL REY DOM IOAM TERCEIRO.

CARTA I.

1

REy de muitos Reys se hũ dia
Se hũa ora só mal me atreuo
Ocuparuos, mal faria,
E ao bem cõmum nam teria
Os respeitos que ter deuo.

2

Que ẽ outras partes da sphera
Em outros Ceos differentes,
Que Deos tẽ gora escondera,
Tanta multidam de gentes
Vossos mandados espera.

3

Que sois vos tal, qu'elles sós,
Iusto, & poderoso Rey,
Ou lhes desdais os seus nòs,

Ou

Ou cortais, porque entre nòs
Vós sois noſſa viua ley.

4

Onde hâ homens hà cobiça,
Cà, & lá tudo ella empeça,
Se a ſancta, ſe a igual juſtiça
Não corta, ou nã deſempeça
O que a mà malicia enliça.

5

Señor que he muito atreuida
E onde ella nòs cegos deu
Cortar he couſa deuida,
Exemplo o jugo de Mida
Que el Rey voſſo auó fez ſeu.

6

Ora eu que reſpeito auendo
Ao tempo mais q̃ ao eſtillo,
Irey fugindo ao que entendo,
Farey como os cães do Nilo,
Que correm, é vão bebendo.

7

A dignidade real
Que o mundo a direito tem,
Sem ella terſe hia mal,
He ſagrada, & não leal,
Q̃e limpo ante ella nã o vẽ.

8

Não fallemos nos tyrãnos,
Fallemos nos Reys vngidos,
Remedeão noſſos dãnos,
Socorrem os affligidos,
Cortão pollos maos enganos.

9

As voſſas vellas, que vão
Dando quaſi ao mundo volta
Raramente contarão,
Gente doutro algũ Rey ſolta,
Sem cabeça o corpo he vão.

10

Dignidade alta, & ſuprema
Q̃e hà que a não reconheça
Viuſe ẽ Março Antonio Thema
De pòr real diadema
A Ceſar ſobre a cabeça.

11

Que o nome de Emperador
D'antes a Ceſar ſe dera,
Sem ſoſpeita, & ſem temor,
q̃ inda então muito mais era
Ser Conſul, ſer Dictador.

12

Hum Rey ao Reyno conuem,

Ve-

Vemos, que alumia o mundo
Hum Sol, hũ Deos o sostem,
Certa a queda, & o fim tem,
O Reyno onde à Rey segũdo.

13

Nam ao sabor das orelhas,
Arẽga estudada, è branda.
Abastão as rezões velhas,
A cabeça os mẽbros manda,
Seu Rey seguem as abelhas.

14

A tempo o bom Rey perdoa,
A tempo o ferro he mezinha
Forças, & condição boa,
Derão ao Lião coroa
Da sua grey montezinha.

15

As aues, tamanho bando
Dontra liga, & doutra ley,
Por vencer todas voando,
Aguia foy dada por Rey,
q̃ o Sol claro atura olhando.

16

Quanto que sempre guardou
Dauid, lealdade, & fé,
A Saul, quanto o chorou,
Quanta maldição lançou
Aos montes de Gelboe.

17

Onde cayra o escudo
Do seu Rey inda que imigo,
Inda que ja mal sesudo
Sayndo de tal perigo,
E subindo a mandar tudo.

18

O senhor da natureza
De quem Ceo, è terra he chea,
Vindo a esta nossa baixeza
Do Real sangue se preza:
Por Rey na Cruz se nomea.

19

Sobre obrigações tamanhas
Valem se com tudo os Reys,
Dos rostros falsos das mãnas
Com que lhe querẽ das leys
Fazer teas das aranhas.

20

Que senão pode fazer,
Por arte, por força, ou graça,
Saluo o que a justiça quer,
Senhor não chamão poder,
Saluo ao q̃ lhes val na praça.

E por

21

E por muito q̃ os Reys olhem
Vaõ por fora mil inchaços,
Que ante vós señor se encolhẽ
D'ũs Cigãtes de cem braços
Cõ que daõ, é cõ que tolhem.

22

Quẽ graça ãte el Rey alcãça,
E hi falla o que naõ deue,
Mal grãde da mâ priuãça
Peçonha na fonte lança,
De que toda a terra beue.

23

Quẽ joga onde engano vay,
Em vaõ corre, é torna atras,
Em vaõ sobre a face cay,
Mal ajaõ as manhas màs
Donde tanto engano say.

24

Homem de hum só parecer,
D'hũ só rostro, hũa só fé,
D'antes quebrar, que torcer
(Elle tudo pode ser)
Mas de corte homem nã hé.

25

Gracejar ouço de cã
De quem vay inteiro, & saõ,
Nem se contrafazem aas là
Como este vem aldeaõ,
Que certo saõ tornarà.

26

As santidades da praça,
Aquelles rostros tristonhos,
Cos quaes este, e aquelle caça,
Pera Deos senhor he graça,
Pera nòs tudo saõ sonhos.

27

E os discursos que fazemos,
Pode ser, não pode ser,
Mais diante o entenderemos
Agora mortos por ver,
Então todos nos veremos.

28

Senhor, eyvos de fallar,
(Vossa mosidão me esforça)
Claro o que posso alcançar,
Andão pera vos tomar,
Por manhas, q̃ nã por força.

29

Por minas trazem suas azes
Os rostros de tincureitos,
Falsas guerras, falsas pazes,

De

De fora manſos cordeiros,
De dentro Lobos roazes.

30

Tudo ſeu remedio tem,
E que aſsi bem o ſabeis,
E ao remedio tambem,
Quereylos conhecer bem,
No fruto os conhecereis.

31

Obras, que palauras não,
Porem ſenhor, ſomos muitos,
E entre tanta multidão,
Treſmalhão ſe vos os fruitos,
Que não ſabeis cujos ſaõ.

32

Hũ que por outro ſe vende,
Lãça a pedra, é a mão eſcõde
Do anno ao lõge ſe eſtende,
Aquelle a quem doe o entende
Com ſó ſoſpiros reſponde.

33

A vida deſaparece,
E entre tanto geme, & jaz,
O que cahio, & acontece,
Que dum mal que ſe lhe faz,
Outro mòr ſe lhe recrece.

34

Pena, & galardão igual,
O mundo a direito tem,
A hũa regra géral,
Que a pena ſe deue ao mal,
E o galardão ao bem.

35

Se algũa ora aconteceo
na paz muito mais na guerra
Que a balança mais pendeo,
Faz ſe ẽgano às leys da terra
Nunca ſe faz as do Ceo.

36

Entre os Lombardos auia
Ley eſcripta, & ley vſada,
Como ſe ſabe oje em dia,
Que onde a proua falecia
Que o prouaſſe a eſpada.

37

Alli no campo às ſingellas,
Em fim morrer, ou vencer,
Foſſe qual quiſeſſe dellas,
Não era milhor morrer
A ferro, que de cautellas.

38

Ao noſſo alto, & excellente
Dom Denis Rey tã louuado,

Tão

Tão justo, a Deos tã temente
Falsa, & malicioſamente,
Foy grande aleyue aſſacado.

39

Elle poſto em tal perigo,
Rey que Reys fez, & desfez
Contra o malicioſo imigo,
Foylhe forçado esta vez
Chamarſe a esta ley que digo.

40

E juntamente âs Cidades
A quem cumprio de acudir,
Pollas ſuas lealdades,
Que tã mâs ſão as verdades
As vezes de deſcobrir.

41

Neſte tempo quem mal cae,
Mal jaz, & dizem que à luz
Por tempo a verdade ſae,
Entretanto poem na Cruz
O juſto, o ladrão ſe vae.

42

Da meſma caſa Real,
Em verdade hũ grãde Iffãte
Tratado as eſcuras mal,
Bradaua por campo igual,
E imigos claros diante.

43

Em fim vẽdo a ĩduſtria, é arte
Quanto que podem chamou,
Hum leal Conde de parte,
Só co elle ſe apartou
Foy viuer a milhor parte.

44

Onde tudo he certo, & claro,
Onde ſam ſempre hũas leys,
Principe no mundo raro,
Sobre tanto deſemparo
Forão tres ſeus filhos Reys.

45

O ſenhor quantos ſuores
Paſſa o corpo, & alma ẽ vão,
Em poder denuoluedores,
Em fim barallas, que ſam?
Saluo deſafios mores.

46

Co a mão ſobre hum ouuido,
Ouuia Alexãdre as partes
Como quem tinha entendido,
Por fazer certo o fingido,
Quãtas q̃ ſe buſcão d'artes.

47

Guar-

Guardaua elle o outro ĩteiro
A parte não inda ouuida,
Não vay nada ẽ ser primeiro
Quem muito sabe duuida,
Sò Deos he o verdadeiro.

48

A tudo dam nouas cores
Com que enleam os sentidos,
Ha mãos, ha enliçadores,
Ante os Reys vossos senhores
Andais cõ rostros fingidos.

49

Contais, gabais, estendeis
Seruiços, & lealdades,
Olhay que não nos daneis,
Fallay em tudo verdades
A quem em tudo as deueis.

50

Senhor, nosso padre Adam
Peccou, chamou o juiz,
Tenha que dizer, ou não,
Hi sua fraca rezão
Porem liuremente diz.

51

Sempre foy, sempre ha de ser,
Que onde hũa só parte falla,
Que a outra aja de gemer,
Se hum jogo a todos iguala,
As leys que deuem fazer?

52

Vidas, & honras guardais,
Debaixo de vosso emparo,
Destranhos, & naturais,
Sospiram, não podem mais,
E ás vezes não muito claro.

53

Tambem apos aquella arde
A cobiça da fazenda,
Por mais q̃ se velle, é guarde,
Tinha ella milhor emenda
Senão fosse mal, & tarde.

54

Géralmẽte he presumptuosa
Espanha, & disso se preza,
Gente ousada, & bellicosa,
Culpamna de cobiçosa,
Tudo sabe vossa alteza.

55

Pensamentos nunca cheos
Nã tem fundo aquelles sacos
Inda mal, porque tem meos
Para viuer dos mais fracos,

E dos ſuores alheos.

56

Que eu vejo nos pouoados
Muitos dos ſalteadores,
Cõ nome, e roſtro de hõrados
Andar quentes, e forrados
Das pelles dos lauradores.

57

E ſenhor não me creais
Se as não achão mais finas,
Que as de lobos ceruais,
Que arminhos q̃ zebelinas
Cuſtão menos, cobrem mais.

58

Ah ſenhor que vos direy
Que acode mais vẽto às vellas
Nunca ſe deſcuide o Rey,
Que inda não he feita a ley,
Ia lhe ſão feitas cautellas.

59

Então triſtes das molheres,
Triſtes dos orfãos coytados,
E a pobreza dos Meſteres,
Que nem fallar ſam ouſados
Diante os mõres poderes.

60

Os quais quem os aſſi quer,
Quem os negocea aſſi,
Que farà quando os tiuer,
Noſſos ouuerão de ſer,
Tomaramnos para ſi.

61

Ora ja que as conſciencias
O tempo as leuou conſigo,
Uenhamos às penitencias,
Senhor ſe eu vira caſtigo
Boas ſam as reſidencias.

62

Mas eu vejo cà na Aldea
Nos enterros abaſtados,
Muito padre que paſſea,
Em fim, ventre, & bolſa chea
Abſoltos de ſeus peccados.

63

Se ſe hão de reconciliar
Hũs cos outros tẽ ſeu trato,
Baſtalhes ſó aſcenar,
Não nos fazem tão barato
Ao tempo do confeſſar.

64

Senhor eſta voſſa vara
Em quais mãos anda, talhe,

A boa he Aue muy rara,
Sabey que esta nũca he cara.
Que seja muita a merce.

65

Liure de toda a cobiça
A Deos temente, & avós,
Sem respeito, é sem preguiça,
Vara direita sem noos,
Se quereis que aja hi justiça.

66

Tomay senhor o conselho
Do bõ Gethro ao gẽro amigo,
He verdade, he Euangelho,
(Como disse aquelle velho)
Humilmente assi vos digo.

67

Que estas leys Iustinianas,
Senão ha quem as bem reja,
Fora de paixões humanas,
Sam hum campo de peleja
Cõ rezões francas, è vfanas.

68

Morre o nobre Conradino
Co parceiro em tudo igual,
Cada hũ de tal morte indino
Pello pesado, ou malino
Doutor que interpreta mal.

69

Diz o Texto? O sangue cesse
Por batalla a guerra finda,
Vẽ com grosa, outro interesse,
Diz q̃ ande o cutelo, ainda
Que ẽ prisam certo o tiuesse.

70

Mas senhor milhor o temos
Sendo vòs o que mandais,
Todos nos reuolueremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.

71

Quem por Amor se encadea
Nã he nome errado, ou nouo
Se por liure se nomea
Nam tem Rey amor de pouo
Tão to, emquãto o mar rodea.

72

Aqui nam vemos soldados,
Aqui nam soa atambor,
Outros Reys, os seus estados
Guardão de armas rodeados
Vôs rodeado de Amor.

73

Acharnos ham as diuinas
No meo dos coraçoes
Entalhadas vossas quinas,
Estas são as guarniçoes,
De vós, & dos vossos dignos.

74

Tem na verdade o Frances
A seu Rey amor aceso,
Nam lho nega o Portuguez,
Porem traz guarda Escocez
Que nam he de pouco peso.

75

O Padre Sancto assi faz,
A quem certo se deuia,
Alto assossego, alta paz,
Mas tem guarda todauia
Com que vay seguro, & jaz.

76

Que se pode ir mais auante,
Cõ quanto alcãça o sentido
Sẽ ferro, ou fogo que espante,
Com duas canas diante,
His amado, & his temido.

77

Hũs sobr'os outros corremos
A morrer por vos com gosto
Grandes testemunhas temos
Com que mãos, è com q̃ rosto
Por Deos, è por vòs morremos

78

Outrosi para os reuezes
(Queira Deos q̃ nã relleue)
Em vos tem os Portuguezes
O bom Rey de Athenieses
Codro, q̃ outrẽ alguẽ nã teue.

79

Do vosso nome hũ gram Rey
Neste Reyno Lusitano
Se pos esta mesma ley,
Que diz o seu Pelicano
Polla ley, & polla grey.

80

Mas eu sou d'hũs guarda cabras
Que se vão de ponto em ponto
Querem só duas palauras,
Que dos gados, q̃ das lauras
Depois nam tẽ fim, nẽ conto.

81

Assi que seja aqui fim,
Tornem as praticas viuas,
Perdestes mea ora em mi,
Das que chamão socessiuas,
Estes que sabem Latim.

A ANTONIO PEREIRA SENHOR Do Basto.

CARTA II.

1

Como eu vi correr pardaos
Por cabeceiras de Basto,
Crecer em cercas, & em gasto
Vi por caminhos tam maos,
Tal trilha, é tamanho rasto.

2

Nessa ora os olhos ergui
A casa antigua, & a torre,
Dizendo comigo assi,
Se nos Deos nam val aqui,
Perigoso imigo corre.

3

Não me temo de Castella
Onde guerra inda não soa,
Mas temome de Lisboa
Que ao cheiro desta canella
O Reyno nos despouoa.

4

E que algũ embique, & caya
(Longe vâ o mao agouro)
Fallando por essa praya,
Das riquezas de Cambaya,
Narsinga, das serras d'ouro.

5

Ouues Viriato o estrago
Que câvay nos teus custumes
Os leytos, mesas, & os lumes
Tudo cheira, eu oleos trago,
Vem outros trazẽ perfumes.

6

Nisto os trajos dos pastores
Com que sayste â peleja,
Vencendo tais vencedores,

São trocados, é aos louuores
Nã ha já quẽ te aja enueja.

7

He entrada pollos portos,
No Reyno clara peçonha,
Sem que remedio se ponha,
Huns doẽtes, outros mortos,
Outro pollas ruas sonha.

8

Fez no começo a pobreza
Uencer os ventos, & o mar,
Uencer quasi a natureza,
Medo ey de nouo â riqueza,
Que nos torne a catiuar.

9

Estas serras, & os penedos,
Uistas, se vos fazem feas,
Ià torceis rostro às Aldeas,
Direis dos vinhos azedos
O que jà disse Cyneas.

10

A quem nos conuites dado
Aprouar se lhe aprouuesse,
Despois nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) enforcado
Que a forca assi merecesse.

11

As vozeyras montarias
Derribar Aues que vam,
Cantando inuerno, & veram
Que al he, senam remir dias
Do enfadamento aldeam.

12

Que trabalhosos concertos
Os de villãos mal criados,
Os de villãos mal cubertos,
Os de villãos pouco certos,
Muito desarrezoados.

13

Direis, & nã o volo nego,
Porem quereis que vos diga
Este mũdo he armado ẽ briga
Nam busqueis nelle assossego
Nẽ ẽ hũa alta ermida antiga

14

Mas com tudo ha differẽças
Entre os de cà, & os de là?
Cà nas mais das desauenças
Vos ereis o das sentenças,
Là em baixo outrem as dà.

15

Tereis em troca manjares

Com-

Composições delicadas
Do âr do paço ajudadas,
E por tempestuosos mares,
Com mil perigos buscadas.

16

Conuites de quem conuida
A mostramvos hi suas tẽdas
Quãta cousa he alli perdida?
Ceas imigas da vida,
Imigas mais das fazendas.

17

Disto o cheiro, disto a cór,
Que preço nam tem igual,
Milagres de Portugal,
Cousas de tanto sabor
Todas a saberem mal.

18

Onde se ha de lançar tanto,
Aquillo he pagar o pato,
Em fim quando me leuanto,
Ou cy de morrer despanto,
Ou senam mespanto mato.

19

Que contas vão tam erradas
Enfastia o que sobeja,
Quem come o que naõ deseja
Soyam ser conuidadas
Vontades, agora he enueja.

20

Entra com vosco a menhã,
He ja dia, & pedis vellas,
Na tal cea cortesaã
Quanta iguaria que ha vaã
A fora a das escudellas.

21

Os bõs conuites antigos,
Antes de se tudo alsar,
Eram para conuersar
Os parentes, & os amigos,
E nam para arrebentar.

22

E de viuer juntamente
Ouueram conuites nome,
Claros aos olhos da gente,
Porque vissem que sómente
Alli se mataua a fome.

23

Aquella vfana Raynha
Irmam do vil Tholomeu,
Que o rico pendente deu,
Prodigamente á cosinha
De hũ grande banquete seu.

24

Vendo tudo irse a perder,
Os amigos conuidaua,
Naõ ja pera os ver comer,
Mas pera juntos morrer
A tal conuite os chamaua.

25

A vossa fonte tam fria
Da barroca ẽ Iulho, è Agosto,
Inda me he presente o gasto,
Quaõ bem que nos hi sabia,
Quanto na mesa era posto.

26

Alli nam mordia a graça
Erão iguaes os juizes,
Naõ vinha nada da praça,
Alli da vossa cachaça,
Alli das vossas perdizes.

27

Alli das frutas da terra,
Que tem cada tempo a sua,
Colhida em sazam cada hũa,
Nunca â vista o saber erra,
Nem o name de nenhũs.

28

O ceas do parayso,
Que nũca o tempo vos vença,
Sem falla trocada, ou riso,
Nem carregadas do siso,
Nem danadas da licença.

29

Deshi o gosto chamando
A outros móres sabores,
Liamos pollos amores
Do brauo, è furioso Orlando
Enuoltos em tantas flores.

30

Liamos os Assolanos
De Bembo engenho tã raro,
Nestes derradeiros annos,
E os pastores Italianos
Do bom velho Sanazaro.

31

Liamos ao brando Lasso
Com seu amigo Boscão,
Que honrarão a sua naçaõ,
Hiame meu passo a passo,
Aos nossos q̃ aqui naõ vão.

32

Se eu isto estimado agora
Vira como dantes era,
Por meu conto auante fora,

Mas

Mas não diz ora com ora,
Vamse como ao fogo cera.

33

Que troca, ver lá Pasquinos
Desta terra cento a cento,
Quem o vee sem sentimento
Trattar os liuros diuinos
Com tal desacatamento.

34

O que senam deue ousar
A lér, se em giolhos não,
(Que graças pera chorar)
Torcem, fazendo fallar
Ao som de sua paixam.

35

Esquecidos do conselho
Podera dizer mandado
Sendoo, porque foy vedado
No sanctissimo Euangelho,
Aos cães não deis o sagrado

36

Almas q̃ sonhando andais
O muito nã̃ no troqueis
Por nadas como o trocais,
As perolas Orientais
Aos porcos nam nas lanceis.

37

lugareis, ó gente cega
Sempre o jogo foy defeso,
Que tem todo o dia preso,
O triste que nelle emprega
O seu tempo todo em peso.

38

E des do grou, sè a folosa
Homens de seiscentas côres,
Só no jogo não tem grosa,
Conuersaçã̃o perigosa,
Missa d'arrenegadores.

39

Mal sem emenda he o jogo
Entre seus males mayores,
Hũ Rey de grandes louuores
Mandou que pusessem fogo
A casa, & aos jugadores.

40

Das leys antigas imigo,
Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Penas sempre aqui consigo
Vay caminho das eternas.

41

Deixemos mil outros jogos

Que la vã mil outros tratos,
Fazer, desfazer contratos,
Salamandras nos seus fogos
De Herodez para Pilatos.

42

E aquelle grande alueroço
D'atãbor, q̃ a guerra chama
Leua o velho, & leua o moço
E primeiro entra em destroço
Que perca de vista a fama.

43

O vida dos lauradores
Se elles conhecessem bem,
As auentagens que tem,
Aquelles sanctos suores
Que sanctamẽte os mantem.

44

Tratando co a madre antiga
Que de quanto em si recebe
Nã entre engano, ou mà liga
Por seu custume se obriga
A pagar mais do que deue.

45

Aquelles mayores nossos
Antigos padres primeiros,
Eram no começo inteiros,
Eram sanctamente grossos
sẽ mal como os seus cordeiros

46

Regidos da natureza,
Nam tanto papel escrito
De q̃ hũ reza, & outro reza,
Tẽ cansarem sem certeza
Donde jaz sómente o sito.

47

Foy sem malicia, & sem erro
A boa idade dourada,
Seguio logo a prateada,
Nã tardou muito a de ferro
Que tudo trouxe à espada.

48

Quanta sombra que aparece
Tapayme a boca co as mãos,
Ora atras, q̃ nam me esquece
Tambem por cà se adoece,
Uam porem ares mais saõs.

49

Por isso a gentilidade
Que em tudo philosophaua,
Ao Deos da saude alçaua
Templo fora da Cidade,
Hi por ella se offertaua.

50

E aquelle Virbio, a quem
Tornara a vida, nẽ âs festas,
Nem à cidade mais vem,
Sempre só por fora o vem
Caçando pollas florestas.

51

Hi que encontre cum Liam,
Cum Vsso que se erga em pé,
Certo que menos mal he,
Que onde elles tã bastos sam
Que entrelles se durma, ê cee

52

Da cousa, má claramente
Logo quem a vé se vella,
Chegase a que branda sente,
Por isso a antiga serpente
Pintam rostro de donzella.

53

Quando os antigos alguem
Louuauão, não de senhor,
Não de rico era o louuor,
Chamauãlhe homem de bem,
E inda bom laurador.

54

A nossa gente, que quis
Arremedar os louuores
Que agora parecem viz
Aos bõs Reys Sãcho, é Diniz
Chamauãolhe lauradores.

55

Os valerosos Romanos,
Que hũ tẽpo o mũdo regeram
Donde cuidais q̃ escolheram
Cincinatos, & os Serranos,
Que ante si ẽ cãpo puseram.

56

E aquella sua grandeza,
q̃ o tẽpo não quer q̃ moura,
Vemos q̃ a mais da nobreza
Sobre nomes de riqueza
Não pos antes da lauoura.

57

Inda oje vemos q̃ em França
Viuem nisto mais â antiga,
Na villa o villão s'abriga
Onde tem nome de crança
Mantemno a sua fadiga.

58

Ascende a fragoa o ferreiro
A o tempo que o galo canta,
Morde o couro o çapateiro,

Bra-

Brada co moço ronceiro,
q̃ inda se enuolue na manta.

59

Viue a nobreza por fora
Segura, os despouoados,
Correndo, os Lobos ousados,
Por derredor donde mora
Mãtẽ liure o cãpo aosgados.

60

Da màgente auenturtira
Que às escuras tẽ seu trato,
Que possa liure quem queira
Cantando ir de noite à feira,
Ou dormindo no mulato.

61

Bom tempo, quando segura
A cabeça se encostaua,
Onde o sono a conuidaua,
Contente da cobertura
Tão rica que lhe o Ceo daua.

62

Bebiam dagoa com as mãos
Nas fontes inda em velhice
Milhor que por vasos vãos
Lauaua ella os peitos saõs
Antes da gargantoice.

63

Iacob fugindo ao irmaõ
Que o mal tinha ameaçado,
Pastor ao campo auezado
Passou o rio Iordaõ
N'ajuda do seu cajado.

64

Como o Sol no mar deceo,
Comeria do fardel,
Dagoa no rio bebeo,
Sobre hũa pedra adormeceo,
Pos nome ao lugar Bethel.

65

Natureza nos puserа
Como os olhos nos abrio,
Diante tudo o que vio,
Que necessario nos era
De tudo o mais se sorrio.

66

Como? hũa Aue jâ auezada
A toda a delicadeza,
He milhor a juizada?
Foge à gayola dourada,
Vay buscar a natureza.

67

Hũa desposiçam má,

Lon-

Longa infirmidade, & dòr,
Que de mal vay em peor,
Onde remedio acharâ
Se a natureza nãofor.

68

Cegada minha fadiga,
Que em vã tãtas rezõis gasta
Que fazeis que vos obriga,
Deixar esta madre antiga,
E ir buscar a madrasta.

69

Dos vossos nobres auós
As Cruzes ẽ sangue abertas
Vos poem obrigações certas
Que nãnas deixeis câ sós
A ser do musgo cubertas.

70

O que porem não diram,
Em quanto câ tem tal feira,
Como he a d'ũ tal irmão,
Que nã ouue o nome em vão
Do grã Nunalurez Pereira.

71

Por toda esta grãde Espanha
Froays, que soyão chamar,
Fez em Pereiras mudar,
Nã do Rey mouro a patraña
Mas vosso antigo solar.

72

Do qual nã ha muitos annos
Hum que aqui Braga regeo,
Pondo a parte os lõgos panos,
Hum passo dos Castelhanos
A espada deffendeo.

73

Ao Reyno cũpre ẽ todo elle
Ter, a quem o seu mal doa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que he grãde o peso, è cõ elle
Mete o barco nagoa a proa.

74

E mais his vos muito á ponto
Para qualquer appetito,
E eu ja ouui hum conto,
q̃ a quẽ espreita, é estâ prõpto
Não vades mudar o sitio.

75

Tereis lâ conuersaçõ̃es,
Tereis graças delicadas,
Do âr do paço ajudadas,
Passarão deriuaçõ̃es,

Se

Se ja nam forem passadas.

76

Trasposeram os amores,
E deixaram o paço às agoas,
Ficarão por mantedores,
Rouxinois assouiadores,
Pollas hortas de enxobregas.

77

Vereis barcos ir âvella,
Huns que vão, outros q̃ vem,
Como que se desauem,
Com hũa viração singella
Tanta força, & arte tem.

78

Os marinheiros vadios
Que vilmente a vida apreção
Polas xarcias dos nauios,
O que saõ senam bogios
Posto que vos al pareção.

79

Nam ey por perda esta leue
Que sejam palauras tudo,
Mas ao coração acudo,
Senam dizey, quem se atreue
A dór esperalla mudo.

80

Sam ellas porem jâ muitas,
Pellas ir crecendo a magoa,
Lembrẽvos as vossas frutas,
Lembrẽvos as vossas trutas,
q̃ andão ja por vossas nagoa.

FIM.

A SEV IRMAM MEM DE SA.

CARTA III.

1

EM quãto de hũa sperãça
Em outra speraça andais,
Trazervos quero âlembrança,
q̃ he muito leue, é nã s'alcãça
Voa sempre auante mais?

Cui-

2

Cuidais que está ja com ella,
Quando volo mais parece,
E quereis lançar mão d'ella,
Mete remos, mete vela,
Num ponto desaparece.

3

Mas nam pode o coração
Soltar assi leuemente
Tamanha deleitação,
Ah que a tiue na mão
Se fora mais diligente.

4

Dos Alquimistas se diz,
Que he doce a fadiga vaã,
O desejo he mao juiz,
Deixay que o que oje não fiz
Eu o farey amenhã.

5

Não lhes val ver a fazenda
Perdida apos experiencias,
Andão de emẽda em emẽda
Da fornalha pera a tenda
D'açopros fazem sciencia.

6

Aporfiou, & sobio
Phaeton no carro do dia,
Que elle por seu mal pedio,
Sentioo a terra, & sentio
Hum rio de Lombardia.

7

Não soube Hycaro reger
As azas que ouue de seu,
Quis sobir, veo a decer,
A os peixes deu de comer,
A o mar o seu nome deu.

8

Apos o que ha de cahir
Por aleuantar andamos,
Sem repousar, sem dormir,
Alma que pode sobir
A esta as azas quebremos.

9

Em quãto hũ busca seus da-(nos,
Outro ja tè os olhos jaz
Por muitas sortes denganos,
Morte q̃ não conta os annos
Vem, è leua o que lhe apraz.

10

Quantos a que era deuida
Dos nossos deixo os alheos,
Ao menos por nos mais vida,

Que

Que por conta não sabida
Tinhão já seus annos cheos.

11

Vistes hũa claridade
Que de cà té là correo
Como rayo, em tal idade,
Tanto saber tal bondade
Assi desapareceo.

12

Alma bemauenturada
Daquelle moço tam nobre,
Chegou a hũa alta assomada,
Tudo lhe pareceo nada
Quanto se dalli descobre.

13

Hum Conde que inda alumia
assi morto o Reyno, é a lingua
Outro depois de alta vez
Tinham sua conta chea
No tempo da nossa mingua.

14

Ao menos para esforçar
Os engenhos que atras vem,
Que soe a terra de os dar,
O vão he mao d'acertar
Senão no mostrar alguem.

15

Pollo que a este abrigo
Onde me acolhi cansado,
E mais inda com perigo
E aquellas letras que sigo,
Deuo que nunca me enfado.

16

Deuo à muito minha amada
E sò rica liberdade,
Que tiue aos dados jugada,
Aqui sómente he mandada
Da rezão, & da verdade.

17

Nas cortes não pode ser
Os tempos vedes que correm
Vedes que a todo correr
Vão muitos atè morrer
Por fugirem donde morrem.

18

Era pèr peito à corrente
Que sejais forçoso, & sam,
E de sangue inda feruente,
Crão nadador, claramente,
He quebrar brvços em vam.

19

Cansar, é sonhar priuanças,

Dar

Dar de golpe â liberdade
Rica por vãs esperanças,
Esses jogos, essas danças
Passão com a mocidade.

20

Ando alimpando a pousada
Lembrame quẽ diz que está
Ante a porta, bate, è brada,
Se a sentir despejada,
Por ventura que entrarâ.

21

Olhay as Aues do âr
Almas a quẽ nunca esquece
Este auer, este ajuntar
Vedellas ledas cantar
Dizeime que lhes falleçe?

22

Fracos de fé, de fraqueza,
Vem estes vossos suores,
Estes medos â pobreza,
Olhay como a natureza
Veste ricamente as flores.

23

Andando nestes enleos
Em quantos erros cahimos,
Sem conto, sem fim, sem meos
Dormimos sonos alheos,
Os nossos nã nos dormimos.

24

Queremos o que outrẽ quer,
O que nam quer engeitamos
Estamos somente a ver,
Rimos o alheo prazer,
E inda quando choramos.

25

Como de casa sahia,
Sempre de seus olhos agua
A Eraclito corria,
Pello que ouuia, & que via
Que de tudo tinha magoa.

26

Em fim vendo o pouo incerto
A pressa que a errar leuaua
Nam sofreo tal desconcerto,
Fugio para o campo aberto
Liure sem muro, e sem caua.

27

Anaxagoras que vião
Ter cos pouoados guerra,
Seus cidadões reprendião,
Porq̃ a hũ tal homẽ não vião
Lembranças da sua terra.

28

Da para quem eu naſci
Tenho grande, reſpondeo,
Nam me julgueis por daqui,
E dizendolhes aſsi
Moſtraua co dedo o Ceo.

29

Sam Hieronymo alumiado
Daquella diuina luz,
Paſſaua a vida apartado,
Das letras acompanhado
Que nos conſagram a Cruz.

30

Aquelle peito ſeguro,
A quẽ todo o mundo he riſo
As torres altas, & ao muro,
Carcer lhe chamaua eſcuro
E àquelle hermo hũ parayſo.

31

Da noſſa tam rica herança
Cegos que rezam daremos,
Como nos nam faz lẽbrança,
Hũa tam certa ordenança
Do Sol, & do Ceo que vemos.

32

Elle poſto, a noite traz
Conſigo tantas eſtrellas,
Com que fermoſa ſe faz,
Qual deſcuido pode em paz
Alçar os olhos a vellas?

33

Nam ſe gaſte mais pauio,
Apos noſſa alma eſquecida,
Lançada do ſenhoria,
Tornemos atras ao fio
Deſta a que chamamos vida.

34

Ponhamonos em rezam
Couſa he que verà hũ cego,
Queremos repouſo, ou nam
Queremos, todos diram
E ninguem buſca aſſoſſego.

35

Dizeyme, quando ſerâ
Que nos lẽbre, & q̃ nos doa,
Quão certa que a queda eſtâ
Seguindo a mentira má,
Deixando a verdade boa.

36

Que vejamos os que démos
Couſas ſem preço por preço,
Que lhe tam baixo puſemos,

A

A que estado nos decemos,
B de quem alto começo.

37

Entre os brutos animais,
Nam se ouuerão por seguros
Os homẽs racionais
Eram brauos, & eram mais
Fizerã as armas, é os muros.

38

Agora, porque vos conte
Quanto vi tudo he mudado,
Quando me acolhi ao monte,
Por meus vezinhos defronte,
Vi lobos no pouoado.

39

Hum Rato vsado â Cidade,
Tomou o a noite por fora,
(Quem foge â necessidade)
Lembroulhe à velha à misade
Doutro Rato que alli mora.

40

Faz hũ homẽ a conta errada
Muitas vezes, & acontece
Crescimento na jornada,
(Diz) é entrãdo na pousada
Cidadam logo parece.

41

O pobre assi salteado,
Dum tamanho cortesam,
Em busca dalgum bocado,
Vay, & vẽ sempre apressado
Sem tocar cos pés no chão.

42

Ordena a sua mezinha
Pos lhe nella algum legume,
Mesura quãdo hia, & vinha
Deulhe tudo quanto tinha
Pede perdam por custume.

43

Diz, quem tal adiuinhara
Contra o cortesam seuero,
Que tãto andara, é buscara,
Tè que algũa cousa achara,
A quẽ tanto deuo, è quero.

44

Cumpre porem nesta mesa
Que aja mais fome, q̃ gula,
Temlhe a fogueyrinha acesa,
Faz rostro ledo à despesa,
Vea o outro, & dissimula.

45

E dizendo està consigo,

Que gente a dentre penedos,
Quãto á de Pedro a Rodrigo?
Que bem diz o exẽplo antigo,
Que nã saõ iguais os dedos.

46

Ora depois de comer
Iazendo detras do lar,
Começa o nobre a dizer,
Dous dias que has de viuer
Aqui os queres passar?

47

Na aspereza do deserto
Que naõ sey quem o soporte,
De vrzes, & tojos cuberto,
Sendo tudo tão incerto,
Sendo só tam certa a morte.

48

Viue amigo a teu sabor,
Mais he que cousa perdida
Quem por si escolhe o pior,
Vayte comigo onde eu for,
Lá veras que cousa he vida.

49

E depois que ambas prouares
(q̃ eu doutrem nã adiuinho)
Quãdo te enganado achares
Aqui tẽs os teus manjares,
Hi tambem tẽs o caminho.

50

Assi disse, eis o vilão
Em aluoroço, & balanço,
Hia, & vinha o coração,
Ora si, & ora não,
Venceo porem esperança.

51

E que pode hi al fazer,
Viue com tanto suor,
E mal pode inda viuer,
Mal pode o anno vencer
Sempre a sayda he mayor.

52

E diz, quem nã se auentura
Nã o ganha, quẽ ha q̃ o negue
Escolherão ora segura,
Forão polla noite escura,
Guia o rico, o pobre segue.

53

Entrão por paços dourados,
Cheyrosos inda da cea,
Tristes dos casais colmados
Do Sol, do vento queimados,
Pobre, & faminta d'aldea.

Vou-

54

Veume por meu conto auante
Mostralhe o cidadam tudo,
q̃ tras no bucho hũ ffante,
Quem quereis q̃ nos espante
Anda o villamzinho mudo.

55

Que taõ sómente em prouar
dascousas q̃ mais lhe apraz ẽ
Ia começão de engeitar
Fartos pera arrebentar
En lans estrangeiras jazem.

56

Nisto o despenseiro chega,
Que estes bẽs não durão tãto
Ueos, mas apressa o cega,
Hũ tiro, ou dous mal ẽprega,
Correos de canto em canto.

57

Os cães â volta se erguerão,
Ladrão, que he alto serão,
As casas estremecerão
Todos juntos lá correrão,
Foy dita que os gatos não.

58

Sabia o de casa a manha,
Sabia o paço, & fogio
O ratinho da montanha,
Aos pés em preça tamanha
O coraçam lhe cahio.

59

Em fim passado o perigo
Da morte que ante si vira,
O coytado só consigo,
Pollo seu repouso antigo,
Que mal deixara sospira.

60

Minha segura pobreza
Se chegarey a ver quando
A vos torne, è esta riqueza,
Mal q̃ o mundo tanto preza
Fuja se puder voando.

61

Ay baldias esperanças
Meu entendimento fraco,
Deixemos tais abastanças,
Tais riquezas, tais mostrâças
Deos me torne ao meu buraco

FIM.

A IOAM RODRIGVEZ DE SA DE MENESES.

CARTA IIII.

1

Dos nossos Sás Coloneses
Gram tronco, nobre colũna,
Grosso ramo dos Meneses,
Em sangue, è bẽs de fortuna,
q̃ he tudo entre os Portugueses.
Mas vòs q̃ sempre vos ristes
Do pouo que nam vè mais,
Ricamente alma vestistes
O mais tendes por demais.

2

Aos grandes, aos valerosos
Passados de quem herdastes
Sobre nomes tam lustrosos
Desque nas armas pagastes
Não fostes dos ociosos.
Bem podereis descansar,
Que tempos foram de paz,
Podereis rir, & jugar
Como se na terra faz.

3

Mas entrastes noutra afrõta
Doutra nobre cede cego,
Desejastes de dar conta
Tambem de vosso assossego,
Como de Catam se conta.
As letras que nam achastes
Vos as metestes na terra,
A nobreza as ajuntastes
Cõ quẽ dãtes tinhão guerra.

4

Dizem dos nossos passados
Que os mais naõ sabiam ler,
Eram bons, eram ousados,
Eu nam gabo, o nam saber
Como algũs às graças dados
Caba muito os seus custumes
Doeme se ojenam sam tais,

Mas

Mas das letras, ou profumes
De quais veo o dano mais?

5

Destes mimos Indianos
Ey gram medo a Portugal,
q̃ venhão a fazerlhe os danos
Que Capua fez a Anibal
Vencedor de tantos annos.
A tempestade espantosa
De Trebia, de Trasimeno,
De Canas, Capua viçosa
Venceo em campo piqueno.

6

Dom Afonso d'Aragam
Rey nunca louuado assaz,
D'animo, & de coraçam
Trataua os liuros na paz
As armas na ocasiam.
Ouuindo d'um Rey, q̃ a mal
Tinha aos Reys, q̃ fossẽ lidos,
Dito he dixe de animal,
Nam de Rey dos escolhidos.

7

Hũ Marquez de grãde cõta
Por seu esforço, & saber
Para a paz, & para afronta,
A lança soya dizer
Cos liuros não se desfronta.
Este era a quẽ leão de Mena
Fez grande veneraçam
Quando ja tinha alta pena,
Bem aparada, inda nam.

8

Dous vencedores do mundo,
Cesar, & Alexãdre o grãde
Das letras foram tè o fundo
Em que fortuna nam mãde
Ponho aqui Bruto o segũdo,
E ponho os dous Scipiões
Fim (como dizem) fatal
De Carthago, é dous Catões,
Podera pór Anibal.

9

A fortaleza louuada
Anda ẽ braços co a prudẽcia
Irmaã sua muito amada,
Põena auante a experiencia,
Tudo sem saber he nada.
Por forças nos que podemos?
Isso que he do saber veo,
O bem todo está no meo,
O mal todo nos estremos.

10

Os Poetas tocão tudo,
Iaz porem mais alto o crauo
Olhando pollo meudo,
O seu grãde Achiles brauo
Ensinao Chyron sesudo.
Que lhe abrande aq̃lla sanha
Sua, natural, que he muita
Em hũa coua soterranha,
Canta o velho, o moço escuta.

11

Veados correm co vento
Igualmente, & dos leões,
Hum só tem força por cento
De nós, tem seus corações,
Nòs temos entendimento.
Por onde entre nos deuemos
Estimar aquelles sós,
Que na parte em q̃ vencemos
Nos vencem elles a nòs.

12

Quando daua homẽs a terra
O que jà tanto nam faz,
Da paz tratauão na guerra
Tambem da guerra na paz
Agora em tudo nos erra.
Que tirando algum abrigo
Muy raro, no mais de fraca,
Semeais, esperais trigo,
Nasce joyo, & erualhaca.

13

Diogenes em claro dia,
Hia buscando a candea,
O que ninguem o sabia
Em Athenas, em q̃ Aldea?
Indo, & vindo assi dezia.
Ouume por aqui buscando
Entre tantos homens hum,
Neste vão cansasso ando,
Inda não achey nenhum.

14

Deixemos queixas antigas
Quero vos dizer de mi,
Que destas vossas amigas
Digo as letras, pera o fim
Ajunto como as formigas.
Porque ninguẽ me lançasse
Como à cega rega, em rosto,
Em Dezembro que baylasse,
Pois que cantara em Agosto.

15

Perdido tudo no mar,

Sain-

Saindo o grão Zeno a nado,
Vendo a fazenda ondejar,
Assi disse despejado
Me mandão philosophar.
Ia vou sentindo algum fruto,
Cada ora espero que creça,
Andey fora, o vento muito
Fezme grão mal â cabeça.

16

Curame a philosophia
Que me promete saude,
Dame a mão, ella me guia,
Ouço fallar a virtude
Se a visse, sararmehia.
Diz Platã, q̃ he dos melhores
Que de só pór olhos nella,
Altos, & acesos amores
Sempre teria com ella.

17

Como digo, eu só d'ouuir
Ando como homẽ pasmado,
Desejoso de a seguir
Chorando tudo o passado
Temendo tudo o por vir.
Em toda a parte ha perigos
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto hũs maos imigos
De casa a q̃ muito temo

18

A minha guia, este ascento
De viuer assi cà fora,
Louua, & dame atreuimẽto
Dir auante ora por ora
Em que assi cego, & attento,
Sobre tudo os bõs Doutores
Sanctos, louuão tal tenção,
Para cuidar nos amores
Tão certos no galardão.

19

Quem tanta força tiuesse
Como cumpre à vida activa,
Que aos encontros se tiuesse,
Virtude era ella mais viua
De mais fruto, & interesse.
Por Raquel, que não por Lia
Sete, & sete annos serui,
Pode ser por ella hum dia,
Que inda veasse daqui.

20

E entre tantos conselheiros
Busco que andẽ às verdades,
Nestes liuros meus praceiros

Naõ nas praças das cidades
Amigos auenturereiros.
Amigos de louuaminhas
Como grimpa ao vẽto o peito,
Fazem como as Andorinhas
Vam, & vam com tẽpo feito.

21

Sophistas me sam defesos
Com seus enganos, é scismas,
Eylos soltos, eylos presos
De fè, que naõ de sophismas,
Quer Deos os peitos aceſos.
Que nas agoas encharcadas,
Hi se ajuntam como rans,
Fazem grandes matinadas,
Tudo sam palauras vans.

22

As Musas me nam defendẽ
Deixemos as demasias,
Que a todo o saõ peito ofendẽ
Mandam rir de cousas frias
De algũs q̃ agudezas vendẽ
Entendimentos diuersos
Com q̃ artes nos encantam,
Psalmos q̃ sam senaõ versos,
E os Hymnos que a Deos se (cantam.

23

Aquelles cantares finos,
A quem Liricos dixeram,
Os Gregos, & os Latinos,
Dizeyme donde os ouueram,
Senam dos liuros diuinos?
Quantos que delles ao seu
Trouxeram as aguas à mão
Regou Pindaro, & Alceu,
Regou seus campos Platam.

24

Mas o q̃ eu por ora aprendo
He ler liuros, de giolhos,
Diuinos, que mal entendo,
Mas foſsẽ dignos meus olhos
De cegar sobr'elles lendo.
Que de seus misterios altos
Assi lubrigando vejo,
Que naõ sou pera tais saltos
Porem soſpiro, & desejo.

25

Era em grande differença,
Se casaria, senam,
Ouue de sayr sentença
Que a só hũa o coraçam
Desse, è desse âs mauliẽça.

Isto dito, Amor mais raro
Deu sinais como era alli
Outro som do Coldre, claro
Outro dez frechas ouui.

29

Amor q̃ estas sempre auindo
cõ Deos q̃ he a pura verdade
Sejas por sempre bem vindo,
Ao entregar da vontade,
q̃ entrego ente aqui sentindo
Poem do teu fogo a esta casa,
Faze quanto nella ha, teu
Que Deos he fogo que abrasa
Sey o de hum priuado seu.

F I M.

A PERO CARVALHO.

CARTA V.

1

NO lugar onde me vistes
D'agoa, é do mõte apertado,
E d'outras paixões q̃ ouuistes
Tenho mais dias contado
De ledos, que nam de tristes.

2

Isto que ora ouuis de mi
Olhay se ouuis là d'alguem,
Buscay, preguntay sem fim
No desejado Almeirim,
Na farto de Santarem.

3

Que atençam todos tomastes
A terra que me criou
De quem tanto praguejastes
Porque, porque vos fiou
Da peste com q̃ hi chegastes?

4

Fostes mal agasalhados?
Nã certo, q̃ até as fazendas
Vos dauão paruos honrados,
Pois porq̃? porq̃ os priuados
Tinheis longe vossas rendas.

Ho-

5

Homẽs q̃ sẽpre aos proueitos
E a vosso interesse andais
Vestidos de falsos peitos,
Quão pouco q̃ nos lembrais
Dos saõs, dos comũs respeitos

6

Por esta causa se vee
Differença nos conselhos,
E chega inda o mal até
Desaereditar nos velhos
A saã prudencia, & a fé.

7

O que eu por parcialidade,
Nem outro respeito digo
Da antigua, é nobre Cidade,
Sou natural, sou amigo
Sou porem mais da verdade.

8

Como vos partistes dahi
Logo abrigados achey,
Onde me desencolhi
Seguramente dormi,
Seguramente valey.

9

Cidade rica do sancto
Corpo do seu Rey primeiro,
Que inda vimos com espanto
A tampouco tempo inteiro
Dos annos que podem tanto.

10

Rey, a quem se Deos mostrou
Rey que tantos Reys venceo,
Rey, q̃ taes Reys nos deixou,
O bom filho hi se lançou,
Que até Seuilha correo.

11

Outro Rey nosso sem mal,
Que lhe empeceo a bondade
O quarto de Portugal,
Qual teue elle outra Cidade,
Que lhe fosse tam leal.

12

Qual a sua fé saluou,
Por tanto perigo, & medo,
Qual outra tanto esperou,
Qual outra as chaues mãdou
Ao Rey ja morto em Toledo.

13

Mas tornando ao abrigado
Onde me furtey aos ventos
Hi depois de mi tornado,

Que

Que vir, que esmorecimentos
Do tempo tam mal gastado.

14

E o fogo que se ora ascende
A presteza das mudanças
Mal que tão longe se estende
As vidas curtas deffende
Tomar longas esperanças.

15

Giges na sua abastança
Que de toda a parte ajunta,
Inchado em tanta bonança,
Apolo hum dia pergunta
Polla bemauenturança.

16

Tal fumo Apolo entendendo
Iulgou por melhor estado
O de Glao, que pastor sendo
Se hia cantando, & tangendo
Olho sòmente ao seu gado.

17

O ricos que esta riqueza
Està no contentamento,
Mais tẽ quẽ mais a despreza
Não foge o rico auarento
Por mais que fuja à pobreza.

18

Onde mais pode caber
Sinal he de lugar vão,
Que se pode ainda encher,
Os coraçõẽs hão de ser
Ricos, que os cofres não.

19

Por faminto que venhais
Morto com sede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Vay muita agoa pollo rio
O monte dà que comais.

20

Quem appetites dà crença
Hũa mão toma, outra pede,
Nunca espereis que se vença,
Sinal de hũa mâ doença,
Quãto mais agoa, mais sede.

21

Tem cobiça a boca aberta
Isto que te assi parece,
E tras q̃ andas tão á lerta,
Luz de fora, & resplandece,
Dentro não ha cousa certa.

22

O juyzo, & a rezão ata,

Tudo

Tudo deixa escuro, é em erro
As leys de Deos desacata
Do tã mole ouro, & da prata
Fez duras prisões de ferro.

23

Esta entrada em nossos peitos
Fez nelles estragos tais,
Que hermos ficão, é desfeitos
Abertos por mil portais
A todo vento sogeitos.

24

Que nam fará? pois trocar
Nos fez a paz polla guerra,
Fez hũs aos outros matar,
Passou de viuenda ao mar
Homẽs naturais da terra.

25

Escrauos, mais q̃ os escrauos
Por rezam, & por justiça,
Deixaynos de tantos gabos,
Que nos vendeo a cobiça,
a mar brauo, é a vẽtos brauos

26

Espritos vindos do Ceo
Postos aos lanços na praça,
Com que nadas vos venceo,
Porque nadas vos vendeo,
Melhor fora antes de graça.

27

Metais de tam baixa liga,
Que nos na terra escondera,
Natureza, mãy, & amiga,
Entre nos, & elles puera,
Tanto trabalho, & fadiga.

28

Seruio de mór appetito,
(Differã fortuna, é enueja)
Em fim seu feito, seu dito,
Pera al criado o sprito,
Isto só sonha, & deseja.

29

E porem que sam? engano,
Que mais hũa mãy fizera,
Afastauanos o dano
Aos filhos que a vida dera,
A ceſa de amor humano.

30

Mas que pode aproueitar,
Se lhe fazemos tal guerra,
(o contino trasfegar,
Ora reuoluendo o mar,
Ora reuoluendo a terra.

Nas

31

Nas Minas altas que digo
Reuolta a terra té o centro,
Que faz o homem enemigo
De seu repouso lâ dentro
Com tal trabalho, & perigo?

32

Debaixo da terra fria
Ajà vergonha arezam,
Ajà alma que mais deuia,
Que deixando atras o dia
Polla noite auante vam.

33

Nã tẽ termo homẽs ousando
De seu siso em desemparo,
Tudo forão apalpando,
Té pollo ar solto, & raro
Ouue quem fosse voando.

34

Gente que não teme nada
Cos medos se desafia,
Por mares sem fundo nada
Passou a Zona torrada,
Anda por passar a fria.

35

Não he pera tanto a vida
Quanto milhor escolheo
Quẽ na dorna ao Sol voluida
Viueo mais rico, & morreo,
q̃ Crasso, q̃ Cresso, & Mida.

36

Fugingo Crates ao ouro
Mais q̃ hũ couarde do ferro
E às cousas de mao agouro,
Lãçou ao mar grã thesouro,
Quẽ farà agora tal erro?

37

Por força a Cidade auida,
Respondeo ao enemigo,
Bias, a quem fica a vida,
Tudo o meu leuo comigo
Deixo a fortuna corrida.

38

Aos d'Esparta naturais,
Responde Apolo a seu rogo,
Se a liberdade estimais,
Velayuos daste ouro mais,
Que do ferro, nem do fogo.

39

Do grande Epiteto o nobre
Espirito, o só liure, & franco
Num corpo coytado, è pobre,

Es-

Escrauo,& ainda manco,
Quãta de riqueza encobre?

40

Da sua fraca casinha
Ledo sae,ledo a ella torna,
O mesmo que hia,esse vinha,
Casa que porta não tinha,
Que mais mõtaua q̃ dorna?

41

Iesu Christo busca obreiros,
Não nos quer despedaçados,
Quer os seus de todo inteiros
Dos coraçõ̃es alugados,
Poucos sam os verdadeiros.

42

Gente de vontade dura
(Diz elle) que não andais?
Em quãto esta luz vos dura,
Não vos tome a noite escura
Antes que vos acolhais.

43

Não seria eu isto vendo
De juyzo,& rezão saã,
Andar mais dias perdendo,
Comecey ante menhã,
Não sey que andaua fazẽdo.

44

Hiame enjoado assi
Ao sõ por onde os mais andã
Olhe bem cada hum por si,
Que estes bens falsos daqui,
Senã saõ mandados mandã.

45

Os desejos sam sem termo,
A esperança he saborosa,
Eu contenteyme deste hermo
Pella rezão que a Raposa
Deu ao Leão q̃ era enfermo.

46

Meu Rey meu senhor Leão
Olho cà,& olho là,
Vejo pegadas no chão
Que todas para là vão,
Nenhũa vem pera cà.

47

Essa Cyrces feiticeira
Da corte tudo tresanda,
Deste faz Onça ligeira,
Lobo outro,q̃ a carniça ãda
Outro cão q̃ a caça cheira.

48

Algũs Papagayos vam,

Ou-

Outro vso direito em pé
Cada hum de sua feiçaõ,
Outro gatinho hermitaõ
Destes que vem de Guiné.

49

Cantam ao passar Sereas
Que fazem adormecer,
Correndo todas as veas,
De tal sono as deixaõ cheas,
Que senaõ pode homẽ erguer.

50

Vou co pensamento, & venho
E ao meu medo deuo muito,
Porquem liure me sostenho,
Pello que vi, & que escuyto
Nisso, que tenho, assas tenho.

51

Do com q̃eu folgo, outros rim
Cada hum terà sua escusa:
Ia vos dey muitas por mim,
Estas cousas sam, em fim,
Como dellas homem vsa.

52

Sejaõ rezões poderosas,
Olhay, que o ferro se deu
Para cousas proueitosas,
Depois este meu, & teu
Fez delle as armas danosas.

53

O fogo, que nos foy dado
As tantas necessidades,
Que ser naõ pode apressado,
Fará, & fez no passado
Em pó ja muitas cidades.

54

D'este engenho, que diremos?
De q̃ nos tais gabos damos
Com q̃ tudo acometemos?
Quantas vezes delle vsamos
Mal, é como nam deuemos.

55

Dom do ceo nosso especial:
E veyo a ser todauia
Este homem racional,
Tam agudo no seu mal,
Como ontem n'artelheria.

56

A fins taõ desordenados
Que remedios se offerecem?
Diz S. Paulo, homẽs errados
Se os odios entre vos crecem,
Comer vos eis aos bocados.

57

O nome da ociosidade
Soa mal, mas se ella saã
Bem occupada, he bondade,
Socrates da liberdade
Lhe chamaua sempre irmã.

58

Douvos Enio por author,
Quem não sabe vsar do ocio
Cansa, & anda derredor,
Vem a ter mayor negocio,
Que hum grãde negociador.

59

Porque este sabe apos q̃ anda
Aquelle assi nam se entende
Quanto anda, tanto desanda
Não se obedece, nem manda.
Ora se apaga, era ascende.

60

Vello ir, vello tornar,
Vello cansar, & gemer,
E em busca de si andar,
Cobrar a còr, & perder,
Que senão pode topar.

61

Mas eu porque passa assi,
Que seja muito, direy,
Dias ha que me escondi
Co que li, co que escriui
Inda me não enfadey.

FIM.

A DOM FERNANDO DE MENESES.

CARTA VI.

GVadalquibir arriba a rica praya
Vistes tam perigosa, & as marauilhas
De que constais, que ouuindo homem desmaya

Vistes

Vistes armadas tantas armadilhas
Aos olhos, & entre outros entremeses
Pescar com redes douro das Antilhas.
Senhor meu Dom Fernando de Meneses,
Vi Roma, vi Veneza, vi Milão,
Em tempo d' Espanhoes, & de Franceses.
Os jardins de Valença d' Aragão,
Onde Amor viue, & reyna, onde florece,
Por onde tantas embuçadas vão.
Mas isso assi, direy que mais parece
As couas de Seuilha soterranhas,
Onde a vida em prazer desaparece.
Quem nam dirà tambem que sam patranhas
As cousas que alli vistes ser verdade,
Sabeis de que lhe vem, de ser tamanhas.
Espreita onde vé a rica ociosidade
Amor, a seus prazeres solta, & avã
Desenfreada prodigalidade.
Imiga das leys sanctas, & da saã,
E boa temperança, & vida pura
Dessoutra vida Seuilhana irmaã.
Aquelles sam seus parques, hi assegura
Os seus estados grandes âs suas cortes,
Alli he gram senhor, dura o que dura.
Por ahi passea, & vay a seus deportes,
Viue alli Salamandra no seu fogo,

Que a elle a vida dâ, & aos seus mil mortes.
De quem se elle apodera, entrando logo
A liberdade foge, & nunca mais,
Em quanto o hi sente torna a risa, ou jogo.
Mas tornemos âs nouas que me dais
Das senhoras, das casas, & das sedas,
Pedraria, que cega os auençais.
Para onde correm todas as moedas,
As douro poderoso, & prata fina,
Em ricas praças ricas almoedas.
Quem se alli chega aos lanços, desatina,
A primeira auentura, he a do siso,
Que logo perde, tudo à banda inclina.
Alli o saber, alli o brando auiso,
As boas partes todas quantas sam,
Nobreza, & parecer he tudo hum riso.
Vendendo ellas o seu sempre em pregam,
Cousas q̃ em tendas se acham por hũ nada,
Regateiras crueis, por quanto as dam?
Que cegueira esta he ja tam costumada,
Em todo tempo, em toda ley, & idade,
Quem mais leua na bolsa, esse arrecada.
Não fallemos naquella infirmidade
De seus validos, que he como se acerta,
Por appetites só, por liuiandade.
Que nam se pode dar hi regra certa,

Senão

Senão que assi lhe apraz a quem se obriga,
Que dos mais he cada hum como se offerta.
Quem dirâ ora? que nisto a gente antiga,
Que tanto vio, vio pouco, do custume
Cega, & desta bayxa humana liga.
Entrando o tempo mais, entrou mais lume
Suspirouse melhor, veo outra gente
De que o Petrarcha fez tam rico ordume.
Eu digo os Proençaes, que inda se sente
O som dos brandos versos, que entoaram
As suas Musas brandas, brandamente.
Despois, ah que vergonha, em fim tornaram
A cayr muitos neste amor vicioso,
O fino, os peitos finos o saluaram.
Escreuem, que hum Philosopho famoso
Tentado dessa Lays, por quem se chama
O porto de Corinto perigoso.
Dessa a quem todos ver vinham por fama
De sua fermosura, ficou tal
Que vencedor tornou, vencida a dama.
E mais quando o perdam era gèral
A todos neste caso, tanto a vsança
A dar culpa, & desculpa pode, & val.
Porem de hũa tamanha confiança
De si, de tal constancia, em tais amores,
De hum só seja aqui dito em abastança.

Enxamea este mundo, & dá das flores
Como lhe apraz à grande natureza
Dos sãctos nã me meto em seus louuores.
Que nam se atreue a tanto esta rudeza,
Do baixo estillo meu, da fraca vea,
Que entẽdo, & nã me engana sua pobreza.
Ora estais já na corte onde se atea
Para vós outra fragoa, outra contenda,
Outra prisão mais nobre, outra cadea.
Onde, nem tudo leua a grande renda,
Nem a negociação, que isso seria
Tirar poder ao Amor, dallo à fazenda.
Amor he senhor grande, & nam se guia
Por interesses vijs, dar, & tomar,
E seu trato nam he de mercancia.
Amor he hum bem que corre sem parar,
Que não sabe pór nodoas de sospeitas
Na fé, nam inquirir, nem duuidar.
Nam ergue ao âr figuras contrafeitas
Como vemos as tardes nuuẽs raras
Em pouco espaço feitas, & desfeitas.
Nam tem contra si nais, tem Almenaras,
Nam manda escuitas fora, ahi he paz boa,
Correm das fontes claras, aguas claras.
Quam longe do outro cego que ao âr voa,
Tudo desassossegos, & quexumes,

Cuidais que his vento a popa, his vento a proa.
Tudo desconfianças, & ceumes,
Huns nadas que porem fendem dagudo,
Reyna no pouo, & segue os seus custumes.
Este tudo he fallar, o outro he mudo,
Ou canse os corações que ouuidos tem,
Mais certos, & outros olhos que vem tudo.
Que os peitos passam, da banda dalem
Como o Sol dando faz nũa vidraça,
Os claros corações claro se vem.
Verdade he que estes tempos nam dâ graça
Essa que dar soya no passado
Que sayr nam no deixa tanto à praça.
Temese d'hum enemigo apoderado
Da rezam, que sò sonha India, & Brasil,
Tè que cada hum de là torne dourado.
Lançou nos a perder engenhos mil,
E mil, este interesse que aja mal,
Que tudo o mais fez vil, sendo elle vil.
Os Momos os serões de Portugal
Tam fallados no mundo onde sam idos,
E as graças temperadas de seu sal.
Dos motes o primor, & altos sentidos,
Os dutos auisados cortesãos,
Que dalles quem lhes dà sòmente ouuidos.
Mas deixemos ora ir queixumes vãos,

Assi foy sempre, assi sempre serâ,
Trocamse os tempos, fogem dantre as mãos.
Nam vedes quantas voltas que o Sol dà,
Ora aparece, ora desaparece,
Que debaixo do Ceo cá quedo estâ?
O que ontem muito aprouue, oje aborrece,
Dam volta as couſas todas a reueſes,
Num poço ſobe hum balde, & outro dece.
Mas (vós ò bom Dom Ioam, vós de Meneſes
Dom Manoel) que tais tempos lograſtes,
Chamaruos ey ditoſos muytas vezes.
Que com tanto louuor aqui cantaſtes,
E com tal voz, que ainda eu alcancey
Os derradeiros eccos que deixaſtes.
Depois de fora parte aqui eſcuitey,
E ouui cantares, foram elles tais
Que eu tambẽ traſportado os meus cantey.
Ora outra vez a vós ſenhor que andais
Naquella viua força deſſa idade
De que os amores ſe apoderam mais.
Nam me ſeja contado iſto a vaydade,
Mas eu nam vejo aqui couſa mundana,
Que tam pouco pareça â humanidade.
Quem cuydando terâ por obra humana
Hũa alma que tam firmemente eſcora,
Que o poder da fortuna nam na abana.

Alçaſe

Alçase o espirito, & vay de fos em fora
De todos os sentidos, só por si,
Ouue, & vee de que viue ora por ora.
De tudo quanto o mundo presa, ri,
Tudo lhe he (como dizem) neuoa, & vento,
Passouse a corpo alheo, & viue alli.
Buscou, & pos tam alto o fundamento
Que por cousa que veja, ou que aconteça
O mesmo he no prazer, que no tormento.
Hi se acaba o seu bem, onde começa,
Faz como Aguia aos filhos que os engeita,
Se a vista ao Sol d'algum vee que enfraqueça.
Assi toma aos cuidados conta estreita,
E aquelle que ser bom claro nam vee,
Nam he dos seus, a conta em nada he feita.
E assi só abraçado com sua fé
Sem querer nada mais hi se adormenta,
Que riqueza grandissima aquella he
Que hũa parte só viua, outra nam senta.

FIM.

A HVA SENHORA MVITO LIDA EM NOME DE Certo seruidor seu.

CARTA VII.

Cuidando em vòs senhora no alto engenho
Delicado saber, na tanta estima,
Não sey com que ousadia ante vòs venho.
Por dom da natureza, posta a cima
De tudo o que aqui vemos descuberto,
A que he tam necessaria a vossa lima.
Occasiões esperando, & algum acerto
(Que tudo he cheo d'acontecimentos)
Quantos males passey quam encuberto?
As esperanças foramse eos ventos
Dias ha se eu tiuera vista algũa,
Mas bem he que assi vam vãos pensamentos.
Senhora, quanto Sol, & quanta Lũa,
Em quanto eu cuido, & temo, se me vam
Viuendo triste sem vida nenhũa.
Cuidaua eu que valesse esta rezam
Com quem tanto ella val, val pouco em fim,
Nomes custosos, que remedio nam.
Comigo a braços a que estado vim?

Lidan-

Lidando noite, & dia, em fim quebrados
Huns me mostram ao dedo, outros se rim.
Sam fogos como os que vemos pintados,
Não chego a dizer mais, digo o que posso
Os dalma só sam os viuos, & os callados.
Não sey como não vistes este vosso
Espirito (em tanto tempo) onde assi val
Este nome de meu, & inda de nosso.
Nem como andais cuidando tanto em al,
Que não vistes esta alma em tantos dias,
Que a vòs só tem por bem seu principal,
E não se vos mostrou por tantas vias,
Tanta verdade, experiencia tanta,
Apurada em taes fogos, & agonias?
Essa vista que o mundo todo espanta,
Aquelle entendimento tam profundo
Quem o cega assi nisto, quem o encanta.
Hercules tam fallado pollo mundo
Que trabalhos venceo, porem a dura
Madrasta, não cansou tè verlhe o fundo.
Em fim vendoo no fogo, ja segura
Seus olhos farta, mas às immortaes
Honras que se lhe deuem, torna escura.
Iulgamse as cousas pollos seus sinais
Milhor que por palauras, que farey?
Tudo me lembra, & tudo por demais.

Tyrania

Tyrania cruel, aſpera ley,
Que aſsi quer o que quer, braua opiniam,
Abaſta, aſsi me apraz, aſsi mandey?
Tirando ſeu lugar ſempre à rezam,
Mas a culpa he d' Amor, q̃ enuolue tudo,
Deixay chamar os ſeus por elle em vam.
O duro, o brando, o ſem ſiſo, o ſeſudo,
O velho com ſuas lagrimas piadoſas,
O moço aos ſobreſaltos branco, & mudo.
Amor tem cheo d'armas victorioſas
(Em padrões altos, tudo ao derreder
Pollas façanhas ſuas eſpantoſas.
Poderoſo, abſoluto, & sò ſenhor,
Os Deoſes tem os ſados ſobre ſi,
Liuremente o que quer sò pode Amor.
Os ſanctos juramentos, ora aſsi,
Ora aſsi feitos, paſſa em graça, & riſo
Tè d'alagoa ſubterranea ri.
Não ſe pode fallar eſtando em ſiſo
Nas grandezas d'Amor, cumpre que eſté
O entendimento, do corpo diuiſo.
O que ao baixo o liuel noſſo ſe vé,
Tudo tambem he baixo: eſtes ſentidos
Leuemente enganados, nam dão fé.
Os remos nagoa parecem torcidos,
Os olhos nos enlea hum jogo leue,

De mãos, & assi se enganão os ouuidos.
Bem sabeis vos senhora o que se escreue
De dous pintores nobres a porfia,
Em que cada hum vencer o outro se atreue.
Frutas pintou hum delles, que de dia
Vinhão as aues comer, outro d'hum veo
Pintado fez, que a sua obra escondia.
Vede quanto a arte pode? nam valeo
Alli vista, & saber, o veo de diante
Mandaua aleuantar o que perdeo.
Diz ledo o vencedor (foste bastante
A enganar a vez) que victoria a minha
Enganando vn pintor tam posto auante!
Aquelle leue Grego que hia, & vinha
Com tanta ligeireza, & tal feruor,
Que os pés voauão, & quedo o corpo tinha.
Quando cuidauão que auia de trasportar,
Inda desse lugar não se mouera,
De que esperaua premio apos louuor.
El Rey Agesilao que não pusera
Nisso cuidado, mais não disse então,
Que affirmar, que jogral lhe parecera.
Ora tornando atras, pouco mais sam
Os nossos olhos, que esses dos morcegos,
Pois que hũas cousas vẽ, & as outras não.
Seus thesouros, & seus ricos empregos

Alcançamse por sorte grande, & rara,
Iazem em muy profundos, & altos pegos.
Tanto ha que canso que me desempara
O mesmo tempo, as forças desfallecem,
Ay quanto custa hũa esperança cara.
Queixas a algũs de fora, isto parecem,
E quiçais que o serão, so alma o sente,
E estes olhos coytados que amolecem.
Entre tanto que cuida a leue gente
Desses que vemos tantos a milhares
Regidos só do caso, & do accidente.
Ondas, que aos ventos vão correndo os mares
Andabatas que ferem ás escuras,
E sem certeza dão por esses àres.
Estas serião as desauenturas
Que Heraclito chorauа em vida andando,
E Democrito ria, por locuras.
Com muitas outras, que fazem grão bando,
Posto que serão sempre as principais
As dos que assi se perdem, outrẽ buscãdo.
Meus desatinos, onde me leuais?
Vadiamente assi de monte em monte,
Ou (como dizem) por andorriais.
Tomastesme jazendo à minha fonte
O caminho não mingoa, antes mais crece,
Por muito que a rezão clara desconte.

E não

E não me basta o mal que me acontece,
Que he tão em dano meu, senão a vergonha
Que de mi, & que d'outrem me recrece.
Que sorte tão estranha de peçonha,
Andо em busca de mi, não sey por onde
Em quanto esta alma tresualia, & sonha.
Aqui sómente a vaã ecco responde,
Que parece tambem que anda ella em busca,
Não sey porque cauernas se me esconde.
Quando o mũdo esclarece, & quãdo embrusca,
Se eu sospiro, sospira, ah crueldade,
Tambem dirà por mi, este que busca;
Triste, que ja não ando apos piedade,
Sou em poder da dór, entendo o erro,
Entendo o dano, entendo a vaydade:
Sigo hũas sombras vãs, que nunca afferro,
De hũa só folha que atraueſſa tremo,
O tempo gasta as pedras, gasta o ferro,
Por mi já nada, por vôs tudo temo.

FIM.

A IOR.

A IORGE DE MONTE MAYOR, EM REPOSta de outra que lhe escreueo, que deue andar impressa nas suas Obras.

CARTA VIII.

MOnte Mayor, que a lo alto del Parnaso
Subiste, porque al nuestro Lusitano
Truxiesses dulces aguas de Pegaso.
Que harê? que al responder tembla la mano
Trabaje por escusa, si la hallara,
Buscando lo que no ay, cansase en vano.
No dissimularè la verdad clara,
Yendo a te responder atras boluia,
Viendo tu pluma quanto que me alçara.
Temia lo que aun temo, que diria,
El que oydos alçasse a la respuesta,
La tierra tan preñada que paria?
Soltose todo en risa, tanto cuesta
Esperar mucho, viendo por antojos,
Quanto a mi, quien me loa me amonesta.
Poniendome delante de los ojos

Como

Como en pintura lo que seguir deuo,
Y en traje de loores, son abrojos.
Forçado a responderte al fin me mueuo.
Hierro a sabiendas, vienen, van sudores,
La pluma agora, agora, el huelgo prueuo.
Si con Monte Mayor trato de amores,
Quando le alcançarè, và de corrida,
De laurel coronado, de yedra, y flores.
Y si tratar quisiesse de la vida,
Que solo es vida cierta, y tan segura,
La entrada es alta, ciega la salida.
O buen Mondego, que en la Estremadura
Nuestra, a Neptuno pagas el tributo
Deuido, como vuiste gran ventura.
Que al fin del mundo agora has dado vn fruto,
Que lo hinche de olor todo, y que leuanta
La niebla de la sierra, y el campo à enxuto.
Mientras tañendo vâ, mientras que el canta,
La su Marfida por los campos llanos,
Regados de tu agoa, a quien no espanta?
Por donde (vn tiempo fue) mil gritos vanos,
El mi Diego esparzio sin aluedrio,
Atado alli d' Amor de pies, y manos.
Con mejor suerte estotro, del tu rio
Passó los altos puertos, buelue lleno
De gloria al patrio nido suyo, y mio.

Aziendo como el ayre tan ſereno
De nueſtra Luſitania en lexas tierras,
Quede de boca en boca, ſeno en ſeno.
Fue Monte Mayor yà nombrado en guerras
Del Sancto Abad Don Iuan (cuentaſe aſsi)
Agora dexa atras aguas, y ſierras.
Quando Moros podian tanto aqui,
(Ah los muchos peccados de Chriſtianos)
Quedoſe el leal Monte en ſaluo alli.
Marſilio de gran nombre entre Paganos
Del Hebro a la ribera puſo ſilla,
Y a raya entre Carthago, y los Romanos.
Entraran Mahometanos por Caſtilla,
D' Amor, de Marte fiero vno auenturas,
Quien cré, quien no las cré ſe marauilla.
De tan eſcuros tiempos, tan eſcuras
Coſas, de viſta cuenta el buen Turpino,
A eſtraños cuentos orejas ſeguras.
El Hadado Roldan, Reynaldo Dino
Que le fuera fortuna mas cortes,
De ſu riqueza a vn tal Paladino.
Ruger del ingenioſo Ferrares
Tan alabado en tan ſabroſo eſtilo,
Aſtolpho auenturero, y vano Ingles.
Que dio la muerte al fabuloſo Orilo,
Violo el blanco Grifon, violo Aquilante

El negro, en la ribera allà del Nilo,
Dos guerreras, Marfisa, y Bradamante
En campo armadas espanto, y terror
Por enemigas hazes adelante.
Hasta tanto llegué por tu sabor,
Que está todo en Marfida, he te seruido,
Si mal, no deprendi las leys d' Amor.
Vezino àquel tu Monte do has nascido
Cogi el ayre de vida, y del Mondego
La clara, y tan sabrosa agua he beuido.
Assiento de las Musas, tras el ciego
Niño, que buela, perdi el tiempo andando
Uno de los sus locos, no lo niego.
Y aqui parado estando agora, quando
Contemplo las pisadas, que atras dexo
Cierto que entiendo mal, si ando, o desando.
Y en tal sazon quiçà d' Amor me quexo
Si viste algunos de los mis renglones,
Triste Andres, triste Diego, y triste Alexo.
Que haremos a estos nuestros coraçones,
Que hurtandose de nós quãdo ellos quieren,
Acogiendose van a sus prisiones.
Bien vees, que estos sentidos en nós mueren,
Biuen en otra parte, y alli passados,
De allà nos llaman siempre, y nos requierèn.
Y mas con que blandura? amenazados

Como á esclauos que huyerã, noche, y dia,
Duras leyes, duros fuegos, duros hados.
Hasta el mal que passó, aun desafi-
La vida, y con desseos de presencia
Se buelue a cobdiciar lo que dolia.
El nuestro Andrade vi muerto de ausencia,
Espritu tan gentil, tan mal tratado,
En tan terrible mal tanta paciencia.
Nascido para amar, y ser amado:
Mas es Amor cruel naturalmente-,
Tan contrario del nõbre que le han dado.
O ciegos, que razon sufre, y consiente-,
Que lo que os aquexaua alla cada ora,
Aca con su desseo os atormente-.
Quien no sabe que aquel que Amor adora,
Y que mas vientos beue por sus cosas,
Por vna vez seri, quantas que llora.
Que muestras son las suyas tan lustrosas,
Que lexos de pintura tan diuinos,
Que aguas que d'alto caen tan hermosas.
Que soledades de los altos pinos,
Que en el monte Menalio a las estrellas
(Licencia ayan palabras) son vezinos.
Que los cantares, antes las querellas
De sus pastores oyen, y en tal parte-
Parece que responden al fin dellas.

Demos

Demos buelta al Archero, que reparte
Tan mal sus flechas, vanle acompañar
Por la razon, que ende ay, Venus, y Marte.
Con que palabras te podrè rogar,
(Y sea con perdon de quien te llama)
Que tan presto nos no quieras dexar.
Marfida el fuego tuyo, y dulce llama
Aura por bien de ser aca cantada,
Do no vino en persona, venga en fama.
Bien sabe que la muerte fiera ayrada,
Quanto nasce amenaza, y no perdona,
Que a todo lo que biue buelue en nada.
Tu solo enterneciste esta Leona
Con los cantares de tu ingenio raro,
Con el fauor del hijo de Latona.
Lleuanta tus sentidos al amparo
Tan alto, y tan seguro, como tienes,
De la Princesa nuestra vn Sol tan claro.
No seas como muchos, que sus bienes
Bien no conocen, mira que acontece
A pocos lo que a ti, si bien te auienes.
Con la suerte, que vuiste, que esclarece
Por la casa real en todo estado
Do por costumbre antigua embidia crece.
Mas las Musas al fin tendran cuidado
De su Poeta, pues le quieren tanto,

Como a quien de años tiernos han criado.
Al son de sus vihuelas de su canto
Entonandolo siempre de que es prueua
Mouer el quando canta a gozo, y a llanto.
Destos muy cuerdos no me es cosa nueua
Que esten burlando esclauos del prouecho,
A do parece, o que arda el Cielo, o llueua.
Esforçandose siempre, o con derecho
O sin derecho (aqui poned el tino)
Inchamos esta casa hasta su techo.
El oro blando a todo abre camino,
Mas que hierro, y solo es dicho, auer
Nadie inquiere despues de donde vino.
Las buenas Musas bastales tener
Lo necessario, para que es afan
Vano, si en fin tan poco es menester.
No vees los dias con que priessa van,
Unos tras otros, pocos son los ledos,
Que piensas todos juntos que seran?
Humos, y vientos, que nunca estan quedos
Esse poco de vida, y breue instante
Lleno de sobresaltos, y de miedos.
Otra vida a Beatriz ha dado el Dante
A Laura hizo el Petrarcha tan famosa
Que suena deste mar al de Leuante.
Bocacio alçô Fiameta en verso, y prosa

De Pystoya, el buen Cyno a su Seluaja,
Ah buenos años, buena edad dichosa.
Parece que este mundo haze ventaja
En tiempos a si mismo, otros se esfria
De toda parte, como que se coaja.
A ti las diosas de la Poesia,
Y a tu Marfida, haran ser immortales,
Que nunca le anochesca a vuestro dia.
En quanto al cuerpo destos animales,
Que llamã brutos, mucho atras quedamos
Mas que en sentidos no nos son yguales,
Hemos de confessar, que no queramos.

FIM.

AO DOVTOR ANTONIO FERREIRA EM Reposta doutra sua, q̃ anda impressa co as suas obras.

ELEGIA.

ESta branda Elegia, esta tam vossa,
Quero dizer de tanto preço, & tal,
Que vay fugindo ant'ella a neuoa grossa.
Bem vejo que era empresa principal
Esta a que vinha, mas a dor rezente

Tempo esperaua, cura mais géral.
Quanto que aquella vea assi corrente
Se deue àquelle engenho prompto, & raro
Que assi sente, assi diz tudo o que sente.
E mais em tal sazão tempo tão auaro
De louuores alheos em tal danno
Dos engenhos que se achão sem emparo.
Vem hum dando â cabeça, & conta vfano
Cousas do seu bom tẽpo, ardẽdo em chamas
Pollas que fez, todo al lhe he claro engano.
Andão se às rezões frias pollas ramas,
Hum vilancete brando, ou seja hum chiste
Letras ás inuenções, motes âs damas.
Hũa pregunta escura, hũa Esparsa triste,
Tudo bom, quem lho nega? mas porque
Se alguem descobre mais, se lhe resiste?
E como? esta era a ajuda? esta a merce
(Deixemos as merces) este o bom roſto?
Que menos custa, em fim que este tal he?
E logo aqui tão perto com que goſto
De todos, Boscão, Lasso, erguerão bando:
Fizerão dia, jâ quasi Sol poſto.
Ah, que não tornão mais, vamse cantando
De valle em valle, em âr mais lumioſo,
E por outras ribeiras passeando.
Tornemos ao desastre a nòs choroſo,

Fur-

Furtando me hia à dór, que inda ameaça,
Como hum parto ao fogir mais perigoso.
Não ouso inda a fallar tanto de pressa,
Fallo com vosco como em puridade,
Incerto do que diga, & do que faça.
Quando mandey meu filho em tal idade
A morrer polla Fê (se assi cumprisse)
Que esta era a verdadeira sua verdade.
Tu vâs pello caminho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste à tua conta
Sem perigos, quem se acha que sobisse?
De tempo que assi foge, que te monta
Vinte, ou trinta annos mais q̃ montão cento?
Ergueo a vista a mi alegre, & prompta.
Suspirando por ser lâ n'hum momento
Se ser pudesse tão depressa os fados
Corriam (nomes vãos sem fundamento)
Então o encarreguei destes cuidados,
Deos, & logo honra, logo o capitam,
Quão de pressa a cũprir foy tais mandados.
Parece que os leuou no coraçam,
Nam soltos por de fora nos ouuidos
Como outros fazem, que perdendo os vam.
Tinha do corpo espertos os sentidos,
Os dalma muito mais mais limpa, & pura,
Jagora os bons desejos sam cumpridos.

Vio onde a deixaria em paz segura,
Depressa â occasião arremeteo,
Não quis esperar mais outra ventura.
No dia do começo a ceuta encheo,
Seguro vio a morte, espanto antigo,
Nós sonhamos aqui: tu vaste ao Ceo.
Ditoso aquelle mestre Dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louuou
O filho, & deu ao corpo em morte abrigo.
Era ella conta ygual, que quem entrou
Primeiro à vida, fosse se primeiro,
Eu sou quem deuera ir, quem nos trocou?
Cordeiro ante o throno alto do Cordeiro,
Lauado iras no teu sangue sem magoa,
O quem como era pay, fora parceiro.
(Diz Paulo) da Fé nossa ardente fragoa,
Que para o filho o pay faça thesouro,
Parece natural hum correr dagoa.
Nam assi aqui perto abaixa o Douro
Ao contrario, no mar se lança escuro.
Mondego, & Tejo das areas douro.
Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes, que outrem dizer, vim, vi, venci,
Cerrãdo, & abrindo a mão, posto em seguro.
Nam se vejam mais lagrimas aqu,
Saluo se por nòs forem, que em taes treuas

Em

Em tam cega prisam deixaste assi.
Vayte embora, que ja nam tẽs que deuas
Temer, là tudo he paz, tudo assossego,
A quem leua o seguro que tu leuas.
Ditoso, que nam viste de dór cego
Por senhor hum imigo de tua ley,
Que a tanta presa fora injusto emprego.
Quantas graças, meu Deos, quantas te dey:
Sabendo d'alma que era liure, & viua:
Sem ella ao corpo de que temerey?
Sabia aquella condiçam sua altiua
(Nesta só parte, no mais brauda, è humana)
Que era para morrer, nam ser captiua.
O sepulchro com quem s'a vista engana,
He leuissima perda, que tambem
He lodo, he terra, he pó, terra Africana.
Que tam estreito mar entre si tem
Abila, & Calpe, foy tempo, hum só mente,
Dous agora, hum daquem, outro dalem.
Nos quais duas columnas pos defronte
Hercules, que alli entrada ao grão mar deu,
Falece antes quem crea, que quem conte.
Os Gregos no que escreuem poem do seu
As vezes muito, & dizem que chamadas
Là forão, as columnas de Briareu.
Acabemos nas bemauenturadas

Almas ſobidas para ſempre â luz
Onde rindoſe eſtão dos noſſos nadas.
Hum ſó que em ſangue aberta traz a Cruz
Branca por armas deu Deos à Cidade
Milagre, que em ſinaes claros reluz.
Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, Mouros a milhares,
Mor de enueja as ſuas mãos, riſe a verdade.
Pera as feſtas diuinas, que lugares
Tão claros hi ganhaſtes pollas lanças,
Ledos correndo a tanta gloria a pares,
Sem fim, ſem ſobreſaltos, ſem mudanças.

FIM.

A MORTE DO PRINCIPE DOM IOAM, Filho del Rey Dom Ioam o Terceiro.

ELEGIA.

O Principe Dom Ioão de Portugal
He morto, ouçao a grande natureza
Que nolo dera em moſtras d'immortal.

Como

Como pode cayr tanta grandeza?
Como poderam os peccados tanto,
Que alcança a perda a toda a redondeza.
Eu digo os nossos, que no peito santo
Nunca peccado entrou, nunca entrou erro,
Bem se vè da sua gloria, & nosso pranto.
Nesta terra jà nam, antes desterro,
Day lagrimas sem fim ao mal infindo,
Idade pouco há douro, oje de ferro.
Que mais vos pede a tea, que em se vrdindo
Cortada foy, debuxo, & obra tam prima
N'hum só momento tudo â terra he vindo.
Ah, que das cousas de tamanha estima
Não somos dignos, mostramse sómente
Para sobir por ellas ao de cima.
Seus olhos aleuanta entam â gente
Ao ceo co aquelle espanto ergue o sentido,
E cuida no por vir, deixa o presente.
Aquelle real corpo bem nascido,
Entendimento muito mais que humano
Subitamente desaparecido.
O grande, & rico Reyno Lusitano,
Em tam pequeno espaço oje tam pobre,
Para que foy tal bem, para tal dano?
Vãmente os olhos buscão aquella nobre,
Aquella sò real mostra em verdade,

Que

Que escurissima nuuem no la encobre.
Tudo he cheo de dòr, & de saudade,
Tudo de confusam, tudo he patranha.
E tudo o que cà vemos he vaydade.
A nossa grande, & rica sorte estranha,
Tal enueja te fez o fado duro?
Nossa não só, mas de toda esta Espanha.
A quem contra infieis fora alto muro,
Ora enuoluamse as fontes, & agoas claras,
Seja na terra tudo triste, & escuro.
Que longes tão formosos, que almenaras
Mostrauas, mais cruel quando assi ofendes
Menos mal se de longe ameaçaras.
Quando prometes mais, mais te arrependes
Contra nòs manha, & força exercitaste,
Quando serà cruel que no lo emendes?
Cruel fado por certo, que mudaste
Hũa tal claridade em noite escura,
Porque contra nòs tanto, te assanhaste.
Aquella mais perfeita criatura,
Que nunca entre nos ouue; ah graue dòr,
Metestea em hũa negra sepultura.
O que victoria a tua, ò que valor
Contra hũ corpo tão tenro, & tenros annos
Inda pediste ajuda ao cego Amor?
O mundo tudo vento, & tudo enganos,

Que

Què de aquelles triumphos, què das festas,
Que auião de tornar cedo em mais danos.
Sabe quem tudo vé, que logo eu destas
Outras que se seguirão me temi,
Andando pollas sombras das florestas.
E pollos bosques onde me escondi
Ha tanto jà, guiado da influencia
Quando daquelle Ingles maluado ouui.
Altissimo Senhor, tua paciencia
Não se pode vencer posto na Cruz
Sofreste agora, & entam sem resistencia.
Entam perdeo o Sol sua clara luz,
E agora este Sol nosso aborrecco
A terra, & fogio della, & jâ nam luz.
Assi me queixaua eu, quando de Ceo
Me senti reprender, qual Iob jazendo
Com graue dór, mas dôr mór me venceo.
Decima hum ár singello irse mouendo
Ouui claro dizer, ora que queres,
Queixumes vãos, vaãmẽte ao àr perdendo.
Aquelle entre os nascidos das molheres
Principe sancto, foyse a seu lugar,
Vossos uadas deixou, foyse aos prazeres.
Vós là de baixo que podeis julgar,
Nesse valle de lagrimas, & dóres,
Onde o mais que sabeis he sá chorar.

Gentes

Gentes queixosas, vãos murmuradores,
Pois não alcançais o grande, o alto cõselho,
Conuertey os queixumes em louuores.
E os olhos leuantay àquelle espelho
Que nesta gram tormenta, como hum faro
Vedes nas mãos daquelle honrado velho.
O qual co'alta Raynha exemplo raro
De virtude, o menino offerecera
A sancta proteção, ao firme emparo.
Dum sancto natural nosso, a que erguera
De nouo, hum templo, claro tanto em tudo
Que as neuoas d'Amarante esclarecera.
Donde a Deos torna, em voz louuando o mũdo
E o que pedras lançando vinha à gente
Repousado, tambem torna, & sesudo.
Torna o aleijado sam, torna o doente,
Milagres hũs sobre outros a porfiar,
A fonte mana, & nam agua corrente.
Lembrayuos tambem daquelle dia,
Aquelle sancto martyr consagrado
Que he vosso protector na Epidimia.
Quesse Reyno vos tem della emparado,
Não se vos pode dar mais clara proua,
Que o proprio braço seu a el Rey mãdado.
Dos altos Ceos, o Ceo geração noua
Vos torna a dar, & tudo o que falece

No mundo que com ella se renoua.
Este auò tal, que tudo a Deos merece
Antes os dous auôs dambas as partes
Lhe irão caminho abrindo em quanto crece.
Despregando a bom tempo os estandartes
Para lhos entregarem victoriosos,
Dous Romulos, dous Numas, & dous Martes.
Se deuo comparar cos fabulosos
Os altos feitos de que será erdeiro,
Cos reais cinco escudos glorioſos.
De que o seu lhe esmaltou o Rey primeiro,
Que a altissima visam vio, como vira
Constantino a Cruz alta co letreiro.
O que logo no Tibre se cumprira
Contra o tyrano que impaciente jaz,
Onde inda agoa parece, os corpos vira.
Deniz cos outros passo, em guerra, & em paz
Honra das armas, honra dos costumes
Que ao nouo successor gram lugar faz.
E deixando no filho os seus queixumes
Que erros foram porem da mocidade,
No mais esclarecido, & de mil lumes.
Assegurou em Espanha a Christandade
Vencendo os Mouros, vencendo a cobiça
De tam rico despojo, oh gram bondade.
Pedro, que amores teue co a justiça

Real, & nam cruel inclinaçam,
Fez Moyſes, fez Samuel juſta carniça.
A juſtiça conforma co a rezam,
E quer Sam Paulo que ſe tenha aos Reys
Temor, nam vay diante o eſtoque em vam.
Muda o tempo cuſtume, muda as leys
Humanas, eſtâ firme o natural,
Izentos, olhay bem como viueis.
Nam vos izentam para fazer mal,
Deixayuos deſſes voſſos argumentos
Que nam val ante Deos o que là val.
Ora a ti torno, nam brades aos ventos,
A antigua buſca, buſca a noua hiſtoria,
Toda ella he chea d'acontecimentos.
Finalmente Ioão da boa memoria,
Conhecerâ o quinto neto Auguſto,
Digno Sebaſtiaõ de tanta gloria.
Por juſtiſſima ley, titulo juſto,
Do pay tudo era, paſſouſſe a milhor vida,
E deſſa lâ nam quis mais pello cuſto.
Naõ te nego porem, que era deuida
Magoa a tal perda, mas entende, & creme.
Põe em Deos teu cuidado, alma eſquecida,
E ſómente a Deos ama, & delle treme.

FIM.

A NOSSA Senhora.

CANÇAM.

1

Virgem fermosa, que achastes a graça
Perdida antes por Eua, onde nam chega
O Fraco entendimento, chegue a Fè.
Coytada desta nossa vista cega
Que anda apalpando polla neuoa baça,
E busca o que ante si tendo, nam vé
Sem saber atinar, como, ou porque,
Entrey pollos perigos
Rodeado de imigos,
Por piedade a vós venho, & por merce,
Vós que nos destes claro a tanto escuro,
Remedio a tanta mingoa
Me dareis lingua, & coraçam seguro.

2

Virgem toda sem magoa inteira, & pura,
Sem sombra, nem daquella culpa herdada,
Por todos nós, tè o fim desdo começo:
Claridade do Sol nunca turbada.

Sanctiſsima, & perfeita criatura,
Ante quem de mi fujo, & me aborreço,
Ey medo a quanto fiz, ſey que mereço
Dos meus erros me eſpanto,
Que me aprouueram tanto
Agora à só lembrança desfalleço,
Mas lembrame porem que vós fizeſtes
Paz entre Deos, & nòs,
E a quẽ por vòs chamou, ſempre a mão deſtes.

3

Virgem ſeguro Porto, emparo, & abrigo
As móres tempeſtades, ah que tinha,
Aos ventos, eſta vida encomendada,
Sem olhar jâ a que parte hia, ou vinha
Deſcuidado de mi, & do perigo
Surdo aos conſelhos, tudo tendo em nada.
Nam vos ſeja em deſprezo eſta coytada
Alma, que ante vos vem,
Cos receos que tem
De imigos grandes, mal ameaçada,
E que eu tam peccador, & errado ſeja,
Vença voſſa bondade
Minha maldade grande, & aſſi ſobeja.

4

Virgem do mar Eſtrella, & neſte lago,
E neſta noite, hum Faro que nos guia

Para o porto, antes claro, & certo Norte,
Quem ſem vos atinar, quem poderia
Abrir ſómente os olhos, vendo o eſtrago
Que atras olhando, deixa feito a Morte?
Quem me daria proa com que corte,
Por tam braua tormenta?
De toda a parte venta,
De toda eſpanta o tempo feo, & forte,
Mas tudo que ſerà? co a voſſa ajuda
Neuoa da lago,
Que ao vento voa, & num momento a muda.



5

Virgem perfeita, & do Sacrario Sancto
Porta que Ezechiel cerrada via,
A parte que reſponde ao Oriente:
Alto Siluado, que todo elle ardia
Sem offendido ſer tanto, nem quanto,
E foy tal teſtemunha alli preſente.
Vello de Gedeon, diuinamente,
E diuino ſinal,
Do Orualho celeſtial,
Que tudo o mais enxuto, elle sò ſente:
Senhora que podeis, em tal afronta
Reſtituyme a mi
Antes da fim, q̃ o Sol vayſe, & traſmonta.

6

Virgem, & Madre, juntamente, quem
Tal nunca ouuio, nem d'antes, nem despois,
Sómente em vos entam quem no entendeo?
Vos Madre, & Filha, vos Esposa sois
Daquelle que apertado ao peito tem,
Vossos braços, o que nam pode o Ceo,
Na vossa alta humildade se venceo
O soberbo tyrano,
Que com enueja, & engano,
Nos fez tam perigosa, & longa guerra,
Por molher se causou tal danno nosso,
Quem nos restituyo
De vos sahio Senhora, o preço he vosso.

7

Virgem nossa esperança hum alto poço
De viuas aguas que contino correm,
Em que se matam para sempre as sedes,
Nam de Nembrot, mas de Dauid a torre,
Donde socorro espero ao meu destroço,
Assi tam perseguido como vedes,
Dentre tam altas tam grossas paredes
De ferro carregado,
Hum coraçam coytado
Chama por vos enuolto em bastas redes,
Hũas sobre outras, porem sinais tenho
De ser do vosso bando

Que

Que a vos bradando por piedade venho.

8

Virgem do Sol vestida, & dos seus rayos
Claros, envolta toda, & das estrellas
Coroada, & debaixo os pés a Lũa,
Sam vindas minhas culpas, & querellas
Sobre mi tantas, valeyme aos desmayos,
De muitas que possa ir chorando algũa:
Nam me deixaram desculpa nenhũa
Os meus erros sobejos,
Leuaram me os desejos
Tantas occasiões, indo, hũa & hũa,
Quem tormenta passou por toda a praya
Cos ventos contrastando
Saya nadando jà com vida, & saya.

9

Virgem Horto precioso alto, & deseso,
Rico ramo do tronco de Iesse,
Que florecco tam milagrosamente,
Custodia preciosissima da Fê,
Que vos tiuestes só de todo em peso,
Tendo hum, & outro Sol sua luz ausente:
Alma que os seus enganos tarde sente,
Altissima Senhora,
Por vos sospira, & chora,
Ontem menino, sou velho ao presente,

Voume de dia em dia, d'anno em anno,
A minha fim chegando,
Dissimulando a vergonha, & o danno.

10

Virgem andando aqui já celestial,
E em corpo assi leuada ao Ceo Empyreo,
Sem ser vista mais cá d'olhos humanos,
Certa Porta do Ceo, dos Valles Lyrio,
Que nunca teue, nem terá igual,
Dada por sò remedio a nossos dannos,
Contra os demonios, sejão meridianos,
Sejam de noite escura:
Esperança segura,
Taes forças, cõtra taes mestres d'enganos,
Com vosso esforço por terra, & por mar,
Nam digo eu auer medo,
Mas ir ao campo ledo, & pelejar.

11

Virgem das Virgens, como o tempo voa,
Nossa certa esperança,
Por toda a vezinhança
Quanto gemido a toda a parte soa,
Quantas lagrimas são mal derramadas:
Mas postos de giolhos
Em vos os olhos, tudo o mais sam nadas.

FIM.

A FE-

A FESTA DA ANNVNCIAÇAM DE Nossa Senhora.

CANÇAM.

1

Dia gracioso, & claro
Prometido de tanto,
Tempo â gente por Deos escolhida,
Para ser nosso emparo,
Ah mysterio tam santo,
Que nos tolheo a morte, & deu a vida,
Merce nam merecida,
Que o entendimento abate:
Celeste mensageiro,
Que ao longo captiueiro
Nos trouxe oje do Ceo hum tal resgate,
Sejais na minha ajuda,
Socorrey em tal pressa, à lingoa muda.

2

Fizera se Tyrano
A cabeça da enueja,
(Nam sey o que me logo entrando digo)

Do nouo estado humano,
Que daltiues sobeja,
Tantos dos seus perdera alli consigo,
Hum odio tam antigo
De jornada em jornada,
Que auante cada ora hia,
Quem remedio hi poria,
Senam quem por nos fez, tudo de nada,
Na culpa entrou molher,
Assi conuinha no remedio ser.

3

Virgem Sagrada, & pura,
Que a natureza esmalta,
E tanto atras de si tudo deixou
Perfeita criatura,
Posta em parte tam alta,
Que nunca culpa algũa lá chegou,
Com nosco conuersou,
No mundo por seu meyo
O Verbo diuinal,
Por nos feito mortal
Co a Cruz às costas de tam longe veyo,
E com tais armas sós,
Tais imigos venceo sò para nós.

4

Foy o primeiro Adam

De Limo Virgem feito,
Inspirandolhe alli diuino sprito.
Assi estaua em rezam,
Que estoutro mais perfeito
De ventre virginal saya bendito,
Isento do delito
Em que a serpente antigua
A todos enuoluera,
O Ceo que Eua perdera,
Quem no lo abrio, ficou fora de briga,
Foylhe oje entregue a chaue,
Foylhe o nome mudado d'Eua em Aue.

§

O Embayxador Diuino
Com tal acatamento
Propos como o menor, ante o mayor,
A Virgem indo a tino
Regia o pensamento,
Deixando nas mãos tudo do Senhor,
Diuino Resplandor,
Diuina Claridade,
Em noite escura alli tam claro dia,
Quanto em gloria sobia,
Tanto decia mais em humildade,
Temia, & confiaua,
Cuidando ora no Ceo, ora ond'estaua.

6

Contemplaua cada ora
Que auia de parir,
Hũa Virgem, final dado na ley,
Sempre diz, ah quem fora
Digna de a seruir,
Virgem, & Madre d'hum tam alto Rey.
Peccador, que direy
Em mysterios tam altos,
Filho no Ceo sem mãy?
Filho em terra sem pay?
A tais escuridões taes sobresaltos:
Este pó terra indigna,
Quando cuida que atina, desatina.

7

Se à tua grande, mas pobre vontade
Fora dada igual graça,
Sayr puderas Canção minha à praça.

FIM.

A NOS-

A NOSSA SENHORA.

1

AY razon que tal cõsienta
Pensamẽto altiuo, vfano
q̃ se atreua vn pecho humano
A poner en tal afrenta
Su lengua, ni la su mano.
Madre Bendita, si a vos
No acudimos, no ay remedio,
Que onde desmayamos nos,
Comiençan obras de Dios
Sin fin principio, ni medio.

2

Si al Sol los ojos alçamos,
Como alguna ora acontece,
La vista luego enflaquece,
De suerte si porfiamos
Que a toda a parte anochece.
Si ante los mayores fuegos
No van los menos a cuento,
Que no nadu, y que juegos
Son a vos los ojos ciegos
De tan flaco entendimiento.

3

Seso, no te sobresaltes,
No turbu, y alteras todo
Del inmenso amor sin modo
De quien hizo obras tan altas
Cubrirse de nuestro lodo?
Virgen, y Madre sin par,
Alçad lo que abaxo yo,
En vos se vino a encerrar
Dios que no cabe en lugar
Vuestro pecho lo criò.

4

Madre, y Virgen juntamente
(Quien nũca tal cosa oyera)
El que en principio yà era,
Del golpe de la serpiente
Preseruada os hizo entera.
Esto como puede ser

Que

Que contradize la edad
Quien todo lo puede hazer,
Como Dios tuuo el poder,
Como Hijo la voluntad.

5

Fuente donde gracia mana
Siempre clara, limpia, y agena
Del turbio, digan, que suena,
Quando por cosa tan llana
Os llaman de gracia llena.
Virgen Diuino Sacrario,
No tuuo poder alguno
Cõtra vós nuestro aduersario,
Que no puede el vn contrario
Con otro estar de consuno.

6

Boluia al camino errado,
D'en ti hablar Señora indina
Madre del Verbo Diuino,
De tal claridad turbado
Como atinaré sin tino?
Limpio espejo de la Fé
Escurecido jamas,
Ah Senhora, ah que diré,
Ah que soy niño, y no sé
Lo que haga, o que diga mas.

FIM.

SEXTINA.

1

NAm posso tirar os olhos
Donde os nam leua a rezam,
Quem por à ley á vontade,
Confirmada do custume
Vontade que as suas leys
Manda obedecer por força.

2

Isto que al he senam força
Que me fazem os meus olhos
Quebrantadores das leys,
Brada apos mi a rezam,
Mas que val cõtra o custume
Em que està posta a vontade.

3

Conselhos vão à vontade,

Que

Quẽ só pode, & só tem força
A judada do custume,
Vòs nam podeis estes olhos
Erguer hum pouco â rezam
Que faz, & desfaz as leys?

4

Que tyrania de leys,
Que dureza de vontade,
Ah grão mingua da rezão,
q̃ira, ou nã q̃ira, he por força,
Que se me vam estes olhos
Onde mos leua o custume.

5

Nam valẽ leys sem custume,
Val o custume sem leys,
A y escrauos dos meus olhos,
Gouernados da vontade
A quem destes tanta força
Em desprezo da rezam.

6

He morta, ou dorme a rezão,
Ou não sente por custume,
Que farey â mayor força?
A jão piedade as leys
De quem entregue à vontade
Vay preso apos os seus olhos.

7

Olhos apos a vontade
As leys apos o custume,
Apos a força a rezam.

ESPARSAS.

1

A Nossa Bulla do Amor
Nam he pera toda a gẽte
Perdoa a culpa sòmente
A pena nam, nem a dòr.
Assi faz Amor com ella
Que cõ hũa sperança incerta
A Leandro Hero à genella
Tras o mal, é a morte certa.

2

Porque podera abaffar,
Ouuindo o que nasce mudo,
Com desejos de fallar,
Antes se lhe negou tudo.

Ora

Ora auendo de naſcer
D'ouuir de vos tal deſejo,
Porque ouuiſe vos nã o vejo,
Nem vos eſpero de ver?

3

Torneuſeme tudo em vento
Apos tormento, é tormento,
Que eu paſſey cuidãdo em al,
Em fim veo cedo o mal,
E tarde o conhecimento.
Eu aſsi deſenganado
Vejo vir males mayores,
O tempo em que ſou chegado,
Que poſſo doer às dòres,
E dar cuidado ao cuidado.

4

Do paſſado arrependido
Seguro doutro erro tal,
Seja o perdido, perdido,
E do mal o menos mal.
Façaſe o que vos mandais,
Nã o nos ouça mais ninguem
Que do mal voſſo, & do bem,
Nam ſey qual quiſeſſe mais.

5

Todas as couſas tem cabo,
Seja paz, ou ſeja guerra,
Olhay que brada da terra
O meu sãgue, é o meu agrauo.
Cada ora em tudo â mudãça
Virà apos eſta, outra tal,
Fazer juſtiça, & vingança,
Negra da minha eſperança,
Que me doe mau q̃ o meu mal.

6

Nam vejo o roſtro a ninguem
Cuidais que ſam, & nam ſam
Homẽs que nam vam, nẽ vem
Parece que auante vam.
Entre o doente, entre o ſam
Mente cada paſſo a eſpia,
E âs oras do meyo dia
Andais entre o lobo, é o cã o.

8

Como nam quereis que ſeja
Meu perigo em todo eſtremo,
Se minha alma aſsi deſeja
Tudo o de que meu mais temo
E para mór meu tormento
Aſsi cego, aſsi alheado,
De tudo o al fuy roubado
Senam do conhecimento.

Quan-

8

Quando nos meus erros cuido
No meu claro, & lõgo engano
Leuemente passo o dano
A par de tanto descuido.
Passando a força de braços
Por hũs, por outros empeços,
Quão mal que nestes espaços
Dizem os fins cos começos.

9

Que la mi vida se assuele,
Razones que ansi lo quiera,
Y que pene, y que me muera
Que nadie no me consuele.
Y el porque esto acontece
Ninguno me lo demande,
Que si el mal parecer grande
Gran causa no le fallece.

10

Cerra a serpente os ouuidos
As vozes do encantador,
Eu não que fora milhor,
Porque agora meus sentidos
Quero perder com tal dòr.
Os que mais sabem do mar
Fogem d'ouuir as Sereas,
Eu não me pude guardar,
Fuy vos aver, & escuytar
Fiz minh' alma, é vida alheas.

A Pero Carualho.

11

Mandar em tal tempo luuas
Seruiço era elle escusado,
Outra cousa foram vuas,
Outra vinagre rosado.
Certo que outra cousa fora
Mas porem,
Ninguem dà o que não tem,
E nem do que tem jagora.

CANTIGAS.

QVe he isto, onde me lançou
Esta tẽpestade mâ,
Què de mi se não sou lâ,
E cà comigo não vou?

VOLTA.

Inda que me eu cá nam via
(Tudo vos confeſſarey)
Onde a vos, & a mim deixey
Cuidaua que me acharia.
Agora quem donde eſtou
Nouas de mi me trarà,
Pois dizeis que nam ſou lá
Não ſey ſem mi onde vou.

CANTIGA.

Comigo me deſauim
Sou poſto em todo perigo,
Nam poſſo viuer comigo,
Nem poſſo fogir de mi.

VOLTA.

Com dòr da gente fogia
Antes que eſta aſsi creceſſe,
Agora ja fogiria
De mi, ſe de mi pudeſſe.
Que meo eſpero, ou que fim
Dovam trabalho que ſigo,
Pois me leuo a mi comigo
Tamanho imigo de mi.

CANTIGA.

Naſcido, & criado em meo
De dóres, fez ſe a dòr tal,
Que pode chegar o mal
Onde nam pode o receo.

VOLTA.

Que ſe eu pudera algũa ora
Em tanto tempo cuidar
De ver tamanho peſar
Poderaо ſofrer agora.
Mas que farey ſe a dòr vee
Creſcendo a fazerſe tal,
Que pos auante o ſinal
Donde o puſera o receo.

CANTIGA.

Sortes, & venturas ſam
Os males que me fazeis,
Se tendes rezam, ſenam

Senho-

Senhora, vos o sabeis.

VOLTA.

Posto que eu quanto padeço
Co mais que de vos espero,
Queroo se volo mereço,
E senam tambem o quero.
E que agora o nam cuideis
Annos, & tempos faram,
Que o que por rezam aueis
Inda ajais por sem rezam.

CANTIGA.

Rezam, & tempo seria
De ver sua vaydade,
Aquella cega vontade,
Que tam cegamente guia.

VOLTA.

Se pudera hum grande imigo
Fazer mais? certo he que nãõ
Por mimos do coraçãõ
Inda tudo o pior sigo.

Voume assi de dia em dia,
Olhos de longe à verdade,
Entre tanto esta vontade
Assi cega guia, guia.

CANTIGA.

Nada do que vés he assi
Tras os olhos nam te aballes,
Tudo he tirem me daqui
Matem me nessoutros valles.

VOLTA.

Posto que al te assi parece
Deste sonho, & mestra vaã,
Por de fora resplandece
Dentro nam ha cousa saã.
Corri montes, corri vales
Cego cuidado apos ti,
Deixame morrer jà aqui
Nã me mãdes ver mais males

CANTIGA.

Foyme grande aggrauo feito,

Sermehia ora máo de crer,
Quem mo fez, podeo fazer,
Ou a torto, ou a direito.

VOLTA.

Estaua ordenada hũa ora
Veo, nam ouue hi tardança,
E leuoume hũa sperança
Que senão fora, eu, nam fora.
Que remedio ao q̃ he jâ feito,
Quem o fez tinha o poder,
Eu jà que posso fazer
Mais q̃ gemer em meu peito.

CANTIGA.

Cego deste meu desejo
mal dos males, mór dos móres
Que não daria estas dòres
Por quantos prazeres vejo.

VOLTA.

Meu mal tudo tem por si
Taõ cegamente deseja,
Que inda naõ vejo, nem vi
Cousa que me faça enueja.
Teue este mal os seus meos
Com que aprouue a sua dór,
Mas trago inda os olhos cheos
Que ey dever cedo outro mór.

CANTIGA.

O coraçam que vos vé
Aos olhos que vos naõ vem,
Naõ nos culpẽ, que nam tem
Algũa rezaõ porqué.

VOLTA.

Cada ora estes olhos canso
Por estes montes arriba,
Que ha vista curta, & catiua
Tolhem todo seu descanso.
Deixemnos cegar que tem
Chorando rezão porque,
Buscouvos alma, & lâ he,
Elles cà chorão daquem.

CANTIGA.

Toda

Toda esperança he perdida,
Tudo veo a fallecer,
E o que inda fica da vida
Ficou para mais perder.

VOLTA.

Aquella esperança minha
Assi fraca, & vaã como era,
Cos olhos que eu nella tinha
A todo mal me atreuera.
Ora ella està jà perdida
Mas nã me ha de fazer crer,
Que nam ha mais nesta vida
Senam nascer, & morrer.

CANTIGA.

Por estes campos sem fim
Onde a vista assi se estende,
Que farey triste de mim
Pois veruos se me defende.

VOLTA.

To los estes campos cheos
Sam de saudade, & pisar,
Que vem para me matar
Debaixo de ceos alheos.
Mal sem meo, mal sem fim
Dór q̃ ninguẽ não na entende
Até quam longe se estende
O vosso poder em mim.

CANTIGA.

Pois meu mal com quanto hè,
Inda a crueldade he mòr,
Ao menos faça esta dór
Ante vos fe de tal fé.

VOLTA.

Vistes passar tantos annos,
Durou sempre este cuidado,
Mas d'homem desenganado
Nũca estranheis desenganos.
Que sem causa, & sem porque
Tras hũ mal outro mal mòr,
Mas de mi seja o que for,
Lembre só que he pella fé.

CANTIGA.

Tudo passa como hum vento
Hũ mal sẽpre me he presente,
Que ao coraçam innocente
Cada ora poem a tormento.

VOLTA.

As voltas c'hũas sospeitas
Contas fiz, contas desfiz,
Mas estas despois que as fiz
Foram para sempre feitas.
Faz alto seu fundamento
Neste brauo fogo ardente,
Por quem culpa do je sente,
Moura o sẽ culpa a tormẽto.

CANTIGA.

Olhay a camanha estreita
Señora minha alma he vinda,
Na vida infinda sospeita,
Na morte saudade infinda.

VOLTA.

Quem me darâ nouas penas
Inda que o mais tudo tolha,
Com que voe, é que me acolha
Do meo de tantas penas.
A sayda agra, & estreita
Causarão tanta ida, & vinda
Da vida lança a sospeita,
Da morte saudade infinda.

CANTIGA.

Se me este cuidado atura,
Que me persegue, & q̃ eu sigo
A vida estâ em perigo,
E alma pella ventura.

VOLTA.

Bem sey tudo o que ha de ser,
Mas he de tanto pezar,
Que ey medo de o dizer,
E medo de o cuidar.
Nam vejo cousa segura
Seguro he só o perigo,
E o que agora nam digo
Deixay fazer à ventura.

CANTIGA.

Al-

Alma tam sem assossego,
Que nem deste âr me farto,
Donde cum queixume chego,
Cõ mil queixumes me parto.

VOLTAS.

Nas cousas em que algũa ora
Esperey de ter repouso,
Triste de mi que jâgora
Sómente cuidar nam ouso.
A que fraqueza que chego
Em quantas partes me parto
Por este coraçam cego,
Nunca de seus males farto.

Os meus perigos medonhos
Em q̃ alma cada ora empeça
Os ventos, neuoas, os sonhos
Que nam tem pés, nẽ cabeça.
O que com a lingua nego
Por muitos sinais reparto
Em poder daquelle cego
De cujo poder nam parto.

Mal as noites, mal os dias
Com medos, & com sospeitas,
Fazendo contas baldias
Que asinha serão desfeitas.
Com muito desassossego
Com que chego, & cõ q̃ parto,
Com ver tantos, & cõ ser cego,
Todos do que encubro farto.

CANTIGA.

Señora oyd la mi suerte,
Y de vuestra crueldad,
Por no pediros piedad
Antes la pido a la muerte.

VOLTA.

El mi coraçon caydo
En tanta cuyta, y desmayo,
Pues que nũca os ha mouido
Ante la muerte lo trayo.
Mas no se como concierte
Tan grande desigualdad,
Que me hazeis pedir piedad
Cõtra la muerte a la muerte.

CANTIGA.

Quanto mal me hã ordenado
Las cosas con que naſci?
Algunas me han deſechado
Alcancé otras contra mi.

VOLTAS.

De la mi alma no ſé
Ques della, y mi coraçon,
A la fuerça no ay razon
Cada vno tras vos ſe fue.
Vida, memoria, y cuydado
Sentidos que a vos ergui,
Eſtos nunca me han dexado
Por ſeren mas contra mi.

Dexome mi libertad,
Y el amor que me tenia,
Dexome mi alegria,
Dexome mi voluntad.
Los ojos con que yo os vi,
Vida, memoria, y cuydado,
Eſtos nunca me han dexado
Por ſeren mas contra mi.

CANTIGA.

Puedeſe eſta llamar vida
A la qual ſe entra llorando,
Y ſi paſſa ſoſpirando
La muerte es la ſu ſalida.

VOLTA.

Por lo qual yo ſin ventura
Con gran cuita he deſſeado,
Que vuiera ſido llenado
Del parto a la ſepultura.
Toda eſperança perdida
Yo no ſé loco tras que ando,
Voyme anſi deuaneando
Entre la muerte, y la vida.

CANTIGA.

El aggrauio que recibo
De quien yo menos deuiera,
Dexame llorar ſi quiera
Ya que para mas no biuo.

VOLTA.

Aliuio ſea, o ſalida

Al dolor, esto que os cuesta?
Que no passe a la otra vida
Con tanta querella desta.
Mientras de mal tan esquiuo,
Mas mal no quiere q̃ muera,
Dexame llorar si quiera
Tendré solo esto de bino.

CANTIGA.

Mal de que me eu contentey,
A conta feita està jâ,
Agora descansarey,
Se me segue matarmeha
Se me deixa matarmey.

VOLTA.

Nas cousas que nam ha meo,
Escusado he cansar mais,
Ir de receo em receo,
E de sinais em sinais
Espreitando o bem alheo.
Em vam cà, & là cansey
Tudo me he tomado ja,
Agora descansarey.
Que este mal me matarà,
Senam eu me matarey.

CANTIGA.

Hũa morte ey de morrer,
Que faz mais assi que assi,
Isto nam posso sofrer
Aueremse de perder
Os olhos com que vos vi.

VOLTA.

Os olhos, porque passaram
Os vossos ao coraçam,
Onde para sempre estam.
Sam estes que me ficaram
Para minha saluaçam.
Mas se inda os ey de perder
Afora quanto perdi,
Acabarey de morrer,
Acabarey dentender
Para quanto mal nasci.

ALHEA.

La que yo tengo no es prision,

Vos sois prision verdadera,
Esta tiene lo de fuera,
Vos teneis el coraçon.

VOLTAS.

De la gente que aqui viene
A verme, de risa muero,
Riome del carcelero
Que piẽsa que aqui me tiene.
Viene, y mira la prision
Vê los hierros por de fuera,
Mas no vee que cada vno era
Donde era su coraçon.

O remo sea, o sea vara
Si estâ en el agoa metida,
Qualquiera vista por clara
Que sea la ha por torcida.
No os engañe mi prision
Aunq̃l cuerpo aqui se muera
Buscadme alla por defuera
Por donde anda el coraçon.

ALHEA.

Como no se desespera
Quien se vé como yo me veo,
Tan lexos de do desseo,
Tan cerca do no quisiera.

VOLTA.

Triste que ha de ser de mi
Como biuo sola vna ora
Viendo qual me veo aqui,
Y qual me he visto alguna ora.
Mi esperança lisongera
Con quien tanto ha que peleo,
Que me quereis que no veo,
Porque la vida ya quiera.

CANTIGA.

Ledo em meus males sẽ cura,
E nos descansos cansado,
Querendo, & sendo forçado,
Ora cuidar me assegura,
Ora me mata o cuidado.

VOLTA.

Assi me tem repartido

Estre-

Estremos, que nam me entẽdo
De toda a parte corrido,
De toda desacorrido,
Em nenhũa me defendo,
A vida està mal segura.
Mas eu quero este cuidado,
Que mal tam bem estimado,
Em tanta desauentura
Me faz bemauenturado.

ALHEA.

En toda la tramontana
Nunca vi cosa mejor,
Que era la esposa de Anton
Vaquerizo de Morana.

VOLTAS.

Naquelle longo desterro,
Que eu por vontade escolhi,
(Quer fosse rezam, quer erro
Quis o coraçam assi)
Vi hũa visam vfana,
As vezes cuido que nam
Fosse verdade, ou visam,
Hia em trajos de serrana.

Nam era o coraçam quedo
Indo, & tornando a meude,
Ora o prazer, ora o medo
Tiueme o milhor que pude.
Quãtos bẽs me a sorte dana?
Brada quem o vee em vam,
Tal como era, era d' Antam
Hum vaqueiro de Morana.

Olhos que tais olhos vistes,
Viuey bemauenturados,
E porem ouuidos tristes
Para tanto mal guardados.
Que he isto que assi me engana
Que assi despreza a rezam,
Suspiraua por Antam
Quẽ nã tẽ nada de humana?

ALHEA.

Ay que el alma se me sale,
Y el porque siento perdella,
Es porque estais vos en ella
Que la vida poco vale.

Volta.

VOLTA.

Loco de mi, que pensaua
Poder aqui de tener
Comigo, vna alma que estaua
Vsana en vuestro poder.
Que quereis que a esto iguale
Siendo vós senhora della,
Esta es toda mi querella,
Que lo mas todo que vale?

A la bella mal maridada.

VOLTAS.

Ansi que aquella hermosura
Nunca vista sin espanto,
La gracia, y desenuoltura
Todo se hà tornado en llanto.
Fortuna tan mal mirada
Que embidia tiene de si,
Donzella dichosa ansi,
Y dueña tan desdichada.

No sé que diga, o a quien
Culpemos en mal tamaño
No se ajunta tanto bien
Sino para tanto daño.
En todo tan acabada,
Dixe yo luego que os vi,
No nascistes vos ansi
Para ser bien empleada.

CANTIGA.

Huye el tiẽpo, está el mal q̃do,
Pensé morirme, y no muero,
Desengañarme no quiero,
Quando ya quiero no puedo.

VOLTA.

Todo se me và en antojos
En esta prision obscura,
Cuitados de los mis ojos
Que pagan tanta locura.
De todo me pide el miedo
Lagrimas como de fuero,
De lo que puedo, y no quiero
De lo que quiero, y no puedo.

CANTIGA.

De

De quem me deuo queixar
De vôs que pudera ser,
Nam vos sabe alma culpar
Fica sómente o sofrer,
Se mais fica he sospirar.

VOLTAS.

Os meus sospiros tégora
Quasi erão contentamentos
Tambem de prazer se chora,
Entraraõ males de fora
Nã hũ, nã dous, mas seiscẽtos.
E naõ lhes basteu entrar,
Mas inda sempre a crecer,
Onde ha isto d'ir parar,
Nam fica senam sofrer
Ao mudo do sospirar.

Ora os sospiros que sam,
Saluo àr espalhado ao vento,
Onde brada o coraçam,
Nossos ouuidos nam vam
Deixaõ tudo ao entendimẽto.
Que me eu quisesse queixar
Quem me poderia crer?
Deixay jâ venha o pezar,
Que pode o pouco empecer,
Que pode o muito durar.

ALHEA.

Naquella alta serra
Me quero ir morar,
Quem me quiser bem,
Quem me bem quiser
Là me irâ buscar.

VOLTAS.

Nestes pouoados
Tudo sam requestas,
Deixayme os cuidados
Que em vos deixo as festas
Daquellas florestas,
Verey longe o mar
Perme ey a cuidar.

Sombras, & agoas frias
Quando o Sol mais arde,
Despois sobre a tarde,
Por cá bradarias,

Vés

Vés, que pressa os dias
Leuam, sem cansar
Nunca ham de tornar.

Nam julgue ninguem
Nunca outrem por si
Mais d'hum bem que ouui
A vida nam tem,
Nam deixa este bem
Onde se elle achar
Mais que desejar.

Deixa as vaydades
Que da mão â boca
O prazer se troca,
Trocamse as vontades,
Essas vãs saudades
Armadas no ar,
Que podem durar?

Naquella espessura
Me ey dir esconder,
Venha o que vier,
Acharmeha segura,
Se tal bem nam dura,
Ao seu trespassar
Tudo ha de acabar.

CANTIGA.

Até quando me tereis
Nesta dór que por vos quis
Os seruiços que vos fiz
Quando mos perdoareis.

VOLTA.

Nam ser vosso, nam he em mi
Isto quereis mo acoymar,
Que perdam posso esperar
Se esta alma he vossa sem fim.
Se me tanto mal fazeis
Por seruiços que vos fiz,
O bem que vos quero, & quis
Quando me perdoareis.

CANTIGA.

Entre temor, & desejo
Vaã esperança, & vaã dór,
Entre amor, & desamor
Meu triste coraçam vejo.

Volta.

VOLTA.

Nestes estremos catiuo
Ando sem fazer mudança,
Se jâ viui desperança
Agora de chorar viuo.
Contra mi mesmo pelejo
Uem de hũa dòr, outra dór
Vem dum mal outro mal mòr
De hum desejo mèr desejo.

VILANCETES.

Esperanças mal tomadas
Agora vos deixarey
Tam mal como vos tomey.

VOLTAS.

Que vida ha de ser a minha,
Por tempos, nẽ por mudanças
Que possam vir? pois nã tinha
Mais bẽ que estas esperanças
Agora às desconfianças?
As sospeitas, que farey?
Como me defenderey?

Conselhos mal atinados
O tempo ao menos vos canse,
Partam cuidados, & vamse,
Mas porem, ó que cuidados?
Deixemos erros passados
Em q̃ eu por meu mal entrey,
E por meu mal sayrey.

VILANCETE.

Que mal auindos cuidados
Me tomaram entre si,
Nunca tais cuidados vi.

VOLTAS.

A minha alma nam repousa
Nem de noite, nem de dia,
Dentro della contraria
Toda a cousa a toda cousa
O cuidado que mais ousa,

E que

E que mais confia em ſi,
Ora he aſsi, ora aſsi.

Que me quer eſte receo
Inda ſobre meus aggrauos,
Tem me tomados os cabos
Não tendo meus males meo,
Ia nam confio, nem creo,
Ia confiey, & ja cri,
Mal aſsi, & mal aſsi.

Inda ſe iſto ſer pudeſſe
Que por tempo ſe fariã,
Que hũa ora me não temeſſe
Iſto me deſcanſariã,
Mas nam vejo, porque via
Se poſſa fazer que aſsi
Não moura como viui.

ALHEO.

No pregunteis a mis males,
Que tales ſon,
Preguntaldo al coraçon.

VOLTA.

Por mis bienes preguntais,
Entiendo que por mis penas,
Que ſiempre tuue por buenas
Vos ved como las llamais,
Que anſi como las nombrais
Anſi confieſſo que ſon
Los bienes del coraçon.

VILANCETE.

Em pago daquella dór,
Que eu tão mal vos merecia,
Se verey inda algum diã.

VOLTA.

Se vos ſenhora aprouueſſe
De ver eſta minha fé
Hũa ora sò antes que
Morreſſe, deſpois morreſſe;
Quem tal ſperar pudeſſe
Com todo o mal poderiã,
Cos olhos naquelle dia.

ALHEO.

Todos vienen de la Villa,
Solo no viene Domenga.

Volta.

VOLTA.

Toda persona tornò
Que parado he mientes bien
Una falta, y es por quien
Quanto a mi nadie boluio
Que me haré cuytado yo
Con que la vida sostenga,
Hasta que Domenga venga.

ALHEO.

Por malos emboluedores,
Pierdo triste mis amores.

VOLTAS.

A hũ só descanso q̃ eu tinha
A hũa só esperança
Donde veo tão asinha
Hũa tamanha mudança?
Que se fez da confiança,
Com que nos tormẽtos mòres
Eu sofria as minhas dòres?

Se auia o ser de ser tal
Milhor fora antes não ser,
Ouuesseme enueja ao mal
Que ao bem mal podera ser,
Iâ vejo vir a correr
Sobre mi meus matadores,
E fugir os valedores.

Males que eu tanto estimaua
Quem se nos meteo no meo,
Em tẽpo que eu mais andaua
Sem sospeita, & sem receo,
Que grãd'engano, que enleo?
Que engeitão os seruidores,
E querem antes senhores.

VILANCETE.

Coraçã o onde jouuestes
Que tão má noite me destes.

VOLTA.

Toda a noite pelejey
Eu, que jà mais não podia,
Busqueyvos não vos achey,
Sem vos eu só que faria?
Destesme dóres de dia,
Pello que assi me fizestes
De noite dóres me destes.

VILANCETE.

Se meu tormento me desse
Lugar pera cuidar nelle,
Não me queixaria delle.

VOLTA.

Foy me dado hũ só momento
Desde então pude atinar,
Que não fora elle tormento
Se me dera este vagar
Não mo quiserão mais dar,
Porque pudera com elle
Ter vida, & mouro sem elle.

VILANCETE.

Os meus castellos de vento,
Que em tal cuyta me pusestes
Como jà vos desfizestes?

VOLTAS.

Caystesme tão asinha,
Cayrãome as esperanças
Isto não forão mudanças
Mas forão a morte minha,
Castellos sem fundamento
Quanto que me prometestes,
Quanto que me falecestes?

Armey castellos erguidos
Esteue a fortuna queda
(E dixe) gostos perdidos
Como is a dar tã grã queda?
Mas ò fraco entendimento
Em que parte vos pusestes
Que então me nã socorrestes?

VILANCETE.

Deixayme as minhas tristezas
Que jàgora outra alegria
Mayor perigo seria.

VOLTA.

Os males acustumados
O mesmo custume os cura
Bẽs tão vãmente esperados
Quẽ nos sofre? quẽ os atura?
Crieyme com meus cuidados
Jàgora não saberia
Viuer noutra companhia.

VILANCETE.

O meu

O meu mal pudeo sofrer
Este, porque todo he vosso
Que vos não doa não posso.

VOLTAS.

Vos passaylo alegremente
Mal ajão os maos sinais,
Que então sam elles mortais
Quãdo homẽ seu mal nã sẽte
Nada sintis ao presente—,
Quanto nos custa este vosso
Assi quero, & assi posso.

Mas se ahi ha peso, é medida,
Nem de todo he tudo vento,
Tambem o meu sentimento
Pode ser final de vida,
O esperança comprida
Que eu sómente pollo vosso
Esperar tanto não posso.

VILANCETE.

Estes meus olhos que assi
Lisongeão á vontade—
Se lhe fallirão verdade—?

VOLTA.

Ey medo que nãofallem
Não me fio no que vejo
São segredos do desejo
Cõtra quem olhos não valem:
Não sam, para mais que assi,
Andar ao som da vontade
Chorando a necessidade—.

ALHEO.

En las tierras de do vine
Vi quanto se puede ver,
Allà me quiero boluer.

VOLTA.

Pero mientras deuaneo
Pensando en quanto allâ vi,
Forçado e tenido aqui
Lleuado allà del desseo,
Mientras debato, y peleo
Si la vida fallecer

El alma aurà de boluer.

ALHEO.

Saudade minha
Quando vos veria.

VOLTAS.

Por terra jâ aſsi
Tudo, em tal mudança
Que faz vida aqui
Nenhũa ſperança?
A minha lembrança,
A minha porfia,
Que mais aporfia?

Que faz hum deſejo
Tão deſenganado,
Que faz o ſobejo
Deſte meu cuidado?
Comigo afferrado
Quando anoitecia,
Quando amanhecia.

Saudade, & ſoſpeitas
A torto, & a dereito
Não ſereis deſeitas
Quando eu for deſfeito,
Inda frio o peito
Inda a lingua fria
Por vos éradaria.

ALHEO.

Pois os meus olhos ſam voſſos
Que faço eu
Em dar a ſeu dono o ſeu.

VOLTAS.

Quantos conſelhos ſe dão
Aos olhos com que vos vi,
Hum diz aſsi, outro aſsi
Razões que não vem, nẽ vão,
Ouvime apos o coração
Que vos jâ deu
Quanto ſoya a ſer ſeu.

Tudo he em voſſo poder
De liure que eu aqui vim
Não deixaſtes nada em mi,
Nem olhos que al poſſão ver.
Mas como podia ſer
Ver-vos eu,
E ter mais nada de meu.

ALHEO.

Sola me dexaſte
En aquel hiermo,
Villano malo Gallego,

VOLTAS.

Voyme a do te fuyſte,
Voyme no ſe a donde
El valle reſponde,
Tu no reſpondiſte,
Moça ſola ay triſte,
Que llorando ciego
Tu paſſaſte en juego.

Por hiermos agenos
Lloro, y grito en vano,
Gallego, y villano,
Que eſperaua yo menos?
Ojos de agua llenos,
Vos pecho de fuego
Quando aureis ſoſsiego?

ALHEO.

Que vos farey meu cuidado,
Onde vos trarey metido,
Que nam ſejais entendido.

VOLTA.

Deſcobrivos cada ora,
Cuidey q̃ era â minha mingoa
Mas em quanto vedo a lingoa
Sais pollos olhos fora,
E nam cuidais que me fora
Milhor nunca ſer naſcido,
Que ſer meu mal entendido.

ALHEO.

Deſenganey hum cuidado
De parte do coraçam
Com hũa deſeſperaçam.

VOLTA.

Tenho a conta feita, & chea
O que ha de ſer, ſeja logo,
Pollo ferro, & pollo fogo,
Que nam he a morte tam fea,
Viui à vontade alhea
Moura a minha, é quãdo nã
A peſar do coraçam.

ALHEO.

En mi coraçon os tengo
Por las gentes no os veo.

VOLTA.

Por lo qual buelto a mi seno,
Por quanto bien del confio
El mi coraçon ageno
Boluio de nueuo a ser mio,
D'otra parte y sandio
Engañado del desseo
Con los ojos deuaneo.

ALHEO.

Este mal
Otro tiempo lo senti,
Mas no me dolia ansi.

VOLTAS.

Este es el fuego por cierto,
Si del todo no estoy loco,
Que me abraso poco a poco,
Crecia andando encubierto,
No fue muerto
Como deuiera, yo si
Que no se parte de mi.

Por demas es que me vele,
Que me tema, y q̃ me guarde,
Que el Sol q̃ mas tarde suele
Descubrir, mas rezio arde,
Aunque tarde
Abrí los ojos, y vi,
Que otro mal no duele ansi.

ALHEO.

Quem cuidar, & quem disser
Que de matar sois seruida,
Nam sabe que cousa he vida.

VOLTAS.

Não he dano o que não dana,
A morte de vossa mão
Não he morte, he nome vão,
Que â primeira face engana,
Onde não ha cousa humana,
Tudo esprito, & tudo vida,
Mal jarà a morte escondida.

Ficasse porem julgando
Entre hũa, entre outra sorte,
Se dais vida dando a morte,
Que fareis a vida dando?

A fé que vay embicando,
Não vee dos olhos tal vida
Sòmente porque duuida.

DE DOM SIMAM Da Sylueira.

TU presencia desseada,
Zagala desconocida,
Di, porque la has escondida.

VOLTAS.

Has la tu tierra assolada
Que eras toda su riqueza,
Nascida en ella, y criada
Pudiste hazer tal crueza?
Que en tal miseria, y pobreza
Puesto la has con tu partida,
Y a mi cuytado en tal vida.

Oydos que ensordecistes
A sospiros, y a los ruegos,
Que veran mis ojos tristes,
Aqui dexados tan ciegos
Buscar, y desassossiegos
Quedan en mi por la vida,
Que es tras tus ojos huyda.

Las yeruas, las sombras frias
Y las flores que has pisado
Quanto te via, y tu vias
Todo queda auelenado,
Vn triste, vn ciego, vn cuytado,
Un loco en la tu partida.
Pasmando pier de la vida.

ALHEO.

Pollo bem mal me quisestes,
E eu nunca tenha prazer
Se mal vos posso querer.

VOLTA.

Fora ella rezão igual,
Mas vede as leys q̃ Amor tem
Que em vez de vos querer mal
Assi vos quero mòr bem,
E passo tanto inda alem
Do que este mal soe fazer,
Que me venha aborrecer.

ALHEO.

Quien te hizo Iuan pastor

Sin gasajo, y sin plazer,
Que tu alegre solias ser.

VOLTA.

Un hierro, y mas en zagal
No es cosa que mucho espàte,
Mas seguir siempre adelante,
Que es mal, si este no es mal?
Pesame de verte tal,
Que huye el gasajo a correr,
Y no passa el desplazer.

ALHEO.

Dime tu señora di,
Si me fuere desta tierra
Si te acordaras de mi.

VOLTAS.

Los mis pensamientos faltos,
Que a desora erguidos caen
Por tierra, siempre me traen
En dubdas, y sobresaltos,
Passados montes tan altos
Que será? lo que es aqui,
No aurà memoria de mi.

Con quanto ya desatino
En esto no deuaneo,
Allà males del camino
No los que por aqui veo,
Mas el alma, y el desseo
Quien los lleuarà de aqui
Que no dan nada por mi.

Que estraña merced me fuera
En la triste ausencia mia,
Solo creer que se supiera
Quando cjos aca boluiera,
La fuesse en burla siquiera
Los lugares do te vi,
Te hiziessen mencion de mi.

Buelno alo en q̃ auia errado,
Por mis locuras me voy,
Que ni sabes quien yo soy
Entre quantos te an mirado,
Saluo si por mas cuytado
Sin memoria otra de mi,
Mas ya fuesse, y fuesse assi.

ALHEO.

Que posso de vos dizer,

Pois

Pois que nam posso chegar
Co desejo a vos lounar.

VOLTAS

Esta vaã voydade minha
Que tam ousada começa,
Estâ sem pés, nem cabiça
Naõ deu começo ao que vinha
A vaã que só se mantinha
Como Camaleão do àr,
Nam se atreue a desejar.

Forças que vos enganaes
Cuidando em tam altos voos,
Ja nestes começos taes
Himos acabando nos,
Senhora a quem vos lâ pos
Tam alta a graças que dar,
E a vos que nos perdoar.

Quem será de veruos digno?
Viuos, foy alma pasmada,
Fuy assi como hum menino
Que vé que se espanta, é brada,
Nam sabe mais dizer nada
Podese a veruos chegar
O mais he tudo pasmar.

ALHEO.

Tañoos yo mi pandero
Tañoos yo, y pienso en al.

VOLTAS.

Mientra el mal arde, y destruye
Busco con que el tiempo engañe
A desora el alma huye,
Que no sé quasi quien tañe,
Dexa aqui que me acompañe
Esta mi cuyta mortal,
Y và pensando en mas mal.

D' Amor por cierto villano
Fieme como sandia,
Pusome el pandero en mano
Fuesse con el alma mia,
En esta triste agonia
De mi cuyta desigual,
Ni muere, ni mata el mal.

ALHEO.

Quien viesse aquel dia,
Quando, quando, quando

Salieſſe mi vida
Iâ de tanto bando.

VOLTAS.

Ay mis triſtes ojos,
Tan triſtes, tan triſtes,
Viſtes mil enojos,
Vn plazer no viſtes.
Viſtes añadida
A mi pena, pena,
Y en tan luenga vida
Nunca vna ora buena.

Si a la ſuerte mia
Pluguieſſe, ah pluguieſſe;
Que vieſſe ora el dia
En que mas no vieſſe.

ALHEO.

Acuſtumeyme a meus males
E jâ acuſtumado a elles
Andão por me apartar delles.

VOLTAS.

Ah que cruel tyrania,
Não ſey que nome lhe ponha,
Não me doe de hũa peçonha
De que eu jâgora viuia,
Quando meus males ſentia,
Quando me queixaua delles
Lâ me auieſſe com elles.

Mas deſpois q̃ jâ mais brãdo
Sentia o mal por cuſtume,
Virãme andar ſem queixume
Matãome remedios dando,
Tudo ſe vay reuezando,
Males que tremia eu delles
Mouro com ſaudade delles.

De Garci Sanchez.

SEcaran me los pezares
Los ojos, y el coraçon
Que no puedo llorar no.

VOLTAS.

Quedar qual eſta alma queda
No ſé como pueda ſer,
Si otros lloran con plazer
Que ella de triſte no pueda,
Quando vna perſona leda

Pueda

Puede llorar, como no
Puede vn triste coraçon?

ALHEO.

Puſiera los mis amores
En vn tan alto lugar,
Que no los puedo oluidar.

VOLTAS.

Al mi mal tan mal creydo
Dolor ſin fin, y ſin medio
El remedio era el oluido,
Yo oluideme el remedio,
Por vos no duelen dolores,
Por vos no peza el pezar
Como os podre oluidar?

Por vos el contentamiento
(Quien nunca tal coſa oyó)
Entre la muerte, y tormento,
Lugar para ſi hallò,
Y en medio de mil dolores,
Que andan para me matar
A plazer ſe puede eſtar.

NA SEPVLTVRA
DE PEDRAZA, QVE NO
Cancioneiro géral ſe chama
Conſtancio.

Epitaphio.

ALma q̃ en tã breues dias
Tal nõbre, y tal fama às dado
Al cuerpo aqui ſepultado
Que a otra parte regias.

Aqui la carne pezada
Ya tierra, eſpera por ti,
Alma bienauenturada,
En eſto no te và nada
Los hombres pienſan que ſi.

NA

NA SEPVLTVRA DE HVMA DAMA.

EPITAPHIO.

DE quam pouca terra ſatisfeita jaz,
A quem toda ella nam na merecia,
Aquella que triſte, ou leda, ou como hia
Aſsi punha tudo em guerra, ou em paz.
Leuounola a morte cruel que desfaz
As mayores couſas com mayor preſteza,
Ah Morte, ah Mundo, ah tua riqueza,
De quam pouca terra ſatisfeita jaz.

NA PRISAM DE HVM SEV GALEGO.

1

INda q̃ me eu ria, é me calle
E me faça ſurdo, & cego,
Bem ſey eu, porque o do valle
Correo tanto ao meu Calego.
Como com ladram fez feſta,
Mas inda mal a la fé,
Porque hum eſcrito na teſta
Nam tras cada hũ de quẽ he.

2

Entre claros, entre eſcuros
Homẽs de ſeiſcentas còres
Andam por aqui ſeguros
Nam lhe ſaem corredores.

Apos

Apos quem torna por si,
E primeiro mata, ou morre,
Não corre o do valle assi
Apos hum tollo assi corre.

3

Bom matador, bom ladrão
Que fugindo arma entretâto
Deyxa acolher Bastião
Que pica, è não rende tanto.
Viue polla tua pena,
Outrẽ prenda, outrẽ cõdene,
Nunca toques no da pena
Em que te as barbas depene.

4

Escreues pello ribeiro,
Anda só ao que he proueito
Has de pagarlhe o dinheiro,
Ganhese a torto, & a dereito.
Deixa andar os encartados
Que tem cheos os caminhos,
De viroloes ouriçados
q̃ são quais porcos espinhes.

5

Come, & bebe, pois te presta,
Não cures das assuadas
Com que vem juntos á festa
Tendouos todos em nadas.
E onde vires hum coytado,
Que em te vendo perde a còr,
Ferra delle homem ousado,
Não se vâ tal mao feytor.

6

Executores da ley,
Auey vergonha algum dia,
Este chama aqui del Rey,
Estoutro chama à valia.
O outro diz em Portugal
De varas não ha hi mingoa,
Desata a bolsa que val,
Traze sempre atada a lingoa.

A ANTONIO
DE SA FVGINDOLHE HVNS Seus moços.

1

Partio Francisco florido,
As màs nouas logo soão,
As Aues mudadas voão,
Criados mudão vestido,
E mais se armadas atroão.
Diz o pay de Salamão,
Que he homem para alegar
Se vos lembra em que lugar,
Quem me comia o meu pão
Tratana de me enganar.

2

Que graça me jà contarão
Ha dias dum Castelhano
A quem criados tal dano
Por vezes lhe assi causarão
Do seu pão, & do seu pano.
Veo o seu dia, & achou
Moços de nouo empenados,
Como os vio adormentados
Os vestidos lhe furtou,
E fugio aos seus criados.

CANTIGA DE
DOM IORGE MANRIQVE
Que o Author grosou.

No se porque me fatigo,
Pues con razon me veci?
No siendo nadie comigo,
Y vos, y yo contra mi.

Yo

Yo por aueros querido,
Y vos a mi desamado,
Cõ vuestra fuerça, y mi grado
Auemos a mi vencido.
Y pues fuy mi enemigo,
En me dar como me di,
Quien osarâ ser amigo
Del enemigo de si?

GLOSA.

DEl tormento fatigado
No se que consejo sigo,
Voy de cuydado en cuydado,
Mas despues en mi tornado,
No se porque me fatigo.

Haz lo que suele el pesar,
Desatinandome assi,
Mas boluiẽdo a en vos pensar
No se de que me quexar,
Pues con razon me venci.

En aquella mi agonia,
Ya no me quexo: mas digo,
Quando fue la prision mia,
Quien ayudarme podria,
No siendo nadie comigo?

Y aun esto no abastó,
Que harto mal era por si,
Que a mi me faltasse yo?
No fuy comigo alli, no?
Y vos, y yo contra mi.

Que diran a tal concierto
Sin mas dilacion cumplido?
Entrâbos me auemos muerto
Vos porque no sé, mas cierto
Yo por aueros querido.

Lo mas como lo sabré?
Que en aquel punto ordenado,
Que a vos los ojos alcé,
A mi desamado me he,
Y vos a mi desamado.

En el mal quando acontece,
Es consuelo el ser forçado,
Tambien esto aqui fallece
Que juntamente parece

Con

Cõ vueſtra fuerça, y mi grado.

Fuerça, en que no cõſentiſtes,
Mas vueſtro poder ſabido,
En que venceis quanto viſtes,
El, y los mis ojos triſtes,
Auemos a mi vencido.

Que lagrimas, y que ruegos,
Alcançaran vn abrigo
En tantos deſaſſoßiegos?
Pues acendi los mis fuegos,
Y pues fuy mi enemigo?

Es la razon natural,
Que cada vno ſea por ſi,
Que a los otros ſere qual,
Para mi fuy, ſe hize mal,
En dar me como me di.

Todos andan a ſu prouecho,
Yo ſolo a mi mal me obligo,
Por mayor que es el deſpecho,
Pero de tan crudo pecho,
Quien oſarâ ſer amigo?

Mas que digo yo, oſarâ
Mejor lo dixera anſi,
Qual peligro detendrà,
Aquel que huyendo và
Del enemigo de ſi?

FIM.